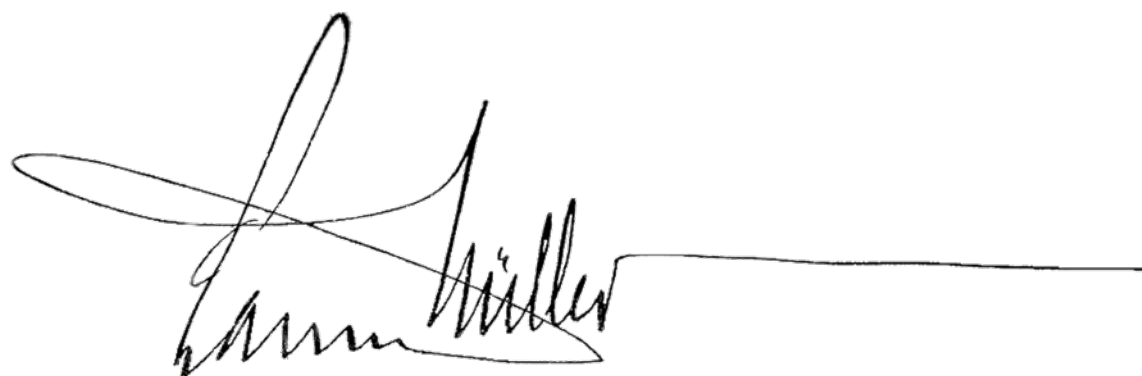




LAURO MÜLLER

LAURO MÜLLER

LÍDER REPUBLICANO

A large, elegant handwritten signature in black ink, reading 'Lauro Müller', followed by a long horizontal line extending to the right.

EDIÇÃO COMEMORATIVA AOS 150 ANOS DE NASCIMENTO

DE LAURO SEVERIANO MÜLLER

1ª EDIÇÃO - 2014



*Fundação Genésio
Miranda Lins*



*Instituto Histórico
e Geográfico de
Santa Catarina*



*Instituto Histórico
e Geográfico de Santa Catarina*

Presidente

Augusto César Zeferino

1º Vice-Presidente

Nereu do Vale Pereira

2º Vice-Presidente

Iza Vieira da Rosa Grisard

Secretário-Geral

Marly Ana Fortes Bustamante Mira

1º Secretário

Maura Soares

2º Secretário

Sara Regina Poyares dos Reis

1º Tesoureiro

Valberto Dirksen

2º Tesoureiro

José Isaac Pilati

Orador

Gilberto Callado de Oliveira



Prefeito

Jandir Bellini

Vice-Prefeita

Dalva Maria Rhenius

Superintendente FGML

Antonio Carlos Floriano

Diretor do Museu Histórico de Itajaí

Agnaldo Pinheiro

Diretor do Museu Etno-Arqueológico de Itajaí

Fabício dos Santos

Diretor do Centro de Documentação

e Memória Histórica

Denílson Roberto Batista

Projeto Gráfico, Diagramação e Arte-final

Rogério Marcos Lenzi

L375	Lauro Müller: líder republicano / organizador: Edison D' Ávila – Florianópolis: IHGSC; Itajaí: Fundação Genésio Miranda Lins, Universidade do Vale do Itajaí, 2014. 168 p. : il., grav. ; 29 cm. ISBN 978-85-7696-134-5 1. Biografia. 2. Müller, Lauro. I. Título. CDU: 929
------	---

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central Comunitária – UNIVALI

Patrocínio



Realização



SUMÁRIO

Apresentação 9

Parte I - Do Centenário de Lauro Müller - Itajaí

Ata da Sessão Solene - Câmara Municipal de Itajaí
..... 15

Lauro Müller: sua vida e sua obra - Abdon Fóes
..... 19

O Lions Clube homenageia Lauro Müller - João Amaral Pereira
..... 23

Lauro Müller: orgulho de Itajaí - Juventino Linhares
..... 27

Lauro Severiano Müller: itajaiense - Henrique da Silva Fontes
..... 33

Lauro Müller e seu centenário - Henrique da Silva Fontes
..... 39

Lauro Müller e o seu Monumento em Florianópolis - Henrique da Silva Fontes
..... 45

Lauro Müller - Almiro Caldeira de Andrada
..... 49

Lauro Müller e o seu Monumento em Itajaí - Henrique da Silva Fontes
..... 57

Parte II - Do Centenário de Lauro Müller - Brasil

Lauro Müller - Hermes da Fonseca Filho
..... 69

A figura de Lauro Müller - Ministro Luís Gallotti
..... 73

Homenagem no Senado - Senador Irineu Bornhausen
..... 77

Centenário de Lauro Müller - Líbero Oswaldo Miranda
..... 85

Lauro Müller: gloriosa figura da República - Brazílio Celestino de Oliveira
..... 93

Parte III - Os Ideais Republicanos - Lauro Severiano Müller

..... 101

Parte IV - Cronologia

Lauro Severiano Müller - Prof. Edison D´Ávila
..... 113

Parte V - Iconografia

..... 121

APRESENTAÇÃO



INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SANTA CATARINA, fundado em 7 de setembro de 1896, comemora, conjuntamente com outras instituições e com a população catarinense, no seu sentido maior, o sesquicentenário de Lauro Severiano Müller, um dos mais eminentes dentre seus membros.

A Instituição maior da memória do Estado de Santa Catarina, idealizada por José Arthur Boiteux, cidadão catarinense natural da região do Rio Tijucas, nasceu para fortalecer os estudos históricos, geográficos e áreas afins do Estado e um ano depois de o governo catarinense haver ingressado no Supremo Tribunal Federal com uma ação para definir os verdadeiros limites com o Estado do Paraná.

Santa Catarina reivindicava, então, seus direitos pela efetiva posse do território estabelecido em 1738, quando da definição dos limites da Capitania de Santa Catarina. Para tanto, o governo estadual designou o secretário do Instituto, José Boiteux, a realizar pesquisas em Portugal e levantar os documentos necessários para instrumentar o processo. Os sucessos da meritória missão repercutiram nas vitórias da causa catarinense, reconhecidas em três decisões da Suprema Corte da Nação.

Lauro Severiano Müller, então com 33 anos quando o IHGSC foi fundado, foi membro de nosso egrégio instituto, tendo testemunhado e participado do tumultuado período das disputas territoriais de Santa Catarina com o vizinho estado do Paraná; momento também de grande significado histórico e sofrimento por conta do conflito do Contestado. Quando de seu falecimento, em 1926, a belicosa situação já havia alcançado a paz, assim como também a alcançou o grande prócere catarinense.

No corrente ano, o IHGSC tem, como um de seus atos mais importantes, a comemoração daquele que lhe deu orgulho e importância no cenário nacional, como estadista, político, governante, administrador, diplomata, militar, acadêmico. Lauro Müller foi exemplo da melhor lavra da inteligência catarinense e brasileira. Daí, sua importância para a historiografia catarinense.

O presente volume, fruto da ousadia e destemor do Município de Itajaí/Fundação Genésio Miranda Lins, em coedição com o IHGSC, reflete condignamente o tributo que se quer prestar ao grande catarinense, que nasceu das terras e águas do grande rio que une serra e mar, perpassando a terra dos imigrantes, e nela inscrevendo um destino chamado Lauro Severiano Müller.

Seu conteúdo, de qualidade superior, traz o escrito e a iconografia que contemplam tanto a vida deste ilustre catarinense como também aspectos da terra onde nasceu e viveu até a adolescência, momento em que foi arrebatado pela inata qualidade de desbravador e conquistador, tanto no final do século XIX quanto no início do século XX.

A publicação traz, na primeira parte, importante documento que diz da Ata da Câmara Municipal de Itajaí em homenagem ao Centenário de Lauro Müller, conferindo presença ao ato pelo filho do homenageado – o embaixador Lauro Müller Filho.

Ilustres cidadão itajaienses - Juventino Linhares, João Amaral Pereira, Abdón Fóes e Henrique da Silva Fontes – têm seus discursos alusivos ao notório catarinense Lauro Müller, proferidos em rádio, transcritos e agora publicados.

Quando do Centenário de Lauro Müller, inúmeras homenagens se deram país afora, incluindo aquelas ocorridas no Rio de Janeiro, como as falas de Hermes da Fonseca Filho, a homenagem dos Correios e Telégrafos com a criação de selo comemorativo e o discurso proferido no Clube dos Engenheiros pelo engenheiro Líbero Oswaldo de Miranda.

As homenagens do centenário se deram, também, em solo catarinense, especialmente em Florianópolis e Itajaí. Na capital do Estado, foi inaugurado monumento, incluindo estátua de corpo inteiro, na chamada Praça Lauro Müller, junto à Avenida Beira Mar Norte. Na ocasião, estiveram presentes o Governador do Estado, Ivo Silveira, o filho de Lauro Müller, o Embaixador Lauro Müller Filho e o Acadêmico Almiro Caldeira de Andrade, Presidente da Academia Catarinense de Letras, cujo discurso proferido na ocasião foi publicado por aquela honrosa instituição. Irineu Bornhausen proferiu discurso no Senado. Dr. Brazílio Celestino de Oliveira fez a homenagem em nome da Maçonaria Catarinense, por conta da Loja Lauro Müller.

Sua memória está muito bem retratada em publicação de outro ilustre itajaiense, Marcos Konder, que em 1944 escreveu publicação cujo título remete diretamente ao homenageado – Lauro Müller. Na página que procede à página título, o autor enuncia a frase de Camões (de Os Lusíadas, canto 8, est. XXXII), que diz: Ditosa Pátria, que tal filho teve.

A presente publicação traz, ainda, como fechamento do texto, extensa cronologia de Lauro Müller. Sua vida e obra passam, assim, a fazer parte definitivamente, e de forma completa, da memória impressa da vida de um dos homens mais importantes deste país e, em especial, de um cidadão por excelência representante da terra catarinense.

O homenageado – Lauro Severiano Müller – foi um *gentleman* da arte de viver. E por isso pautava pela humildade incondicional, daí a procura, pela equipe editorial, neste momento, a amearhar todos os contributos que deixou sobre a terra, o que nos faz lembrar de Carl Ortwin Sauer, antropólogo americano, que disse ser a palavra escrita o legado que o sábio deixa sobre a terra, mesmo quando escritas por outros a seu respeito. Lauro Severiano Müller é um desses seres especiais que o mundo soube produzir vez por outra – um privilégio para a humanidade, eternizado pelo por seus atos de incontestado líder da terra catarinense!

*Augusto César Zeferino,
Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina – IHGSC / 2014.*

PARTE I

DO CENTENÁRIO

DE LAURO MÜLLER

ITAJAÍ

ATA DA SESSÃO SOLENE

A TA DA SESSÃO SOLENE REALIZADA NO SALÃO NOBRE “RUI BARBOSA”, do Edifício da Prefeitura Municipal, em comemoração do Centenário de Nascimento do insigne itajaiense Lauro Severiano Müller. Aos oito dias do mês de março do ano de um mil novecentos e sessenta e quatro, estiveram presentes a esta solenidade os senhores Vereadores Acyr da Silva, José Rodrigues de Araújo, Heluiz Antônio Moraes Gonzaga, Milton Ribeiro da Luz, Ayrton de Souza, Sabino Anastácio Paulo, Horácio Ramos Gonzaga, Helio Mário Guerreiro, Americo Meinicke e Bento Guilherme Pereira. Sob a Presidência do Senhor Vereador Acyr da Silva foi declarada aberta a reunião. Em seguida o Senhor Presidente designou uma comissão, composta dos senhores vereadores Helio Mário Guerreiro, José Rodrigues de Araújo e Ayrton de Souza, para introduzirem no recinto o Excelentíssimo Senhor Celso Ramos, Governador do Estado. Logo após designou mais duas comissões integradas pelos senhores Vereadores Heluiz Antônio Moraes Gonzaga, Sabino Anastácio Paulo, Milton Ribeiro da Luz, Bento Guilherme Pereira, Americo Meinicke e Horácio Ramos Gonzaga, para acompanhar até o recinto desta Casa, os senhores Ivo Silveira, Presidente da Assembleia Legislativa de Santa Catarina; Desembargador Ivo Guilhaon, Presidente

do Tribunal de Contas do Estado; Ministro Olavo Erig; Adão Bernardes, Presidente do Tribunal Regional Eleitoral; Deputado Victor Lima, Corregedor Geral da Justiça; Procurador da República; Eugênio Doin Vieira, Secretário da Fazenda; Mário Tavares Cunha Mello, Secretário da Justiça; Elpidio Barbosa, Secretário da Educação; Ibrahin Simão, Secretário sem pasta; Celso Ramos Filho, Secretário da Viação; Roberto Mattar, Secretário do Trabalho; Fernando de Oliveira, Secretário da Saúde; Desembargador Henrique Fontes; Embaixador Lauro Müller Filho; Ministro Lauro Müller Neto e senhora; Embaixador Araújo Castro, Ministro das Relações Exteriores; J. R. Cotton, Ministro e Cônsul Geral Inglês; Acadêmico Raimundo Magalhães Júnior; Coronel Remo Rocha, Representante do Ministro da Guerra; Tenente Acurcio Rosa; Guilherme Dauer; Geovah de Freitas Amarantes; Ministro Renato de Almeida; General Sapucáia, Representante do Presidente do Clube Militar; Nelson Abreu, Chefe da Casa Civil do Governo do Estado; Professor Nelson Teixeira Nunes, Chefe do Cerimonial do Governo Estadual; Alcides Abreu, Presidente do Banco do Estado; Almirante Murilo do Vale Silva, Comandante do 5º Distrito Naval; Comandante do 14º batalhão de Caçadores; Senadores Irineu Bornhausen e Antônio Carlos Konder Reis; Deputados Federais Alvaro Catão, Aroldo Carvalho, Lourival Batista, Wilson Martins, Geraldo Freire, Osny Regis, Osanan Coelho, Comandantes do 23º Regimento de Infantaria e 13º Batalhão de Caçadores; Eduardo Sólton Cabral Canziani, Prefeito Municipal; Deputado Nilton Kucker; Capitão Sergio Ipiranga dos Guaranis, Delegado da Capitania dos Portos e Representante do Ministro da Marinha; Dr. Osmundo Vieira Dutra, Juiz de Direito; Drs. David Camargo do Amaral e Helio Rosa, Promotores de Justiça da Comarca; Padre Pedro Baron, Diretor do Ginásio Salesiano; e várias outras autoridades Estaduais e Municipais, bem como os ilustres membros da Família de Lauro Müller. Prosseguindo a solenidade, o Senhor Presidente convidou o Embaixador Lauro Müller Filho para descerrar a bandeira do Estado de Santa Catarina, que cobria a fotografia de Lauro Müller. Saudando as autoridades presentes, o Senhor Presidente proferiu o seguinte discurso: “Por uma feliz coincidência, qual seja a de encontrar-me, no momento, à frente do Poder Legislativo itajaiense, coube-me a honra de dirigir da Tribuna desta Casa do Povo, a minha palavra de saudação ao vulto imortal de Lauro Müller, nesta oportunidade, em que o nosso Município, em conjunto com o Estado de Santa Catarina, comemoram o seu indelével e histórico centenário de nascimento. Daí, o motivo que vem de justificar a presente solenidade de tanta significação para esta terra, de Lauro Müller, que o viu nascer, para a glória de Santa Catarina e a grandeza do Brasil. Sobre a

personalidade invulgar do nosso ilustre homenageado, diante do que já foi dito pelos oradores que se pronunciaram, a seu respeito, nesta semana de festas patrocinada pela municipalidade, através da imprensa falada e escrita, somente em síntese, eu poderia acrescentar, como salientei de início, distinguindo em suma, a sua figura impoluta e brilhante no cenário político do Estado e da Federação brasileira, aos quais soube honrar e servir com patriotismo e inteligência. Que o seu exemplo de brasilidade, caracterizado pela célebre frase que imortalizou seu espírito de coragem cívica e moral, esteja sempre presente na memória daqueles que regem atualmente o destino de nossa Pátria, para que possamos continuar vivendo democraticamente livres e soberanamente independentes. Inspirados, portanto, neste princípio de fé patriótica, que foi o apanágio do grande Ministro Lauro Müller, em sua chancelaria, nós, os seus conterrâneos, coestaduanos e patrícios, que representamos nesta comuna Câmara o povo de nossa querida terra, tornamos extensivas as nossas homenagens aos seus ilustres e dignos parentes, que se encontram nesta solenidade, honrando com as suas presenças, cujo comparecimento registramos nos anais desta Casa, com o merecido destaque que é devido a essa insigne e tradicional família Itajaiense, que hoje pertence ao Brasil, como um patrimônio histórico de glória nacional. Assim é que, com essa singela expressão, eu deixo, aqui, consignado o meu sincero agradecimento aos Senhores Governador do Estado e ao Prefeito Municipal desta comuna, bem como a todas as demais autoridades e ilustres visitantes, que nos horam com as suas presenças”. Ao terminar a sua alocução, considerou a palavra livre a quem dela quisesse fazer uso, tendo-se pronunciado a respeito desse memorável acontecimento o General Sapucaia, representante do Clube Militar; Deputado Federal Osanan Coelho, que falou em nome do Presidente da Câmara dos Deputados; Senador Antônio Carlos Konder Reis e, por último, o Embaixador Lauro Müller Filho que, visivelmente emocionado, transmitiu os seus agradecimentos às homenagens tributadas ao seu venerável pai. Não havendo mais oradores a se pronunciar, o Senhor Presidente, ao encerrar a reunião, designou uma nova Comissão de Vereadores para acompanhar o Senhor Governador e as demais autoridades que se achavam presentes no recinto desta Casa, até a porta de saída do Salão Nobre Rui Barbosa.

Aprovada em 14/03/64.

LAURO MÜLLER

SUA VIDA E SUA OBRA

Abdon Fóes

SENHORAS E SENHORES OUVINTES. Quando no dia 8 de março vindouro estivermos comemorando o centenário de nascimento do ilustre brasileiro e insigne itajaiense Lauro Severiano Müller, o Partido Trabalhista Brasileiro não poderá deixar de estar prestando a sua homenagem ao homem que soube ser itajaiense tanto quanto brasileiro.

Antecipando as comemorações que todos os itajaienses estão programando para demonstrar o seu grande reconhecimento pelo imenso trabalho de Lauro Severiano Müller, vem o PTB, pela palavra de seu Presidente, nesta oportunidade, prestar a sua sincera homenagem àquele que soube dignificar Itajaí com seus feitos incomensuráveis.

Lauro Severiano Müller, nascido no dia 8 de março de 1864, dedicou-se muito moço à carreira militar, assentando praça no Exército Brasileiro em 1882, matriculando-se, pouco depois, na Escola Militar. Em 1885 foi promovido a Alferes-Aluno e, em 1888, a Segundo-Tenente, recebendo o grau de bacharel em matemática e ciências físicas. Espírito culto, corajoso, ativo, em breve se distinguiu na propaganda das ideias democráticas.

Fôra dos mais amados discípulos de Benjamim Constante, o espírito filosófico que preparou o advento da República.

Logo depois de proclamada a República, foi promovido a primeiro-tenente do Corpo de Engenheiros e, pouco depois, a Capitão, pelos serviços relevantes prestados à causa republicana. Nessa época, representou o seu Estado natal na Assembléia Constituinte. Combateu, sustentando o governo do Marechal Floriano Peixoto, quando se revoltou a armada nacional, sob a chefia do Almirante Custódio de Melo, em 1898. Foi depois Deputado Federal e Governador do Estado de Santa Catarina. Em 1900 foi promovido a Major por merecimento. Terminado o seu mandato governamental, representou o seu Estado no Senado Federal, durante alguns anos apenas porque voltou ao cargo de Governador.

Quando tomou posse da Presidência da Província, em 1902, o Dr. Rodrigues Alves convidou-o para o cargo de Ministro da Indústria, Viação e Obras Públicas. Data daí a grande popularidade de que gozava Lauro Müller. Essa popularidade foi conquistada pelas obras importantes que então iniciou como, por exemplo, a construção da Avenida Central, hoje Rio Branco, na Guanabara, e a construção e melhoramento de vários portos, inclusive o do Rio de Janeiro. Terminado o Governo Rodrigues Alves, fez uma longa viagem pelos países da Europa.

Voltou ao Senado Federal onde, desde então, representou papel proeminente. Eleito na renovação do terço do Senado renunciou, porém, ao mandato, para aceitar a pasta de Relações Exteriores, que lhe foi oferecida após a morte do Barão do Rio Branco. Para a vaga deste na Academia Brasileira foi eleito em 1912.

Em 1913 fez uma viagem aos Estados Unidos da América do Norte, a bordo do couraçado “Minas Gerais”, para corresponder à visita de Elihu Root ao Brasil; durante essa viagem, a Universidade de Haward concedeu-lhe o título de Doutor em Leis.

É dizendo algo sobre a vida valiosa de Lauro Severiano Müller, que faleceu no ano de 1926, que o Partido Trabalhista Brasileiro lhe presta justa e merecida homenagem a quem nasceu em nossa pequenina Itajaí e projetou seu nome em todo o Mundo.

Mas o que mais se destaca na vida de Lauro Müller é o fato de ter saído de uma província, filho que era de um comerciante, para se projetar na vida pública nacional. Empregando-se no Rio

de Janeiro, como simples caixeiro, ele foi apanhado, várias vezes, pelo seu patrão com o candeeiro aceso... É que o jovem Lauro Severiano Müller, às escondidas, estudava com afinco naquele desejo insopitável de vencer na vida, de se tornar um homem importante. E conseguiu o que quis. Graças, sem dúvida, ao seu esforço, à sua dedicação aos estudos. O seu ingresso na Escola Militar, saindo da caserna, demonstra, de forma exuberante, que Lauro Müller era dotado de privilegiada inteligência, tendo em vista, outrossim, as suas constantes promoções. Eis aí uma faceta de sua vida, que serve de exemplo à mocidade de hoje, mormente aos que pensam que somente os que foram favorecidos pela sorte é que têm possibilidades de se alçar às mais altas posições na vida pública do país.

Acresce, ainda, que o nosso biografado revelou, em toda a sua existência, que possuía um espírito arejado, que se adaptou perfeitamente ao grande centro, às difíceis artimanhas da vida nacional. Ele soube, em todos os tempos, enfrentar os seus adversários, usando sempre muito tato, muita diplomacia. Aos 21 anos de idade, logo após a Proclamação da República, veio assumir o Governo de nosso Estado, o que revela, por outro lado, que era um homem que tinha o senso de responsabilidade, pois, por todos sempre foi muito acatado.

Palestra proferida por Abdon Fóes, Diretor do “Jornal do Povo”, a convite do Prefeito Municipal de Itajaí, na Rádio Difusora, no dia 3 [março], às 18:30 horas, como complemento das comemorações que foram levadas a efeito pelo transcurso do primeiro centenário de nascimento do ilustre itajaiense General Lauro Severiano Müller: Jornal do Povo, Itajaí, 07 de março de 1964.

O LIONS CLUBE

HOMENAGEIA LAURO MÜLLER

João Amaral Pereira

DIRIJO-ME, EM PRIMEIRO LUGAR, AO COMPANHEIRO PRESIDENTE, para agradecer-lhe pelo honroso convite que me fez, para aqui em nosso Clube, exaltar a personalidade do grande Filho de Itajaí, o maior dos Catarinenses, aquele que soube reservar ao Brasil tão altas e brilhantes vitórias diplomáticas e que foi consagrado com o título de HONRA DA AMÉRICA: LAURO MÜLLER

Companheiros:

Há alguns anos atrás, lendo revistas e jornais da 1ª República, fiquei entusiasmado ao constatar que dentro de mais alguns anos, em data que deveria repercutir como badaladas do tempo, os itajaienses seriam chamados a comemorar o 1ª Centenário de nascimento do nosso ilustre conterrâneo e grande estadista, Dr. Lauro Müller.

Aflorou-me então, à ideia, a possibilidade de uma modesta colaboração para as comemorações que seriam programadas. Desde logo, nas oportunidades de minhas viagens, tratei de, nas horas vagas, visitar Bibliotecas Públicas, pesquisando tudo quanto se referisse a Lauro Müller.

Deparei-me então com inúmeros flagrantes fotográficos de sua vida e, sem perda de tempo, tratei de microfilmá-los.

Feitas as ampliações fotográficas senti que o meu entusiasmo cívico se sobrepunha ao meu desejo de permanecer anônimo e levei o material de que dispunha à apreciação de meus maiores na organização onde trabalho, deles recebendo o estímulo de sua interessada apreciação e também a sugestão de expor esse documentário fotográfico em Itajaí e na cidade do Rio de Janeiro como homenagem de instituições da nossa terra ao seu ilustre filho. Mas, das buscas que realizei, inúmeras referências e flagrantes de sua vida me ficaram na memória.

Se brilhante foi a sua carreira militar, desde que assentou praça voluntariamente no Corpo de Alunos da Escola Militar, aos dezoito anos de idade, até receber os bordados de General de Divisão; se brilhante, repito, foi a sua vida de político, de diplomata e de homem culto que ascendeu a imortalidade nas letras com a sua eleição para a Academia Brasileira de Letras, não menos brilhante foi a sua vida de administrador.

Diz Gastão Pereira da Silva que em 4 anos de Governo, Rodrigues Alves fez mais que o segundo império em meio século. E é exatamente nesse período áureo da 1ª República que vamos encontrar Lauro Müller no Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas, ao lado do Rio Branco – o Bismark da Paz – como Ministro do Exterior, justamente quando Rui Barbosa em Haia garantia ao mundo o direito dos pequenos Estados. Nessa época brilhante e memorável em que o grande cientista Oswaldo Cruz movia guerra à febre amarela e Pereira Passos e Paulo de Frontin ajudavam Lauro Müller a remodelar a cidade que Coelho Neto batizou de maravilhosa.

Dizia Rodrigues Alves, quando ainda candidato à Presidência da República, que os defeitos da Capital do Brasil afetavam e perturbavam todo o desenvolvimento nacional e acrescentava que a sua restauração no conceito do mundo seria o início de uma vida nova, o incitamento para o trabalho nas áreas extensíssimas que tinha terra para todas as culturas, clima para todos os povos e explorações remuneradoras para todos os capitais.

Mas para que se operasse a metamorfose, para que se transformasse uma cidade colonial, surgida ao acaso, na cidade maravilhosa, era preciso, antes de mais nada, confiar a missão a verdadeiros administradores.

A 15 de novembro de 1902, Rodrigues Alves assume o poder e convida Lauro Müller para Ministro da Viação e Pereira Passos para Prefeito do então Distrito Federal. Era a vez de Lauro Müller escolher o seu auxiliar imediato para a realização de sua primeira grande obra. E assim nomeia, a sete de janeiro de 1903, o Engenheiro Paulo de Frontin como Chefe de Comissão Construtora da Avenida Central.

Iniciado o importante empreendimento, seiscentos e quarenta e um prédios foram demolidos tendo Lauro Müller estabelecido normas para os prédios que viessem a ser construídos na nova Avenida. O seu asfaltamento, pela primeira vez era empregado no Brasil, foi iniciado em 1904 e, no ano seguinte, a 15 de novembro, foi a Avenida Central inaugurada solenemente.

Surgem novos e belos prédios. O palácio Monroe, a Biblioteca Nacional, os Clubes Naval e Militar, o Teatro Municipal, o Museu e Escola de Belas Artes, o Supremo Tribunal Federal e tantos outros. E se durante muitos anos, até 1912, essa Avenida conservou o seu primitivo nome de Avenida Central, foi por ter Lauro Müller recusado a ela fosse dado seu nome.

O Rio de Janeiro se vestia de novo. É aberto o túnel do Leme, reformado o Campo de São Cristovão, alargadas as ruas da Carioca, Gonçalves Dias e Uruguaiana. É aberta a Avenida Beira-Mar no Flamengo, o viaduto da Central e o Canal do Mangue. É aterrada a enseada da Glória e, finalmente, construído e inaugurado o primeiro trecho de 500 metros do cais do porto do Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo, Lauro Müller põe em execução o seu plano ferroviário de ligação interna do país, recebendo a viação férrea um impulso sem precedentes. Estende a rede telegráfica do país; impulsiona a exploração do carvão nacional; aumenta a frota do Lóide Brasileiro e constrói o porto da cidade do Rio Grande.

Aí está, em síntese, um acervo de relevantes serviços com que na Pasta de Viação galardoou o seu país. E para terminar as minhas palavras, lembro o que Alcino Guanabara, o esteta admirável do pensamento e da palavra, disse de Lauro Müller definindo-o: “uma vontade forte, uma energia contínua, uma tenacidade fria, um querer que não acaba”.

Palestra pronunciada por João Amaral Pereira, na reunião especial em homenagem ao inolvidável itajaiense Lauro Müller, cujo centenário de nascimento foi brilhantemente comemorado. Jornal do Povo, 21 de março de 1964.

LAURO MÜLLER

ORGULHO DE ITAJAÍ

Juventino Linhares

ALTO E MAGRO, A FACE EMOLDURADA POR UMA BARBICHA BEM CUIDADA e bem posta que reforçava a serenidade britânica da fisionomia simpática e respeitável, na qual, o sol trópico, amorenando a pele tisonada de uma coloração de suave palidez afugentava os raros e remanescentes traços da raça de que descendia; era Lauro Müller, o maior dos itajaienses, uma personalidade que envaidecia a todos nós, seus conterrâneos, tanto pela irradiação de seu atrativo como pelos reflexos da sua fulgurante inteligência que o mantinha em permanente evidencia no alto mundo da política e da administração. Admirei a sua presença, sempre desejada e sempre apreciada e aplaudida, nas raras visitas feitas à terra natal nos áureos dias de sua magnífica notoriedade na vida nacional. Ouvi seus discursos na praça pública ou em banquetes e homenagens que lhe foram prestadas nessas ocasiões. Dicção impecável, fala serena e compreensível a todo o auditório, não se alteava ele em arroubos oratórios nem em explosões agressivas ou exaltadas; tudo decorria dentro daquela linha de serenidade e diplomacia, que diplomata foi ele, dos mais completos e conscienciosos que já existiram em nosso país.

Quem o escutasse, após ouvir os outros oradores que o haviam saudado, quase sempre gente moça e ardorosa que empregava frases rebuscadas e sonoras e se esmerava em gestos estudados que mais visavam impressionar o auditório, soerguendo o nome do novo postulante que se iniciava na oratória, poderia convir que Lauro talvez não fosse o orador tão emérito e cintilante como se apregoava. A gente, porém, iria depois perceber a grandiosidade do seu verbo e os reflexos dos conceitos que emitira, quando a repercussão de sua oração se espalhava à distância atingindo as camadas cultas da nacionalidade e infiltrando-se nos conhecimentos dos comentadores da imprensa e entre os que acompanhavam e estudavam os complicados trâmites da política e da diplomacia. Era que o pensamento, exarado assim tão suavemente na palavra sutil e penetrante, ia se acomodar placidamente dentro das convicções alheias, muitas vezes opostas à sua opinião, e aí se conservava perfeitamente digerido e permanentemente aceso. Impressionaram-me a fundo as consequências de um discurso que proferiu durante grandiosa manifestação de apreço que os seus conterrâneos lhe tributaram e por ele pronunciado no jardim da Praça Vidal Ramos, num palanque erigido justamente no local onde agora se levanta o monumento com o seu busto. Pareceu a todos uma oração protocolar idealizada no momento para solver um compromisso de etiqueta. Mas que surpresa estonteante, quando, alguns dias após, os grandes órgãos de divulgação do Rio e de São Paulo a ele se referiam em comentários extensos e nas dissecções aprofundadas de seus tópicos mais vigorosos. O que me levou, porém, às raias da estupefação, foi que a oração proferida na cidadezinha desconhecida, num local oculto pela densidade das frondosas árvores que ali vegetavam, viesse ecoar mundo afora, citado nas colunas da imprensa metropolitana de Londres, Paris e Berlim. Ouvi-o, em outra ocasião, numa assembleia de gala, em que políticos de Santa Catarina e a sociedade itajaiense o homenagearam expressivamente na Sociedade Guarani. Lauro acabara de regressar de uma triunfal excursão pelo Velho Mundo, ocasião em que o Brasil fora pomposamente exaltado através da sua figura proeminente. Como na época se insinuasse intensivamente que na sua vertiginosa ascensão o filho ilustre teria olvidado a terra natal, a ela veio ele se referir com carinho e emoção na fala de encerramento de banquete. E foi com a fisionomia transtornada pela perturbação que violou a sua calma habitual que ele revelou como, numa esplendorosa noite de glória, em meio a um fausto que mais parecia um sonho das mil e uma noites, num rebrilhante salão de Paris, rodeado pelos requintes e pelo deslumbramento da mais refinada civilização, sentindo-se o alvo direto daquelas homenagens prestadas à sua Pátria, que ele tinha ali a honra inigualável de representar, a saudade da

terra natal, modesta e longínqua, veio alancea-lo pungentemente e ele não conseguiu esconder as duas lágrimas furtivas que lhe deslizaram pela face, quando, no recesso de todo aquele esplendor, o seu pensamento recuou no tempo para fixar-se na lembrança do menino pobre e despreocupado que, no passado distante e feliz, percorria as matas que circundavam o povoado, deliciando-se na “cata dos araçás da Fazenda e das goiabas do Rio Pequeno”.

Lauro, desde a infância, apresentou demonstrações inequívocas de sua inteligência privilegiada. Era um purista da linguagem, qualidade que trouxera do berço. Filho de estrangeiros, desenvolvendo-se no meio rústico da época e convivendo certamente com companheiros que se expressavam desmazeladamente no vernáculo, foi conhecer as primeiras letras na escola do mestre Justino, homem de poucas luzes que abandonara as lides da lavoura para fixar-se na povoação surgente como único mestre-escola encarregado de abrir clareiras na ignorância da criançada. Cioso, já naqueles seus dez ou doze anos, do emprego acertado das expressões, vale lembrar, para confirmação, o episódio que por ele próprio narrado de uma referência, feita certo dia em aula, ao “polvilho de araruta”, recebendo do mestre a observação de que o termo não era “araruta” e sim “laruta”, o que evidencia que o aluno rudimentar já conhecia melhor a língua que o próprio mestre.

Detentor de profundos e dilatados conhecimentos, Lauro Müller deve ter sido um prodígio de perspicácia e observação, pois jamais se revelando um apreciador e devorador de livros acumulou tamanho cabedal de sabedoria como outros pesquisadores do esforço alheio jamais conseguiram amear. Nem mesmo à escrita fora afeito e preferia, por esse motivo ou por sagacidade política, encarregar um emissário de levar a grandes distâncias suas sugestões ou observações, a confiar sigilosamente a um retângulo de papel o projeto concatenado ou a inspiração que precisava ser encadeada. E por isso ficaram consideradas raridades as suas cartas, que nem se conhecem meia dúzia. E assim, sem mesmo haver escrito um livro ou um panfleto foi eleito para ingressar na Academia Brasileira de Letras!

Segundo seus íntimos, a palestra de Lauro tinha grande poder de atração, era transbordante de ironia fina e delicada, incapaz de ferir suscetibilidades e sempre entremeada de uma verve elevada e hábil. Apreciava com entusiasmo as boas anedotas e muitos dos seus ditos espirituosos ficaram gravados na imprensa da época. Álvaro Moreyra narrou, em uma de suas crônicas, que Lauro, quando ouvia dizer que alguém enlouquecera, perguntava, para certificar-se: “Ele já rasgou dinheiro?”. Ministro do

Exterior em 1917, assinou o rompimento de relações com a Alemanha. Chovia torrencialmente na hora e uma grande multidão sob guarda-chuvas, em frente ao Itamarati, reclamava a declaração do Estado de Guerra. Lauro assomou à sacada, ouviu os brados do populacho e observou, sereno: “Povo heróico, o brasileiro. Reclamar guerra com a Alemanha com uma chuva destas”.

O fato de ser filho de alemães serviu de pretexto para que seus adversários o desancassem com violência, o que o levou a demitir-se da pasta, quando previu que a guerra se tornaria inevitável. É dessa época a sua famosa frase de represália aos que o consideravam simpático à causa germânica: “Quem nasce nesta terra ou é brasileiro ou é traidor”.

Grandes e inequívocas foram, portanto, as demonstrações de patriotismo e de brasilidade oferecidas por Lauro Müller na sua proveitosa e fértil existência, toda ela dedicada à Grande Pátria que constituiu o enlevo e a preocupação dos seus labores e das suas cogitações. Inúmeros foram os postos de responsabilidade e as posições eminentes que Lauro exaltou com os reflexos da sua inteligência privilegiada e da sua vontade superiormente disciplinada, tendo sempre triunfado nas mais complexas missões atribuídas à sua capacidade. Foi Governador do seu Estado natal; Deputado por três vezes; Senador; Engenheiro Militar; Ministro da Viação no Governo de Rodrigues Alves e foi, sob a sua ação, que a Capital da República se transformou em uma das mais belas e saneadas cidades do mundo; Ministro do Exterior, escolhido para suceder esse gigante da nossa diplomacia que foi o insuperável Barão do Rio Branco; Embaixador de nossa Pátria em várias missões extraordinárias em países estrangeiros. Em todos esses postos que ele dignificou pelo seu saber e honrou pelo seu trabalho, deixou Lauro Müller inapagáveis afirmações da sua mentalidade construtora e política. O seu nome foi, muitas vezes, lembrado e sugerido para ocupar a sua suprema magistratura do país, a que só não ascendeu por ser filho de um Estado de fraca expressão eleitoral, numa época em que o valor dos políticos era influenciado pelo sustentáculo eleitoral que poderia advir de sua região de origem.

O seu nacionalismo decidido e firme constituiu-se no ponto de apoio em que se afirmavam os elementos que batalhavam pela nacionalização dos filhos de alemães que, nascidos embora no Brasil, conservavam-se estrangeiros pela língua, pelos usos e pelos costumes, recusando a se adaptarem à nacionalidade de sua verdadeira Pátria. Lauro tornara-se, portanto, para os que se empenhavam na causa da nacionalização, o argumento irrespondível e o fanal triunfante do princípio regenerador.

Numa terra onde os políticos se enriquecem com relativa facilidade, Lauro Müller chegou ao fim da vida abeirado da falência, resposta única e ponto final à campanha de maledicência de periodistas irresponsáveis que instigaram, em varias ocasiões, haver ele se enriquecido com os proventos dos cargos que ocupara. Não legou, portanto, aos seus descendentes, riquezas materiais, mas o exemplo da perseverança no trabalho, da honradez política, do devotamento à Pátria e de um nome entrelaçado com indestrutíveis liames de aço à gloria e ao progresso da Nação brasileira.

Cumpra agora Itajaí o seu dever de reconhecimento ao filho ilustre neste centenário do seu nascimento. Evocando os feitos de sua profícua existência, exaltando a sua personalidade invulgar, evidenciando o seu imperecível valor de homem que venceu e dominou pelo espírito, o seu vulto resplandece e se avanta perante a geração atual que mais se preocupa com as lutas e conquistas materiais. Nós hoje recordamos a personalidade de tão ilustre conterrâneo com angústia, veneração e saudade e imploramos a Deus que, do exército de catarinenses que ora transita pelos cursos superiores do nosso Estado, inspirados no exemplo e na trajetória luminosa de Lauro Müller, surjam novos elementos capazes de palmilhar a mesma senda de patriotismo, de segurança e de altivez que o tornaram o vulto excepcional da Pátria Brasileira e glória e orgulho da terra catarinense.

Palestra proferida pelo jornalista Juventino Linhares, na Rádio Difusora, durante as comemorações do primeiro centenário de nascimento de Lauro Müller. Jornal do Povo, 21 de março de 1964.

LAURO SEVERIANO MÜLLER

ITAJAIENSE

Henrique da Silva Fontes

PREZADOS RÁDIO-OUVINTES: MEUS QUERIDOS ITAJAIENSES (e, para mim, itajaiense é quem trabalha em Itajaí ou por Itajaí), estudantes de Itajaí. Repito: estudantes de Itajaí, porque é principalmente com os que frequentam escolas que eu, velho professor, convocado para a festa centenária de Lauro Müller, desejo conversar sobre ele, na terra que foi seu e meu berço.

Os políticos, os parlamentares e os homens de governo, que falem de Lauro Müller como político, como parlamentar e como administrador; e muito têm eles para louvar neste mestre de nobre e alta política, neste general de arregimentação partidária e no clarividente e corajoso governador e ministro. Os diplomatas, os que estudam a vida internacional, que tratem do sucessor e continuador do Barão do Rio Branco, sendo de lembrar que o Itamarati, nestes dias, instituiu a medalha de Lauro Müller, e fez a sua comemoração pela palavra autorizada de Afonso Arinos de Melo Franco. Os homens de letras, pois que Lauro Müller foi um dos imortais da sua Academia Brasileira, que o celebrem como pensador, escritor e mestre de conversação, conforme outrora o fizeram os Acadêmicos Afonso Celso e Dom Aquino Corrêa.

Escutai, meus caros estudantes, todos esses e muitos outros exaltadores de Lauro Müller e, dest'arte, fortalecereis o vosso orgulho pelo nosso glorioso conterrâneo. Mas escutai, também, eu vos peço, o velho professor, que vai falar-vos nesta qualidade de professor e como se o fora de escola primária, com a singeleza, a simpatia e o otimismo, requeridos por uma lição de educação moral e cívica, tomada em passos da vida de Lauro Müller.

Meus esperançosos estudantes e meus bondosos rádio-ouvintes: Lauro Müller, aqui nascido, aqui se fez rapaz, participando das atividades e das travessuras dos da sua idade, armando arapucas e caçando de gaiola; remando, nadando e pescando siris com puçá, no Rio Itajaí. Dizem que se salientava como organizador e dirigente de brinquedos; e consta que fez educação física, a seu modo, exercitando-se no jogo da capoeira com o ágil preto Desidério, morador na Praia da Fazenda.

Nas duas escolas que frequentou, - a pública do mestre Justino de Sousa e a alemã, - foi o primeiro aluno. Acabado o escasso curso primário, em que havia de empregar-se, em Itajaí? Não lhe agradava o balcão da pequena casa comercial do pai, como não o seduziu o ofício de ajudante de corrente em turma de medição de terras. Futuro, certamente, ele o teria no Rio de Janeiro; e para lá foi, passageiro de um navio de vela, para tentar fortuna; lá arranjou colocação no comércio; mas, pouco depois foi despedido, por falta de aptidão para coisas mercantis.

Este desengano deu-lhe outro rumo à vida; e, ajudado por um tio, matriculou-se num colégio secundário em Niterói, conseguindo em 1882, aos 18 anos, ingressar na Escola Militar; lá, tendo feito curso distinto, bacharelou-se em matemáticas e ciências físicas, em 1888. Já no posto de Tenente, teve parte ativa nos acontecimentos de que resultou a Proclamação da República e foi nomeado Governador do Estado de Santa Catarina. Contava então 26 anos incompletos.

“Rapaz de sorte”, - hão de ter dito os seus contemporâneos. Concordemos com eles; Lauro Müller teve realmente sorte, como se lhe abrir, tão cedo, uma tão alta e decisiva oportunidade; mas frisemos que ele se recomendara para o cargo pelo esforçado e bem aproveitado curso militar; e frisemos também que, pelo ponderado desempenho no governo de Santa Catarina, se credenciou para funções de maior responsabilidade. A esforçada e bem aproveitada vida estudantil de Lauro Müller deve ser realçada nesta nossa lição de moral e civismo.

Imaginaí o que seria o nosso Itajaí, há 85 anos, lembrados de que hoje ainda aqui não temos, no ensino secundário, o curso clássico nem o científico. Lauro Müller saiu daqui já rapaz feito, com fraco ensino primário; e, por muito vivo e desembaraçado que fosse, saiu com as maneiras e o falar de gente pouco urbanizada. Mas, graças à sua inteligência privilegiada, graças à sua força ascensional, e graças principalmente à sua diligência perseverante, dentro em pouco, subiu ao nível de estudante secundário, depurou-se de rusticidades, supriu deficiências, adquiriu trato de cidade grande, despiu-se em fim da casca grossa, e pode ombrear com os nascidos em meios cultos, no Rio de Janeiro, na Bahia, em São Paulo, no Recife; e pode concorrer com os filhos de pais poderosos na política e na economia ou influentes no exército.

Podem-se examinar os atos da vida pública de Lauro Müller, desde os primeiros, e verificar-se-á que neles transparece um provinciano ou um rapaz nascido e criado numa cidadezinha do litoral. Tudo, graças a uma inteligência realmente superior, que foi robustecida por inquebrantável força de vontade. O exemplo de Lauro Müller deve ser meditado por todos os estudantes e, muito particularmente, pelos de Itajaí.

Outro ponto da nossa lição é a firmeza de convicções de Lauro Müller. A Escola Militar era então agitada pelo positivismo de Augusto Comte e pelo materialismo de Hebert Spencer. Propugnador do positivismo era prestigioso professor (Benjamim Constant, também evangelizador da República). Lauro, que era um dos seus alunos diletos, seguiu-o nas ideias republicanas; em religião, porém, nunca se afastou daquele em que fora batizado a 15 de março de 1864 na igreja de Itajaí, que é a nossa Matriz velha e que ele imediatamente visitava, quando vinha à terra natal.

Lauro Müller nunca fez segredo de sua crença no “ser misterioso a quem chamamos Deus”, que ele sentia “sempre, atrás das aparências, acima da ciência, acima da razão, um ser que vem na história, a par das consciências”. E declarou-o em verso: “A ciência não pode além do conhecido / Deter a crença humana e derrocar a fé”.

Outro fato. Na primeira Grande Guerra, era Lauro Müller Ministro das Relações Exteriores; e, pela sua voz protestou o Brasil contra a violação da neutralidade da Bélgica, praticada pela Alemanha; protestou também contra a guerra submarina alemã e aceitou o bloqueio inglês; e rompeu relações diplomáticas com a Alemanha e seus aliados, ao ser torpedeado o nosso primeiro navio.

Mas, por ser Lauro Müller de sangue alemão, erguiam-se contra ele desconfianças apaixonadas. Ele compreendeu a situação e, com serena dignidade, renunciou ao cargo; mas nunca, para se mostrar brasileiro, amaldiçoou o sangue que tinha nas veias. Ele se sentia integralmente brasileiro; patriotismo é sentimento, é fato moral; não é fatalidade biológica.

Sabem os que, como eu, conheceram Lauro Müller que ele, a não ser o físico, nada tinha de germânico. Saiba-se que fora criado dentro dos costumes brasileiros, porque seus pais, Pedro Müller e Dona Ana Müller, embora alemães natos, tinham como língua familiar a língua portuguesa.

Foi dito que o jovem Lauro Müller, despindo-se da sua casca grossa, adquirira trato de gente de cidade grande, mas é de esclarecer que este seu polimento ele o fez sem prejuízo da simplicidade, que sempre conservou, sem nunca procurar esquecer a vida que levava na sua cidadezinha. Que o diga Marcos Konder, um dos mais fervorosos Lauristas: “Era mesmo um encanto ouvi-lo desfiar o rosário dos episódios de rapaz, contados com aquela verve e graça, tão peculiarmente suas, que o faziam um dos mais agradáveis palestradores da sua época”.

Foi, toda a vida, um apaixonado pelo seu torrão natal; e o revelava nos menores atos, até quando, já Senador e Ministro, encomendava no mercado um bagre seco, mulato velho chamado, para comê-lo com o seu pirãozinho de mandioca. E Edmundo da Luz Pinto, que conviveu com Lauro Müller, dá também seu depoimento sobre essa simplicidade meio cabocla: “Era de vê-lo saborear uma feijoada completa, uma tainha com pirão de mandioca e bastante pimenta, um cafezinho a cada instante, acompanhado de cigarros de palha e seguido de uma fogueira de fósforos, que ele costumava fazer dentro do cinzeiro”.

Edmundo da Luz Pinto registrou e divulgou este episódio, em que fala a voz do coração:

Minha vida - confidenciou-me uma vez, humilde e comovido, Lauro Müller - é um conto de fadas... Quando, Chanceler do meu país, regressava de uma das minhas viagens à América do Norte, após ter sido hóspede do Presidente dos Estados Unidos e do Vice-rei do Canadá, e entrei na Guanabara a bordo do “Minas Gerais”, recebendo salvas das fortalezas, tendo a impressão de que o próprio Pão de Açúcar me tirava o chapéu, insensivelmente o meu espírito fugiu, num arrebatamento grato e enternecido, para os longes do dia em que cheguei menino, pobre e de tamancos, à mesma baía maravilhosa, embarcado num navio-gaiola, para arranjar uma colocação

de caixeiro no comércio. Desde esse dia - concluía Lauro, reconhecido – nunca mais pude ter nem queixas nem ressentimentos, porque aquele instante triunfal me fez compreender toda a generosidade com que Deus e a minha Pátria cumularam a minha existência.

Aqui, com esta amorável confissão de Lauro Müller, deveria terminar a nossa lição. Seria fechá-la com chave de ouro. Mas outras palavras de Lauro Müller, também com brilho e valor de ouro, hão de encerrá-la. Antes, quero deplorar que a morte do preclaro Edmundo da Luz Pinto nos tenha privado de conhecer outras recordações, que, segundo me disse em carta, pretendia escrever sobre o “nosso grande homem” e seu “inesquecível amigo”. Na carta, citou um dito pitoresco, merecedor de meditação dos itajaienses.

Lauro Müller, - contou Edmundo - falava no “Convento de Itajaí”, assim designando a terra do seu berço, onde são comuns, - dizia, - “as qualidades de argúcia, equilíbrio e lucidez que me atribuem”. Constantemente, ao referir-se aos Konder, acrescentava com malícia: “Não sou o único frade do Convento de Itajaí”.

Estais ouvindo, meus queridos itajaienses e, muito particularmente, meus esperançosos estudantes; estais ouvindo o bom conceito em que Lauro Müller tinha a sua gente, conceito a que devemos dar confirmação. A ternura de Lauro Müller para com a terra e a gente de Itajaí foi, como ouvistes, matéria substancial desta nossa lição de moral e de civismo. Lembrei que ele não se esqueceu daquele que o treinara esportivamente, o capoeira Desidério, a quem proporcionou tranquilos dias de velhice, num emprego nas obras do nosso porto.

Venham, finalmente, as palavras líricas e místicas com que Lauro Müller magnificou o seu e nosso Rio Itajaí: “Rio sagrado, cujas águas vi embevecido, na minha infância, correrem no seu leito natural e belo, e hoje, ausente, revejo, correndo no leito, que a saudade lhe criou, eterno na memória do meu coração”.

Palestra do Professor Henrique da Silva Fontes lida na Rádio Difusora de Itajaí a 7 de março de 1964.

LAURO MÜLLER

E SEU CENTENÁRIO

Henrique da Silva Fontes



DIA 8 DE NOVEMBRO DE 1863 SEMPRE FOI TIDO COMO O NATALÍCIO de Lauro Müller e, como tal, era o dia correspondente comemorado todos os anos. Outra data, entretanto, foi exarada na biografia que o Almirante Henrique Boiteux publicou na série “Santa Catarina no Exército”, biografia manifestamente apoiada em assentamentos militares. Lá está: 8 de março de 1864.

Afigurou-se-me, a princípio, lapso de cópia. Mas, dentro do critério de não subestimar os conhecimentos alheios e de admitir que neles esteja o acerto e nos meus o erro, segui o caminho seguro: procurar o termo de batismo. Encontrei-o, sem maior dificuldade, no livro respectivo dos anos de 1864 a 1869 da Igreja Matriz de Itajaí, a folhas três; e o termo confirma a informação de Henrique Boiteux, porquanto dá Lauro como batizado a 15 de março de 1864 com sete dias de vida, o que significa: nascido a 8 de março do mesmo ano de 1864.

Dei publicidade ao termo, aventando uma explicação para a divergência de datas. O nome completo de Lauro Müller é Lauro Severiano Müller. Ora, Severiano é um santo inscrito no Martirológio Romano a 8 de novembro; é, pois, de presumir que, para festejar anualmente o

advento do filho, os pais de Lauro, que eram alemães, seguindo costume do seu povo, preferissem o dia do santo onomástico ao dia do nascimento.

Seja como for, - comentei, - o caso é que está oficialmente registrado o dia 8 de março de 1864 como sendo o da entrada de Lauro Müller para o mundo.

Isto, com outras considerações, publiquei eu, a 8 de março deste ano, data do nonagésimo nono aniversário de Lauro Müller; e, agora, renovo a esperança que então expressei: “O dia correspondente do ano de 1964 não pode ser olvidado pelos catarinenses, e nele pode estar cumprido o mandamento da Constituição Estadual de 1947: O Estado mandará erigir, dentro de cinco anos, em Florianópolis, um monumento a Lauro Müller” (Ato das Disposições Transitórias, art. 23).

E acrescentei, e ora repito, confiadamente: “Temos a palavra do Senhor Governador que tornará efetivo o mandamento”. E lembro que esta palavra do Governador Celso Ramos foi dada perante o construtor de Brasília, Presidente Juscelino Kubitschek, que, em discurso proferido na véspera, em festa universitária, a todos surpreendera com a informação de que foi Lauro Müller quem fez incluir na Constituição Federal de 1891 a mudança da Capital do Brasil para o planalto central.

Parece-me bem firmada a data do centenário natalício de Lauro Severiano Müller: 8 de março de 1964; mas, nem por isso, deixo de associar-me aos que preferirem o tradicional dia onomástico; e, para tanto, no dia de S. Severiano de 1963, trago a minha homenagem, contando casos da família do meu glorioso conterrâneo.

Para começo de conversa, sirva o citado termo de batismo, que é o seguinte:

Lauro - Aos quinze dias do mês de março de mil oitocentos e sessenta e quatro nesta Matriz do Santíssimo Sacramento e de Nossa Senhora da Conceição da Vila de Itajaí, batizei e pus os santos óleos ao inocente Lauro, com sete dias de idade, filho legítimo de Pedro Müller e de sua mulher Ana Maria Miguellis Müller, neto por parte paterna de João Müller e de Maria Raimácola e por parte materna de Adão Miguel e de Maria Gertrudes. Foram padrinhos José Faustino Gomes e Joaquina Maria Ettur. E para constar, mandei fazer este termo, que assino. O Vigário João Domingos Álvares Veiga.

Neste mesmo dia 15 de março de 1864 e na mesma cerimônia em que Lauro se tornou cristão, três outras crianças com ele entraram para o grêmio da Igreja: uma menina, filha do

padrinho de Lauro; e dois meninos, Olímpio e Conrado, filhos de José Dias de Miranda e de D^a. Maria Leopoldina de Miranda: Olímpio, nascido a 19 de janeiro de 1862, afilhado da mãe de Lauro, sendo padrinho Januário Joaquim da Silva, e Conrado, nascido a 23 de setembro de 1863, afilhado dos pais de Lauro.

A menina, que tomou o nome de Leocádia, nascera a 21 de dezembro de 1863; era, como foi dito, filha do padrinho de Lauro; e acrescenta-se agora que era sobrinha de Lauro, pois era irmã de Lauro sua genitora, D^a. Matilde Müller Gomes. E saiba-se que era a primeira neta de Pedro Müller e de D^a. Ana Müller e que eles foram os seus padrinhos.

Naquela altura, além de D^a. Matilde e de Lauro, tinha o casal os seguintes filhos: Maria Carlota, Pedro Müller Júnior, Amélia Catarina, Eugênio Luis e José Geraldo. Urbano e Carolina nasceram mais tarde. Urbano em 1869, Carolina em 1870. D^a. Maria Carlota já seria noiva do conterrâneo Manoel Agostinho Demoro, pois com ele se casou três meses depois, a 28 de junho daquele ano de 1864.

Supérfluo é esclarecer ao leitor que os fatos genealógicos citados e suas datas procedem da mesma fonte de que saiu o termo de batismo de Lauro. Impõe-se, porém, informa-lo de que os livros antigos da Paróquia de Itajaí se encontram no Arquivo da Arquidiocese de Florianópolis, a salvo dos inimigos de papéis (gente e bichos), sendo a sua consulta facultada a estudiosos, medida altamente louvável do Senhor Arcebispo Dom Joaquim Domingues de Oliveira, instituidor do Arquivo. Impõe-se também encarecer o préstimo dos assentamentos eclesiásticos para reconstituir a história dos territórios paroquiais, porque, entremeados nos elementos individuais requeridos pelo registro religioso, outros se configuram, multiformes e fidedignos, de caráter coletivo. Assim, na sumária vista para colher dados sobre os Müller, esbarrei, no livro de óbitos, com um surto de varíola na cidade e com um de “câimbras de sangue” no “outro-lado”.

No mesmo livro, em face da indicação da rua de onde saiu o féretro, ficou o traçado da cidade nos últimos tempos da Monarquia: Rua da Matriz (que é a atual Hercílio Luz), Rua Dom Pedro II (que é a Lauro Müller, nela nascido), Rua do Comércio (que é a Dr. Pedro Ferreira), Rua Municipal (que é a Quinze de Novembro), Rua da Vitória (que é a Felipe Schmidt), Rua das Flores (que é a Sete de Setembro e que identifiquei por dois moradores dela, meu tio Antônio Inácio da

Silva, mestre tanoeiro, e Antônio da Costa Flôres, mestre ferreiro), Rua Quinze de Julho (ao que me parece, ainda com o mesmo nome) e Rua Conde d'Eu, que ainda não identifiquei.

De outra parte, nos batizados e nos casamentos, fica assinalada a estimação de que, pela frequência, gozam os padrinhos e testemunhas, havendo elementos para interessantes sociogramas. Material para um deles já está nos batizados do dia 15 de março de 1864, no compadrio do casal bem brasileiro José Dias de Miranda e D^a. Mara Leopoldina de Miranda com o casal de alemães natos Pedro Müller e D^a. Ana Miguellis Müller.

Voltemos, porém, aos filhos deste casal.

D^a. Matilde, como sabemos, era casada com José Faustino Gomes. Ouvi contar em Itajaí (e vou referir o caso, porque feiura não é defeito; mas, mesmo assim, peço me relevem a indiscrição os netos e meus amigos Telegrafista-chefe João Alcântara da Cunha, Marechal Olímpio Falconieri da Cunha e Engenheiro-agrônomo Nemésio Gomes da Cunha – ouvi contar que José Faustino Gomes, que era natural de São Francisco, tão logo se casou, foi à terra natal em companhia da esposa, para que lá, de onde saíra com o apelido de “Juca Feio”, todos tomassem conhecimento de que ele se casara com a mais linda moça de Itajaí.

D^a. Maria Carlota, como foi dito, consorciou-se com Manoel Agostinho Demoro. Foi professora, e minha Mãe, que foi sua aluna, sempre dizia bem de D^a. Mariquinha Moura, como era chamada, porquanto o sobrenome italiano *Demoro*, andava, na boca do povo, aportuguesado em *de Moura*, aportuguesamento que um ramo da família adotou. Do casal criaram-se dois filhos: Pedro e Jenny. Pedro Luís Demoro, conhecido por Pedro Inglês, por causa do cabelo avermelhado, foi comandante enérgico e disciplinador da nossa Polícia Militar e pôs ordem no então turbulento distrito do Estreito, onde residia. D^a. Jenny Demoro de Oliveira casou-se e deixou descendência; e, depois de viúva, foi professora da Escola Normal.

Pedro Müller Júnior casou-se, a 2 de março de 1874, com a D^a. Maria Luísa Büchele, sua prima-irmã, filha de Aloys Büchele e de D^a. Catarina Mari Miguel. É figura misteriosa de Itajaí, de onde se sumiu, sem que dele, ao que me conste, se houvesse mais nenhuma notícia. Mas, para tranquilidade de sua honrada descendência, que hoje figura em altas e até altíssimas posições, diga-se que deixou fama de homem bom, de homem pobre que se compadecia dos mais pobres, e nunca

se lhe atribuiu crime ou deslize indecoroso, capaz de explicar o desaparecimento. Era, mais ainda, bem casado, e sua esposa, que se fez professora, deu aos filhos – três mulheres e um homem – cuidadosa educação e bem os encaminhou na vida e no trabalho. Foi seu genro o Desembargador Ayres de Albuquerque Gama.

D^a. Amélia Catarina Müller casou-se, a 22 de fevereiro de 1879, com Jacinto Gonçalves dos Reis, português, deixando descendência: três mulheres e três homens. Um de seus filhos – Antônio Müller dos Reis, meu fraternal amigo, - foi Comandante da Marinha Mercante, tendo chegado a Diretor do Lloyd Brasileiro e mostrou apreciáveis qualidades de escritor. D^a. Amélia foi excelente professora de meninas em Itajaí, cargo em que se aposentou.

Eugênio Luís Müller casou-se, a 22 de novembro de 1879, com sua prima-irmã D^a. Guilhermina Cristina Büchele, filha de sogros de seu irmão Pedro. Eugênio Müller foi figura de relevo na política de Santa Catarina, o que fato sabido; mas o que muitos ignoram é que foi homem de aguda inteligência, de boa cultura adquirida por esforço próprio, e que, mesmo sem a influência de Lauro, poderia alcançar os postos a que se alçou. Era, como Lauro, conversador e espirituoso. Assim, não dava confirmação aos que o diziam irmão de Lauro. Corrigia: “Não. Lauro é que é meu irmão, porque eu nasci antes dele”. Essa viva e operante inteligência herdou-a seu filho José Eugênio Müller, que também não fez nenhum curso regular e que, na vida pública, sempre revelou nível universitário.

O nome de José Geraldo Müller caiu em esquecimento. Mas sei, pelo que ouvi de minha mãe, que era uma das esperanças da família e da terra natal, pelo grande talento, pela aplicação aos estudos e pela natural bondade. Foi estudar no Rio de Janeiro e lá adoeceu, vindo extinguir-se junto aos seus parentes. O mesmo aconteceu com outro excelente moço de Itajaí, filho do advogado Luís Fortunato Mendes. Houve desolação e, em prejuízo da cidadezinha, houve pavor nas famílias, que perderam o ânimo de mandar os filhos estudar, porque, no Rio de Janeiro, além da febre amarela, que era perigo geral, e das perdições de cidade grande, que é perigo para a mocidade, havia para os moços estudiosos, as insídias das doenças do peito. Do óbito de José Geraldo Müller ficou registro a 28 de dezembro de 1881: José Geraldo Müller, 21 anos, militar, filho de Pedro Müller, já falecido, e de sua mulher Ana Maria Müller.

Falta-nos falar de Urbano e de D^a. Carolina.

Urbano, como ficou dito, nasceu em 1869. Fez vida fora de Itajaí e correu muito Brasil, o que sei de ouvida vaga. Sei, entretanto, com certeza, que andou pelo Território do Acre, onde fora amigo de um amigo meu, o Desembargador Vieira Ferreira, que lá foi Juiz Federal. Contou-me ele que Urbano desconfiava da própria capacidade para guardar dinheiro e que, por isso, o fazia depositário do excedente nas quadras prósperas, para ser procurado nas ocasiões de aperturas.

D^a. Carolina Aurora casou-se, a 22 de julho de 1886, com Júlio Salles, filho de Guilherme Ferkenhopf e de Maria Minch, natural de Sarkenberg e batizado em São Miguel. Era alemão nato, sendo o nome de Salles tomado da família que o criou como filho, pois em tenra idade perdeu pai e mãe. O nome de *Müller Salles* identifica os descendentes do casal, que honram a estirpe dos Müller.

Muitos outros casos poderia eu contar da gente de Lauro Müller. Mas, para terminar, só um narrarei e comentarei. Sabido sempre foi em Itajaí que Pedro Müller e D^a. Ana Müller não ensinaram alemão aos filhos, fato estranho, porque a língua alemã era a doméstica não só em famílias de alemães natos, ou de descendentes de alemães, mas até, às vezes, em casas em que só um – marido ou mulher – era de sangue alemão.

Na casa de Pedro Müller e de D^a Ana Müller, falava-se, porém, português, que outra língua não conheciam os filhos. Dizia-se que era defesa dos pais, para conversarem à vontade, sem que os filhos os entendessem.

Não. Para mim, outra era a causa. Para mim, os alemães Pedro Müller e D^a. Ana Miguellis Müller tinham clara consciência da condição dos filhos e anteviam o seu porvir: o Brasil era a sua Pátria, e desta sua Pátria a língua portuguesa era a nacional e soberana.

Deo gratias!

16-12-63.

*FONTES, Henrique da Silva. **Pensamentos, palavras e obras.** Ed. do Autor. Florianópolis. (Terceiro Caderno – De Itajaí – Primeira Parte). 1963. Publicado a 8 de novembro de 1963.*

LAURO MÜLLER

E O SEU MONUMENTO EM FLORIANÓPOLIS

Henrique da Silva Fontes

A O TER A HONRA DE, NO AEROPORTO HERCÍLIO LUZ, apresentar votos de boa viagem ao Senhor Senador Juscelino Kubitschek de Oliveira, hoje mais vinculado à nossa Universidade como professor *ex-honoris causa* da Faculdade de Filosofia, disse eu a Sua Excelência, em presença do Senhor Governador Celso Ramos:

Senhor Presidente, Vossa Excelência deu uma lição a estudiosos catarinenses, com a referência de que o catarinense Lauro Müller foi quem fez incluir na Constituição Federal de 1891 a mudança da Capital do Brasil para o Planalto Central. Eu, que não me tenho em conta de historiador, embora alguma coisa haja escrito sobre história, desconhecia este fato. E sei também que o desconhecia o Dr. Oswaldo Cabral, que é historiador.

E o Dr. Oswaldo Cabral, que era um dos circunstantes, confirmou a minha asserção. E continuei:

Pois bem, Senhor Presidente, vou aproveitar a referência para tratar do centenário de Lauro Müller, que ocorrerá proximamente. E dirijo-me agora ao Senhor

Governador Celso Ramos, assinalando que a Constituição Estadual de 1947, - e aqui está presente o Dr. Oswaldo Cabral, que foi um dos que a votaram, - determinou que o Estado levantasse um monumento a Lauro Müller. E a determinação ainda está por cumprir; mas eu, brevemente, apresentar-me-ei ante o Governo para cobrar a promessa.

E o Senhor Governador Celso Ramos, de pronto, decisivo, declarou: “Eu pagarei a promessa”. “Muito bem”, continuei:

Tomemos nota, Senhor Presidente e meus Senhores, da palavra do Senhor Governador; e eu lembro que, após o centenário de Lauro Müller, virá o de Vidal Ramos, também merecedor de monumento, pelo qual igualmente trabalharei. Por estes dias, Senhor Governador, iniciando a cobrança da promessa, escreverei breve artigo sobre o assunto, para esclarecer um ponto relevante.

O anunciado artigo é o que segue.

Em que dia nasceu Lauro Müller?

É sabido que o seu natalício era comemorado a 8 de novembro; e esta é a data consignada pelo itajaiense Marcos Konder na biografia que amorosamente elaborou por incumbência da Academia Brasileira de Letras: 8 de novembro de 1863. Entretanto, outra é a data registrada nas notas biográficas escritas pelo Almirante Henrique Boiteux e insertas em “Santa Catarina no Exército”: 8 de março de 1864, data certamente obtida nos assentamentos militares.

Para dirimir a dúvida, fui aos assentamentos da Paróquia de Itajaí, hoje recolhidos ao Arquivo Arquidiocesano, que, inteligentemente, é franqueado a estudiosos, e lá encontrei, no livro de batismos de 1864 a 1869, a folha três:

Lauro. Aos quinze dias do mês de março de mil oitocentos e sessenta e quatro nesta Matriz do Santíssimo Sacramento e de Nossa Senhora da Conceição da Vila de Itajaí, batizei e pus os santos óleos ao inocente Lauro, com sete dias de idade, filho legítimo de Pedro Müller e de sua mulher Ana Maria Miguellis Müller, neto por parte paterna de João Müller e de Maria Raimácola e por parte materna de Adão Miguel e de Maria Gertrudes. Foram padrinhos José Faustino Gomes e Joaquina Maria Ettur. E para constar, mandei fazer este termo, que assino. O Vigário João Domingos Álvares Veiga.

Ficou resolvida a dúvida: quem, ao batizar-se a 15 de março de 1864, tinha sete dias, havia de ter nascido a 8 do mesmo mês.

Mas, de onde virá a comemoração do natalício a 8 de novembro?

Explicação plausível é a seguinte: o nome completo de Lauro Müller é Lauro Severiano Müller. Ora, SEVERIANO é o nome de um santo inscrito no Martirológio Romano a 8 de novembro; é, pois, de presumir que, para comemorar anualmente o advento do filho, os pais de Lauro preferissem ao do nascimento o dia do santo onomástico, seguindo a prática existente nos costumes alemães.

Mas, seja como for. O caso está oficialmente registrado o dia 8 de março de 1864, como sendo o do nascimento de Lauro Severiano Müller. O dia correspondente do ano de 1964 não pode ser olvidado pelos catarinenses, e em nele poderá estar cumprido o mandamento da Constituição Estadual de 1947: “O Estado mandará erigir, dentro de cinco anos, em Florianópolis, um monumento a Lauro Müller” (Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, art. 23).

Temos a palavra do Senhor Governador de que tornará efetivo o mandamento; e eu, que me apresento como seu cobrador, reafirmo a declaração de também cooperar para que igualmente a Vidal Ramos se pague uma dívida, que não é do Governo, mas do Povo Catarinense, a quem ele beneficiou com uma autêntica reforma da educação popular.

Assim Deus me ajude.

*FONTES, Henrique da Silva. **Pensamentos, palavras e obras.** Ed. do Autor. Florianópolis. (Terceiro Caderno – De Itajaí – Primeira Parte). 1963. Publicado a 8 de novembro de 1963.*

LAURO MÜLLER

Almiro Caldeira de Andrada

EM CERTO DIA DOS ANOS SETENTA, NO ÚLTIMO SÉCULO, desembarcava de um veleiro, na Guanabara, um rapazote franzino, espigado, trajando à provinciana, sem dinheiro no bolso mas trazendo no azul dos olhos a cintilação de um sonho. O jovem desconhecido passa por entre a indiferença do povo. Cerca de quarenta anos depois, multidão em delírio recepciona-o no mesmo local, saudando o Chanceler da República, que retorna à Pátria ao fim de brilhante missão diplomática. As salvas das fortalezas juntam-se à vibração popular.

A bordo do “Minas Gerais”, Lauro Müller a tudo assiste imperturbável, a cofiar a loura barba andó sobre o colarinho alto. Dir-se-ia alheio às aclamações. Na verdade, a frieza exterior dissimula o esfervilhar de emoções intensas. “Tive a impressão – revelou mais tarde a dileto amigo – de que o próprio Pão de Açúcar me tirava o chapéu... e insensivelmente o meu espírito fugiu, num arrebatamento grato e enternecido, para os longes do dia em que ali cheguei menino...” E relembrou a sequência de sua carreira, parecendo-lhe a própria vida um maravilhoso conto que se conta em fuga à realidade.

Tal não se deverá, contudo, defini-la.

A história de Lauro Müller é fascinante sem ser fabulosa. Exprime, acima de qualquer outro significado, o domínio da vontade sobre as condições adversas à conquista dos ideais acalentados.

O estudo da personalidade humana levou Emerson a concluir que todos os homens são mutilados e conduziu Kierkegaard à afirmativa de que para se ter um homem é preciso juntar-se dois. Lauro Müller foi muitos em um só. Outros talvez possuísem em maior grau, mas isoladamente, algumas de suas virtudes. Ele as teve, porém, em conjunto – inteligência, talento, cultura, caráter, coragem, bondade – e interpretou os anseios de uma geração, realizou aspirações coletivas, expressou a índole de um povo.

Dádiva de uma etnia de cultura estratificada à nova nação que a acolheu, o itajaiense que se tornou cidadão do mundo não deveu o êxito pessoal a abonos da sorte generosa, nem o prêmio que obteve à vida ganhou-o por gratificação do destino. Detentor dos atributos que capacitam à glória, não a aguardou muçulmânico: saiu-lhe ao encalço e por ela bateu-se.

Lauro Müller não foi um fenômeno, foi um silogismo: resultado lógico da proposição do vigor intelectual subordinada à premissa do ânimo inquebrantável. Se ninguém mais alto elevou o nome catarinense, ninguém tampouco percorreu estrada mais longa, partindo de marco tão longínquo para alcançar meta mais avançada.

Dentre os fatores que lhe possibilitaram a ascensão pública ressalta a posse de um caráter íntegro. “O talento é inútil – asseverou um pensador na antiguidade – a menos que seja o servidor dócil do caráter; com caráter, ainda mesmo sem talento, podeis ter nome, porém com talento e caráter conquistareis o mundo”.

Em sua primeira posse como Governador do Estado, aos 26 anos de idade, declinava a divisa que elegera como norma de conduta política – *Tudo pelos homens honestos* – legenda a refletir-lhe a retidão moral. Austero e probo, respeitou e fez respeitar o erário. A melhor prova da correção com que se houve no manejo dos bens públicos e no trato com aqueles que lhe requeriam o prestígio para objetivos ilícitos, está na preocupação financeira que o afligiu no fim da vida.

Ter caráter – ensina Courberive – não é só ser honesto, implica também em fidelidade a si mesmo, saber o que se quer e quere-lo com firmeza. Concentração da inteligência e da vontade.

Seguro de si, nunca o poder lhe deitou sombra de soberba no espírito, e se alguma vez se mostrou altivo o foi com os grandes, jamais com os pequenos.

Sabia diferenciar humildade e humilhação, humildando-se quando motivado, nunca deixando-se humilhar. Transformou sempre as derrotas em vitórias. “Como os gladiadores de outrora saudando o César onipotente – são suas estas palavras – os republicanos de hoje devem saber cair saudando os seus ideais, que avançam caminho do futuro...”.

A exemplo de Jofre, “possuía aquela placidez que o fazia sorrir tanto com os ataques como com os elogios”, daí o equívoco dos que o supunham frio e insensível, confundindo a emoção com as suas manifestações. Era fleumático, sim, mas a sua serenidade decorria de autodisciplina e plena posse de si mesmo.

Uma vida interior equilibrada é chave para o sucesso, que nem sempre quer dizer felicidade. Disraeli alcançou o máximo de poder sem conseguir um mínimo de alegria. “Para uma vida feliz – dizem os psicólogos – é preciso que o homem saiba dar o devido valor a todas as coisas, sem dar o excessivo apreço a nenhuma, e saiba gozar os favores da Fortuna sem se tornar escravo dela”. Eis porque Lauro Müller foi simultaneamente vitorioso e feliz, integrando perfeitamente o homem de pensamento e o homem de ação.

“Sou mais afeito a fazer do que a dizer” – costumava confidenciar, e se atentarmos para a circunstância de que ele sabia dizer com rara habilidade, dispondo de incomum poder verbal, melhor apreciaremos essa preferência. Se lhe bastassem a fama, o renome, o brilho, a popularidade, satisfariam-no as cavaqueiras na Chapelaria Watson, onde reunia habitualmente fieis admiradores em torno do encanto de sua prosa. Se ele se contentasse em ser alguém em vez de fazer algo, trocando a realização de si mesmo pelo cultivo da vaidade pessoal, era encastelar-se nas posições ocupadas e manter a auréola de orador primoroso.

Carlyle identificava o viver como a eterna conjugação do verbo fazer, que Lauro Müller soube expressar a todo tempo, com a obsessão de infatigável trabalhador. Dele disse Afonso Celso: “tendes a produtividade em atos, melhor, porventura, que a da palavra falada ou escrita – a dos heróis, a dos apóstolos...” – consagrando-o como sacerdote da ação. Seu culto ao fazer, entanto, não se extremava em pruridos de perfectibilidade, capazes de compelir ao abandono de projetos cuja

integral execução fosse impraticável. “É preciso executar o bom – advertia – quando as circunstâncias de todo não deixam fazer o ótimo”.

Seu pioneirismo em matéria de planejamento permitiu-lhe antecipar o processo político-administrativo nacional, de modo a que o realismo das exigências da problemática social excluísse o egoísmo dos interesses de grupos. “Difícil será a posição dos homens de responsabilidade na política nacional – observou – se olharem e ouvirem pessoas, em vez de estudarem situações e agirem pelo dever...”.

Salientamos sua atividade como Governador do Estado para, a largos traços, termos uma visão do acervo de benefícios que Santa Catarina lhe deve. Eleito três vezes Governador, exerceu o cargo por curto espaço, tanto que o tempo de sua permanência nele não chegou a totalizar dois anos. Em tão breve período, solucionou problemas de fundamental importância, notadamente no setor da viação. De sua iniciativa foi a construção da estrada de ferro entre São Francisco do Sul e Rio Negro, assim o melhoramento dos nossos portos e a abertura de rodovias prioritárias. O estudo de nossas riquezas carboníferas, a estabilização econômica, o desenvolvimento industrial e comercial – inclusive instituindo pela primeira vez incentivos fiscais a investimentos privados – eis alguns dos principais itens a que se dedicou afanosamente e com êxito.

Seria errôneo levar-se à conta de coincidência dois fatos muito significativos para não se relacionarem. Só hoje, a 43 anos de seu passamento, o Governo do Estado resgata para com Lauro Müller velha dívida de reconhecimento, e há similitudes entre o Governador que promove a homenagem e o ex-Governador homenageado. Ambos procedendo de origem humilde ascenderam a pontos de realce à custa de tenacidade, firmeza de propósitos e fidelidade a uma vocação incoercível, vencendo pelo direito do próprio valor as barreiras que se lhes opuseram na rota do Ideal.

De Lauro Müller disse Medeiros e Albuquerque em discurso na Academia Brasileira de Letras:

Enquanto outros políticos triunfavam na política com força, com o apoio de outros Estados, ele sempre triunfou a golpes de finura e talento. Rui lia livros, Lauro lia homens e cousas. Era um espírito completo. Sagaz, arguto, bem informado sobre tudo, com opiniões feitas pelo seu estudo pessoal dos problemas, ele era um dos mais altos valores do nosso país...

... E A PACIFICOU – inscreveu-se na lápide comemorativa. A palavra que aqui se gravou exprime o sentido maior de sua vida. Este o único título de glória que ele reivindicou: o de ter pacificado a família catarinense. Em mais de uma oportunidade implantou concórdia onde lavravam dissensões, opondo o perdão ao ódio e a confraternização aos mais fundos ressentimentos.

Assim procedeu em 1894, quando dos negregados dias da malograda revolução federalista o crime e a vingança, a maldade e o sofrimento compunham a sinfonia da dor em acordes de aflição, ao ritmo da tragédia. Foi Lauro Müller portador de uma carta do Presidente da República que em muito atenuou a ação desumana. Essa mensagem ele considerou sempre o seu mais alto galardão. A propósito enunciou estas reflexões: “Se eu fosse santo, não desejaria ter outro panegírico. Quanta perseguição, quanta violência, quanto luto e quanta dor essa pequenina carta poupou a Santa Catarina!”.

À sensibilidade de homem bom, que nele suplantava a suscetibilidade de homem culto, mais lhe sabiam as vitórias do coração que as da inteligência. Não foram os louros na fronte que lhe engalanaram a alma, foram as alheias lágrimas estancadas. Não foram os triunfos políticos, nem as murtas acadêmicas, nem o poder que enfeixou nas mãos – como General do Exército, Senador da República, Deputado Federal, Governador ou Ministro – que lhe cronometraram o instante mais feliz, a alegria mais pura. A ventura maior que conheceu, dentre tantos momentos luminosos, fruiu-a no recôndito do ser, no silêncio de si consigo, desacompanhado das fanfarras louvaminheiras.

Já durante o seu primeiro Ministério, ao albor do século, revelara a nobreza que lhe dimensionava a personalidade quando, no episódio da revolta dos alunos da Escola Militar, estendeu auxílio aos jovens implicados, salvando-os de situação penosa.

Por três vezes optou pela renúncia. Não a renúncia deserção, dos pusilânimes, dos irresponsáveis, dos que forem. Suas renúncias foram sacrifícios pessoais autênticos, em favor do bem coletivo. A primeira, verificada após a queda do Marechal Deodoro da Fonseca, em 1891, decorreu menos da contingência dos fatos que dos imperativos da sua retidão de caráter, porque poderia ter-se mantido no cargo, mas nunca sem luta. Aos companheiros que se levantaram em Blumenau em defesa do seu mandato, dissuadiu do propósito com a seguinte ordem: “Voltai para casa: não quero derramamento de sangue e por isto resolvi renunciar”.

Em 1917, no decurso da primeira conflagração mundial, a consciência ditou-lhe o caminho da renúncia, e ele tranquilamente se afastou do Ministério do Exterior. Se tivesse transigido as

circunstâncias e os próprios princípios, possível lhe seria conservar-se no posto, porém preferiu conservar não o cargo, mas o ideal de Pátria, que ninguém o conspurcasse. “Não conheço duas Pátrias – asseverou – e sim uma, com a qual estou ligado pelo amor do cidadão livre...”.

Ainda no mesmo ano outra vez renunciou. Fê-lo a favor do Vice-Governador Hercílio Luz, a fim de evitar grave cisão partidária. Parafraseando João Neves, que dizia ser o Rio Grande pequeno para Castilhos e Gaspar, em Santa Catarina também não cabiam juntos Lauro e Hercílio...

À frente do Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas, no Governo Rodrigues Alves, sua atividade revelou-se extraordinária em dinamismo, em antevisão, em coragem de executar. Com Paulo de Frontin e Pereira Passos, empreendeu a remodelação do Rio de Janeiro, demolindo quarteirões setecentistas, extinguindo favelas, construindo praças e rasgando avenidas, primeiros adornos urbanísticos que granjearam à ex-capital federal o designativo de “Cidade Maravilhosa”.

Na adolescência, palmilhara-a de tamancos, apequenado ante a magnificência da grande metrópole; na maturidade, é ele quem, poderoso, retira dos tamancos de pardieiros inestéticos, de becos e vielas insalubres, a mesma cidade, embelezando-a, tornando-a uma das mais lindas do mundo. Não é sem motivo que os catarinenses têm o Rio de Janeiro como a segunda cidade natal.

Reconstruiu e reaparelhou os portos nacionais, especialmente os do Rio de Janeiro e Rio Grande. Os sistemas ferroviário e telegráfico ampliaram-se em todo o país graças a sua atuação, e a indústria carbonífera ganhou novo impulso no sul, enquanto no nordeste se iniciavam os trabalhos redentores das obras contra as secas.

Chanceler, expandiu o seu humanismo ao exterior com a solução de vários conflitos de interesse entre o Brasil e nações limítrofes, ressaltando-se a questão do domínio da Lagoa Mirim, com o Uruguai. Em 1915 representou o nosso Governo na inauguração do marco divisório de Aceguá, recebendo dos uruguaiois homenagem consagradora. Na visita que fez, em seguida, à Argentina e ao Chile, foi agraciado com o título de “Apóstolo da Solidariedade Sulamericana”. Sua última missão diplomática, ao Uruguai, valeu-lhe o epíteto de “Honra da América”.

Tanta glória e nenhuma soberba; a modéstia confirmou-lhe a grandeza.

Não teve porque não quis uma estátua no porto do Rio Grande. Narra-se que, ao término das obras daquele porto, pretendeu a empresa construtora erguer-lhe uma estátua no quebra-mar:

Para obter seu consentimento, usou o engenheiro chefe de um estratagema, perguntando-lhe antes se concordaria com um acréscimo na obra que não prejudicaria esta nem importaria em aumento de despesa. Ele assentiu e, ciente do projeto, só pode voltar atrás mediante outro ardil. Exigiu que o material fosse de sua indicação. E indicou: areia...

Na Grécia antiga, em certo período, os monumentos eram feitos de madeira, e permaneciam sem conservação, para que durassem por breve tempo e com eles desaparecessem da memória dos cidadãos a lembrança dos feitos sangrentos que assinalavam.

Lauro, quiseste em areia o teu monumento, para que o não fizessem; levantavam os gregos os seus em madeira, para que só uma geração os visse; o Governo e o povo do teu Estado ergueram este em bronze, ferro, cimento e mármore, para que o contemplem os homens de hoje e os homens de amanhã, e busquem inspiração no teu exemplo.

*Discurso do Dr. Almiro Caldeira de Andrada, Presidente da Academia Catarinense de Letras, na inauguração do monumento de Lauro Severiano Müller, mandado erigir pelo governo catarinense e entregue ao público no dia 30 de julho de 1969 com a presença do Governador Ivo Silveira e do Embaixador Lauro Müller Filho, outros parentes do homenageado e autoridades. Publicado em: ANDRADA, Almiro Caldeira de. **Lauro Müller**. Florianópolis: Academia Catarinense de Letras, 1969.*

O MONUMENTO

DE LAURO MÜLLER EM ITAJAÍ

Henrique da Silva Fontes

EXMO. SR. DR. INTERVENTOR FEDERAL, DIGNÍSSIMAS AUTORIDADES, Sr. Prefeito Municipal, Sr. Representante da Família Lauro Müller, minhas Senhoras e meus Senhores.

A menos de cem metros do local que pisamos e em casa que daqui se avista, nasceu há três quartos de século, um menino que, neste mesmo local, fez, por certo, as suas travessuras, pois então, como ainda no tempo da minha infância, neste logradouro, não viçava garrido, mas, espontâneas, alastravam-se ervas agrestes.

Filho de modesto comerciante, na escola pública da humilde cidadezinha de então, fez o menino escasso curso primário, frequentando ao mesmo tempo uma escola alemã. Nas aulas, obtinha primeiros lugares e os obtinha também nos brinquedos infantis, como organizador e diretor.

E, segundo contavam contemporâneos, o expedito menino não se descurou da cultura física, exercitando-se em lutas corporais com famoso capoeira que morava na Praia da Fazenda.

Aos catorze anos, pronto já nas matérias que aqui se ensinavam, que ficaria a fazer em Itajaí o promissor menino?

A casa comercial paterna não lhe pareceu compatível com a sua diligência, como também não lhe pareceu adequada a função, que se lhe apresentou, de auxiliar de corrente numa turma de medição de terras. Resolveu, por isso, o menino, que era Lauro Müller, ir procurar rumo para a sua vida na Capital do País, e, num dos vários navios de vela que aqui então havia, tomou passagem para o Rio de Janeiro.

Lá, o emprego que arranjou foi no comércio, e teve ainda prova de ser natural a sua incompatibilidade com o balcão paterno, pois, ante o seu hábito de estudar, a que dava expansão em todos os momentos de lazer, veio o patrão a julgá-lo com pouco jeito para lidar com mercadorias e despachou-o sem consideração. Decidiu-se então Lauro Müller a fazer, custasse o que custasse, estudos regulares e ajudado por um tio, entrou num curso de preparatórios e, terminados estes, matriculou-se na Escola Militar.

Aí, fez curso brilhante e impôs-se à admiração e ao afeto de mestres do valor de Benjamin Constant. Em 1885, era Alferes-Aluno e em 1888 foi promovido a Segundo-Tenente.

Neste posto, encontrou-o a República, em cuja proclamação teve parte assinalada. E, pouco depois, nomeado Governador, voltou ele ao Estado natal. Tinha então 26 anos e havia cerca de 12 que deixara Itajaí, sem plano determinado e sem fartos recursos, confiante em Deus e na própria energia. Assim, o menino, que ao armazém paterno e ao posto de auxiliar de agrimensor preferira o tentar fortuna em mais amplo e árduo campo de atividade, passou a ter sob sua autoridade o território do Estado de Santa Catarina.

Lauro Müller teve, positivamente, boa estrela no início de sua carreira, e teve-a também no demais curso de sua vida. Alcançou todos os cargos e honras a que poderia aspirar: chegou a General, foi Governador do Estado, foi chefe de pujante partido, foi Deputado, Senador, Ministro de duas pastas, teve missões em países estrangeiros e aí, como em sua pátria, recebeu distinções oficiais, científicas e literárias, que só se conferem a personalidades de superior merecimento. Se não chegou à mais alta magistratura nacional, não foi porque se lhe não reconhecessem predicados para tal dignidade. O insigne Rui Barbosa, em memorável documento, enumerando os que tinham títulos para a presidência da República, citou-lhe o nome em lapidar interrogação: “Pois não tem Santa Catarina o Sr. Lauro Müller?”.

Mas, não é a boa fortuna o que explica as vitórias de Lauro Müller. Essas, pelo contrário, mostram é que a fortuna não é tão cega nem instável como a pintaram os poetas.

Lauro Müller tinha méritos supremos, que correspondiam ao sorrir da fortuna. Esta, com os altos postos que lhe deu, acarretou-lhe, simultaneamente, formidáveis ônus e deles galhardamente se desempenhou Lauro Müller. Assim, os seus êxitos são degraus que foram subidos sucessivamente, a passo largo, mas sempre justificados pelo primor do cumprimento de anterior função.

A propósito do seu primeiro encargo administrativo civil, que foi o governo deste Estado, conta-se que o Chefe do Governo Provisório, o Marechal Deodoro, a ele se referiu no seguintes termos: “O menino tirou a distinção”.

Meus Senhores, sinto-me embaraçado para, com palavras minhas, miudear excelências da vida de Lauro Müller, e explico por quê. Embora nunca tenha militado sob a sua bandeira partidária, tendo, ao invés, figurado nos arraiais que lhe eram contrários, como itajaiense tenho receio de que o amor do torrão que foi seu e meu berço, desta “ditosa pátria minha amada”, possa trazer a pecha de exagerado ao meu dizer. Vou, por isso e com proveito para o ilustre auditório, fazer-lhe o sumário elogio, que comporta esta solenidade, com opiniões autorizadas e isentas de qualquer suspeição de regionalismo.

De Lauro estudante conta Humberto de Campos o seguinte episódio, que lhe define o caráter e explica as vitórias:

Certo dia, estando em aula a turma a que ele pertencia, chegaram à Praia Vermelha dois viajantes americanos que desejavam escalar o Pão de Açúcar. - Eu sei o caminho! - disse, logo, Lauro Müller, pondo-se à disposição dos estrangeiros. Obtida a licença dos mestres, começou a ascensão. A subida do penedo era, naquele tempo, uma verdadeira temeridade. Agarra aqui, segura ali, escorrega acolá, ia a comitiva galgando a pedra, com risco de escapular de lá e ir esborrachar-se em baixo, ou esfacelar-se nas anfractuosidades da encosta. Às seis horas da tarde, chegaram ao cimo. Os americanos estavam mais mortos do que vivos.

- Vamos, agora, dormir, - observou um deles; descemos pela madrugada.

- Pela madrugada, não, - protestou Lauro Müller. - Eu tenho exame de manhã, cedo, e preciso estar em aula ao amanhecer.

E, abandonando os estrangeiros no alto do penedo formidável, desceu, sozinho, na escuridão da noite, a pedra cortada a pique, onde o menor desvio da mão ou do pé seria a morte irremediável e horrível. Foi esse feito, afirma-se, que o aproximou de Benjamin Constant.

E o conceito em que este tinha Lauro fica excelentemente traçado na seguinte dedicatória, que apôs a um seu retrato:

Ao bom e distinto amigo Dr. Lauro Müller, um dos mais esforçados batalhadores, não só para a transformação política da nossa Pátria, mas também para a consolidação do novo regime, oferece como prova de elevada consideração, imenso afeto e grata recordação da madrugada de 15 de novembro de 1899, Benjamin Constant Botelho de Magalhães.

Ramiz Galvão, eminente filólogo nacional, há pouco desaparecido, pessoa insuspeita para falar sobre Lauro Müller, porque com ele concorreu, na Academia Brasileira de Letras, à vaga de Rio Branco, sendo por ele derrotado, resumiu-lhe os trabalhos no Ministério da Viação nos seguintes termos:

Sua atividade na gerência da pasta foi de fato notabilíssima. Basta citar, entre outras medidas salutareis realizadas: as bases para a localização dos trabalhadores estrangeiros e nacionais; a lei que rege a construção e o funcionamento dos portos de Recife, da Bahia, do Rio Grande, e particularmente a obra considerável e benemérita do cais do nosso porto, onde, com justa razão, figura o nome de Lauro Müller. Fez mais. Cuidou da ampliação e ligação das nossas estradas de ferro, como poderosos fatores do progresso dos Estados centrais, e até como elementos eficazes da defesa nacional; deu impulso à exploração do carvão existente nas nossas minas do Sul; organizou trabalhos de previsão contra as secas, flagelos do Norte; não esqueceu o desenvolvimento da cabotagem, e para coroar toda esta obra, com a cooperação de um atleta do trabalho, inteligentíssimo e indefesso, da ordem do Dr. Paulo de Frontin, rasgou a Avenida Central da nossa mais bela cidade, que ficou sendo, com os trabalhos hercúleos de outro *Briareu*, o Dr. Pereira Passos, então Prefeito do Rio de Janeiro, a grande capital deste País, admirada por quantos tem oportunidade de a visitar. A Natureza dera-nos um cenário maravilhoso; brasileiros ilustres lapidaram o diamante que orna hoje a frente gentil da formosa Guanabara.

Incisivos são também os encômios do nobre Ramiz Galvão a Lauro Müller, Ministro do Exterior:

Durante a sua gestão neste cargo melindroso, para o qual incontestavelmente se reclamam aptidões especiais, afora o talento e o saber, não foram menores os excelentes serviços prestados pelo nosso digno companheiro. Política de aproximação continental, já com a grande República do Norte, já com a nossa prezada vizinha do Prata; tratados e convenções de arbitramento e sobre higiene internacional; a reforma do Ministério das Relações Exteriores, que Rio Branco apenas conseguira esboçar; a reunião de congressos internacionais, com o intuito altamente louvável de codificar na América o direito americano; a consolidação das leis do corpo diplomático consular; a intervenção oportuna e airosa da diplomacia brasileira no conflito mexicano; tudo isso consta da brilhante fé de ofício de Lauro Müller.

Miguel Calmon, baiano ilustre, que foi também Ministro da Viação e sucessor imediato de Lauro nessa pasta, tem para ele palavras como estas:

A Bahia, sempre magnânima, que abriu os portos do País ao comércio estrangeiro, só de vós, um século depois, recebeu as chaves do seu porto! Quando a nação inteira, tomada de terror pânico diante do desaparecimento do “Deus Término” das nossas fronteiras, desanimava, entre inquieta e acabrunhada, de lhe encontrar sucessor, de repente surge o vosso nome, e, como o lenho avistado que reanima naufragos ao desamparo, despertastes a confiança que se apagava de todos os espíritos, preenchendo vácuo insondável.

O preclaro Senador Francisco de Sá, frisando que Lauro Müller continuara “a obra de Rio Branco, cuja sombra imortal paira sobre nós toda a vez que pensamos ou agimos uma política americana,” assim apreciou a ação do ministro catarinense:

Vedes como evoluiu e se fortificou essa obra de fraternização. Evoluiu até o momento atual, que abre um capítulo da história da América do Sul, e, quem sabe, da humanidade toda; evoluiu até a formação de uma aliança que não resulta das necessidades atuais, que não se cria contra inimigos comuns, que não prevê perigos futuros, e não quer ser outra coisa senão um núcleo de convergência de esforços,

empenhados sinceramente na paz. Evoluiu até a afirmação de V. Exa., Sr. Ministro, reiterou em seus memoráveis discursos, que hão de constituir uma lição do novo Direito Internacional, da igualdade de soberanias subordinadas somente ao conceito da justiça que umas às outras se devem. Evoluiu até a transformação do A.B.C., que era uma forma ocasional, na solução que já exerceu influência eficaz, na paz da América, e, agora, na combinação definitiva que nos permite ensinar às nações o alfabeto da paz, dando-lhes a meditar uma grande lição de fraternidade.

Merecem também citadas as seguintes observações do cintilante Medeiros e Albuquerque:

Todos compreendem que o chefe político de um pequeno Estado, que tem apenas quatro deputadinhos, não podia manter-se na preeminência em que Lauro sempre esteve, sem um homem de talento superior. Não há nenhum outro exemplo análogo ao seu na nossa política.

Quando outros venciam pela força, pelas ameaças, pela corrupção, ele manejava apenas esta arma, que não está ao alcance de todos: vencia pela inteligência. Pinheiro Machado, que o temia, chamou-lhe um dia de raposa de espada à cinta. Para se sentir como a sua inteligência era maleável, basta pensar em que Lauro serviu em dois ministérios inteiramente diversos: Viação e Exterior. Se, porém, servisse em qualquer dos outros, ninguém estranharia. Ele estava bem, perfeitamente adaptado em qualquer deles.

Meus Senhores, Lauro Müller foi também, como sabeis, da Academia Brasileira de Letras. Negavam-lhe, ao ser eleito, qualidades para a investidura. Mas Lauro mostrou-se também aí digno sucessor e substituto do glorioso Barão do Rio Branco. O Conde Afonso Celso assim o elogia:

Há em vós um orador fluente, elegante, comedido, sabendo dizer o que quer, como quer, só o que quer quando quer, do que são provas os vossos inúmeros discursos diplomáticos, nos quais jamais escapou uma frase deslocada, uma palavra dispensável ou insuficiente. Há em vós um delicioso *causeur*, e a *causerie* verdadeira, apanágio de poucos, é modalidade artística requintada, subtil, maravilhosa. Há em vós o homem espirituoso, arguto e solerte, de quem por aí correm ditos, à Talleyrand, com a malícia, mas sem a maldade deste, antes de ordinário impregnados da vossa substancial bondade.

E o já citado e emérito Ramiz Galvão, a quem Lauro preterira na eleição para a Academia, afirmou, ao fazer-lhe o necrológio em outra douda associação:

Ele foi, incontestavelmente, digno da láurea com que a Academia o coroou. Esta glória teve, e ninguém lhe pode negar. Esta glória eu me comprazo em proclamar em nome do Instituto Histórico, templo da Justiça e da Verdade.

E realmente, meus Senhores, quem consulta os escritos de Lauro Müller neles encontra pensamentos que merecem engaste de ouro e a que ele soube dar esmerado polimento. Ouvi este, para exemplo:

Não ambicionamos um palmo de alheios territórios, nem pretendemos governar além das nossas fronteiras. Dentro destas, sim e soberanamente, sem satisfação a poderes estranhos, nem subordinações a colônias estrangeiras, que só nos apraz ter como hóspedes e amigos, enquanto se não esquecem de que somos os donos da casa.

Meus Senhores, de Lauro Müller, quando Ministro da Viação, conseguiram capciosamente os empreiteiros das obras do Porto do Rio Grande do Sul autorização para lhe erigir uma estátua. Percebido o engano, Lauro Müller, conforme pitorescamente narra Medeiros e Albuquerque:

[...] sorriu, cofiou a barba, segundo o seu gesto habitual quando ia fazer ou dizer qualquer malícia, e agradeceu; mas pediu-lhes em troca outra promessa: que lhe permitissem escolher o material da estátua. Os homenzinhos saltaram: - Que sim, que escolhesse o que quisesse: mármore, bronze, outo até, se o determinasse. Lauro sorria: - Está então prometido? Todos em coro: - Não há dúvida alguma: o que V. Exa. Escolher! O Ministro lhes disse então: - Nesse caso minha estátua será feita unicamente de areia. - Logro por logro! Não houve meio de faze-lo voltar atrás. Sem bulha, sem espalhafato, sem acessos espetaculosos de modéstia, ele anulou assim a concessão que lhe haviam arrancado.

Meus senhores, Lauro Müller recebe hoje, em seu Estado e em seu torrão natal, em bronze e granito, o preito a que fez jus pela glória que lhes deu, servindo tão fecundamente ao Brasil. Dizei-me, Senhores meus: Lauro Müller, se vivo fora, teria coração ou ardil para recusar consentimento a homenagem como esta, que é produto da sinceridade e da gratidão? Dizei-me também se o monumento teria mais própria e carinhosa situação: ele se erige em chão que Lauro

palmilhou menino; ele fica próximo ao lar em que Lauro viu a luz e em que gozou as meiguices maternas; defronta a igreja em que ele se fez cristão, e cristão de arraigada religiosidade, qual sempre se mostrou; e tem junto a si, rumorejar, o rio que nunca lhe saiu da saudade nem da retina, e cuja barra é boca passante a proclamar que Lauro Müller serviu superiormente ao Brasil, sem se deslembrar de Santa Catarina nem do seu Itajaí.

NOTA

A inauguração do monumento a Lauro Müller realizou-se a 12 de junho de 1935. Registre-se, com a merecida consideração, o que sobre o fato deixou escrito Marcos Konder, em seu livro “LAURO MÜLLER – ensaio bibliográfico – prêmio Hélio Lobo, da Academia Brasileira de Letras”, 2ª edição, págs. 93-96:

Achava-me então na Capital da República, retido pelo Ministério da Guerra, por ter sido denunciado como adversário do jacobinismo nacionalista, pregado em Santa Catarina pelo General Comandante da 5ª Região Militar. Não podendo assim comparecer ao ato da inauguração do busto de Lauro Müller, iniciativa exclusivamente minha, como Deputado Estadual e Prefeito de Itajaí, enviei aos meus conterrâneos o seguinte manifesto:

Aos meus conterrâneos.

Autor que fui da ideia de se perpetuar, num bronze erguido em sua terra natal, o vulto grandioso e inesquecível de Lauro Müller, o diletíssimo filho de Itajaí, executor que fui da subscrição pública para se levar a efeito essa homenagem devida ao maior dos catarinenses; agora que se concretiza em realidade o meu projeto, não poderia eu faltar às cerimônias festivas, com que a minha “Pequena Pátria” resolveu comemorar a inauguração desse monumento. Mas, infelizmente, circunstâncias alheias à minha vontade, determinam o meu afastamento da terra que tanto amo e pela qual sacrifiquei mais de trinta anos de minha existência, e, assim, não podendo estar aí presente, sou obrigado a dirigir-me por escrito ao meu povo, certo de que ainda não desmereci da confiança dos meus conterrâneos e que a minha voz humilde e despretensiosa será ouvida, hoje e sempre, como a de um homem que não sabe senão a linguagem da sinceridade.

E é justamente por não poder no momento dar livre expansão às minhas ideias que sou obrigado a limitar-me hoje a uma pública prestação de contas dos dinheiros recebidos e aplicados, acompanhada de um ligeiro histórico, capaz de orientar o tribunal da opinião pública para julgar e sancionar a missão que voluntariamente me impus.

Foi em princípio de 1927 que, na qualidade de prefeito municipal lancei a ideia de se levantar uma das praças principais da cidade de Itajaí o busto de Lauro Müller. Fí-lo, então, não só movido pelo sentimento de amizade que me ligara em vida ao meu grande conterrâneo, mas, também, por nutrir a certeza de que o meu projeto iria ao encontro dos desejos do povo barriga-verde.

Para esse fim, distribui então listas por todos os municípios do Estado, no propósito de converter essa homenagem póstuma num preito popular de amizade e de gratidão da alma catarinense pelo mais glorioso dos seus filhos. Ao mesmo tempo, apresentava eu, Deputado, um projeto, pelo qual ficava o Governo de Santa Catarina, autorizado a contribuir com a quantia de dez contos para a subscrição aberta. Esse projeto foi convertido em lei e sancionado em 17 de outubro de 1927 pelo meu irmão, o então Governador, Dr. Adolfo Konder.

Ainda não tinha a certeza do êxito financeiro do meu projeto, e já em 11 de dezembro de 1928, assinava o prefeito de Itajaí um contrato com o conhecido escultor Sr. Antônio Pinto de Mattos para a execução da obra, constante de um busto e de quatro baixo-relevos em bronze e de um pedestal em granito. As quatro placas laterais conteriam, além das inscrições do estilo, duas alegorias às obras principais do grande estadista – a Avenida Rio Branco e o Tratado do ABC.

Infelizmente não dispunha o artista de uma máscara do morto para dar à fisionomia de Lauro Müller a expressão mais fidedigna possível e teve assim de modelar a cabeça por uma fotografia, mas, afora esse senão, do qual não lhe cabe culpa alguma, realizou Antônio Pinto de Mattos uma obra, capaz de justificar a auréola de prestígio, de que goza, como um dos grandes nomes da escultura nacional.

O contrato com Antônio Pinto de Mattos fora primitivamente fixado em vinte contos de réis, a serem pagos em quatro prestações, mas circunstâncias posteriores me induziram a satisfazer o pedido do artista para conceder-lhe a gratificação adicional de um conto de réis, a fim de indenizá-lo de despesas imprevistas, oriundas

do movimento revolucionários de 1930. Assim cifraram-se as despesas totais, em 21:020\$700 (vinte e um contos vinte mil e setecentos réis) contra uma receita de 20:073\$100 (vinte contos setenta e três mil e cem réis), havendo por conseguinte um déficit de 947\$600 (novecentos e quarenta e sete mil e seiscentos réis), o qual foi por mim coberto, além da contribuição pessoal de 500\$000 (quinhentos mil réis). Devo ainda mencionar entre os generosos doadores a Empresa de Navegação Hoepcke, que, por lembrança do nosso saudoso conterrâneo Sr. Amantino Câmara, resolveu transportar gratuitamente as peças do monumento do Rio de Janeiro até Itajaí.

Meus conterrâneos. A minha missão acha-se cumprida, e, satisfeito com a minha consciência, assistirei em espírito às festas com que a minha querida terra celebra a inauguração desse monumento. Essa singela homenagem lembrará aos nossos conterrâneos e aos visitantes de Itajaí que, à beira desse rio sagrado, nasceu de humildes colonos alemães um brasileiro, que, pelo seu próprio esforço, ascendeu às mais altas culminâncias de sua carreira, como militar, como político, como estatista; foi Deputado e Senador, foi duas vezes Ministro, foi chefe de partido, foi General do Exército, e em todas essas posições, sem renegar a sua ascendência germânica, manifestou-se sempre um representante da mais legítima brasilidade, expressa indelevelmente em atos que imortalizando o seu nome, elevaram bem alto o nome do Brasil.

Rio de Janeiro, em 8 de junho de 1935.

*FONTES, Henrique da Silva. **Pensamentos, palavras e obras.** Ed. do Autor. Florianópolis. (Terceiro Caderno – De Itajaí – Primeira Parte). 1963. Publicado a 8 de novembro de 1963.*

PARTE II

DO CENTENÁRIO

DE LAURO MÜLLER

BRASIL

LAURO MÜLLER

Hermes da Fonseca Filho

JÁ THOMAS CARLYLE, COM AQUELE SEU SUTILÍSSIMO HUMOR, mais de humanista que de filósofo-sociólogo, confessa com *granosalis* as irresistíveis desconfianças que sempre lhe inspiraram os depoimentos, perante a História, dos que sofrem das contingências humanas da simpatia ou da antipatia ocasional do momento. Ninguém desconhece que os períodos mais turvados pelas lutas partidárias, assinalados pela intransigência, sejam os de mais difícil interpretação para o historiador. Já por si *réduite au simple exposé des faits* – diz Gustavo Le Bon – *dont le monde a été le théâtre, l'histoire semble un chaos d'invraisemblances issues d'imprévisibles hasards. Les événements les plus importants s'y déroulent sans relation apparente. Des causes infiniment petites produisent des effets d'une prodigieuse grandeur.* Será, talvez, uma questão de perspectiva – a perspectiva da História, de que nos fala Euclides da Cunha.

Dentro desse conceito, através dessa “perspectiva da História” é que devemos recordar a figura inconfundível de Lauro Müller, nesta data do seu centenário. Estadista no mais amplo sentido, podemos hoje afirmar que Lauro Müller se sagrou como tal no posto mais elevado de sua vida

pública, isto é, o de Ministro das Relações Exteriores, isso porque lhe coube o desempenho do cargo num dos momentos de maior efervescência da história republicana do Brasil e- ainda- substituindo um brasileiro verdadeiramente insubstituível. Como figura verdadeiramente ímpar, pelo sólido prestígio de sua sugestiva individualidade, o Barão do Rio Branco era, de fato, insubstituível, sobretudo como colaborador e conselheiro abalizado de todos os governos do País. A perda do Barão era irreparável, e o Presidente da República se sentia duplamente acabrunhado pela falta do amigo exemplar e do patriota íntegro. Quatro dias considerou o Presidente sobre quem poderia vir a substituir o ministro morto. Amigos e políticos lembravam diversos nomes, citando cidadãos de reconhecido mérito tanto na “carreira” como fora dela: Domício da Gama, Oliveira Lima (lembrado pelo próprio Marechal Hermes, apesar de reconhecê-lo ferrenho civilista), José Carlos Rodrigues, Pedro Lessa, Eptácio Pessoa ou Antônio Prado, num amplexo de conciliação com São Paulo. Esses nomes andavam em cogitações pessoais reservadas, quando, dois dias depois do falecimento do Barão, o próprio Presidente Hermes da Fonseca reconsiderava que, como relator da Comissão de Diplomacia e Tratados no Senado, o Senador Lauro Severiano Müller, havia sido o principal colaborador do Barão na grande reforma projetada por este para o Ministério das Relações Exteriores. Mandou chamá-lo ao palácio. Lauro Müller era um tipo nobre de elegante e fino *gentleman*, de inteligência lúcida, espírito culto e alma bem formada. Lembrou ele ao seu amigo, Presidente Hermes da Fonseca, outros nomes, como os de Clóvis Bevilacqua, Rodrigo Otávio, Afonso Celso, Cândido de Oliveira e o próprio Rui Barbosa (que Lauro sabia jamais vir a aceitar, mas que satisfaria com sua possível aquiescência, o maior desejo do Marechal-Presidente em se aproximar de Rui). Mas o Presidente ponderara-lhe que ele, Lauro, tinha três qualidades para si: era pleno conhecedor dos planos e intuitos do velho Barão, era jovem e empreendedor e inspirava-lhe inteira confiança.

Ao iniciar sua gestão tratou de completar a reforma planejada pelo seu antecessor, e já iniciada com a criação, a 7 de fevereiro desse ano de 1912, do cargo de Subsecretário de Estado, ocupando-o o Sr. Enéas Martins. Rearticulou todo o programa traçado pelo Barão sobre a política internacional do Brasil, praticamente já iniciada com a permuta dos “Plenipotenciários da Amizade” levada a efeito com as nomeações dos Ex-Presidentes do Brasil e da Argentina, Manuel Ferraz de Campos Sales e General Júlio Rocca, respectivamente aquele em Buenos Aires e este no Rio de Janeiro, aquele apresentando credenciais a 20 de março de 1912 e este a 9 de julho do mesmo ano de 1912.

Numerosos são os assinalados serviços prestados por Lauro Müller no setor das relações internacionais do Brasil, como ditoso continuador da obra do Rio Branco e bem podemos afirmar que a orientação do grande Chanceler não veio a sofrer solução de continuidade. Patrocinara o Brasil a assinatura do Protocolo Final da Conferência de Niagara Falls sobre a paz definitiva entre os Estados Unidos e o México, assim como os Tratados celebrados sobre o Canal do Panamá entre esta República e a da Colômbia. Levara o Brasil a participar de várias convenções, conferências e congressos internacionais, e, também, a visita que, a convite do Governo americano e em retribuição a outra feita em 1906 ao Brasil pelo Secretário de Estado, Elihu Root, realizou Lauro Müller nos Estados Unidos em maio de 1913.

Não só no cargo de Ministro de Estados substituiu Lauro Müller ao inolvidável Rio Branco, mas também na Academia Brasileira de Letras vinha ocupar a poltrona do velho Barão. Assinalavam-se um tanto díspares as duas individualidades: ao gênio ensimesmado, retraído e um tanto secarrão do velho Paranhos, talvez julgássemos anteposta a figura desenvolta, de espadachim casquilho, do catarinense. Na morosa e paciente sobriedade do grande Juca Paranhos, sempre arredio da vida social e gostosamente mergulhado no doce anonimismo de suas pesquisas silenciosas, firmaram-se os traços esculturais de sua figura imortal. Já Lauro Müller era de outro temperamento. Exornava-se de impressionantes dotes de fino e elegante *causeur* de sugestivo e encantador comensal, de hábil e esperto político.

Fonte: Agência O Globo. Publicado em O Globo, 06 de março de 1964, página 3.

FIGURA

DE LAURO MÜLLER

Ministro Luís Gallotti

 MINISTRO LUÍS GALLOTTI, EXALTOU, NO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL, a figura e a obra de Lauro Müller, ao ensejo do transcurso de seu centenário de nascimento, recordando que o conheceu, quando estudante de Direito. Em seu discurso, afirmou: “Era um autêntico estadista, fiel à norma, por ele mesmo enunciada, de que o estadista deve combinar as tradições do seu país com as exigências de sua época”.

O COESTADUANO

Disse o Ministro Luís Gallotti: Após participar, na Guanabara, das comemorações do centenário de nascimento de Lauro Müller, que hoje se encerram, com a conferência de Diniz Júnior no Clube Militar, somente agora, nesta sessão do Tribunal Pleno, posso prestar ao insigne coestaduano a homenagem que lhe é devida. Filho de imigrantes alemães, nascido em Itajaí (Santa Catarina), mudou-se Lauro, ainda menino, para a então Capital Federal, onde se empregou no comércio, como caixeiro. Estudando à noite, pode obter os preparatórios com que ingressaria na Escola Militar. Participou da campanha abolicionista e do movimento que implantou a República.

Nesta, o Tenente Lauro Müller foi o primeiro Governador do seu Estado, inicialmente nomeado (empossou-se a 2 de dezembro de 1889), depois, escolhido pela Assembleia Constituinte Estadual, a 11 de abril de 1891, vindo a cair com a renúncia de Deodoro. Em 1890, elegera-se Deputado à Assembleia Constituinte Nacional. Eleito novamente Governador, para o quadriênio 1902-1906, foi, em 1902, nomeado, pelo Presidente Rodrigues Alves, Ministro da Viação e passou o Governo a Vidal Ramos. Realizou obra notável, contando, entre seus colaboradores, Paulo de Frontin, que construiu a Avenida Central, hoje Rio Branco. E ter sido nomeado Ministro pelo Presidente Rodrigues Alves, eis o que considero, sem desmerecer nas outras, a maior das suas glórias. Vejam-se mais alguns exemplos: Ministro das Relações Exteriores era o Barão do Rio Branco, mantido pelos Presidentes seguintes e que só deixaria o cargo ao morrer, em 1912. Prefeito da Capital era Pereira Passos (cargo que Lauro, já convidado, ocuparia na segunda Presidência Rodrigues Alves, se este não houvesse falecido antes de inicia-la). Ministro da Fazenda era Leopoldo Bulhões, que o Presidente Nilo Peçanha reconduziria ao posto, apesar da permanente luta que com ele mantivera como Governador do Estado do Rio no tocante à arrecadação de impostos que a União reivindicava. Conta Brígido Tinoco, na sua biografia de Nilo Peçanha, que este foi interpelado pela esposa sobre se estaria louco nomeando Ministro da Fazenda quem não dera trégua ao Governador fluminense naquela luta de poucos anos antes. Nilo respondeu: “Escolho esse, porque esse, pela firmeza com que lutou comigo, sei como defende o Tesouro”. Bem feliz seria a Nação em que se inspirasse sempre num critério tão alto a escolha dos auxiliares do Governo.

ESTADISTA

Continua o Ministro: Rodrigues Alves, quando não escolhia o melhor, sabia escolher quem, não o sendo, tinha senso bastante para indicar o melhor. É o caso de Sales Guerra, que recusou a direção da Saúde Pública, indicando Osvaldo Cruz. Lauro Müller ainda foi Ministro das Relações Exteriores, sucedendo a Rio Branco. Eleito, depois, para a vaga deste na Academia Brasileira de Letras, diria, ao empossar-se: “Pela segunda vez, cabe-me a gloriosa humilhação de suceder-lhe sem substituí-lo!”. Na verdade, era um autêntico estadista, fiel à norma, por ele mesmo enunciada, de que o estadista deve combinar tradições do seu país com as exigências de sua época. Foi, por muito tempo, um dos grandes do Senado. Quando ele Senador e eu estudante de Direito, levei à sua casa um contrerrâneo que lhe necessitava amparo. Encaminhou-nos logo a Edmundo da

Luz Pinto e assim vim a conhecer aquele que se tornaria o maior dos meus amigos. Contava-me Edmundo que Lauro lhe confidenciara a sua emoção, quando Ministro das Relações Exteriores, ao regressar dos Estados Unidos numa belonave, recebido, desde a entrada na baía da Guanabara, com as maiores homenagens. Lauro recordava, então, a modéstia de sua origem, as dificuldades que transpusera no longo caminho percorrido, o menino pobre que fora e as posições que atingira. E sentia-se dominado por um passageiro sentimento de orgulho. Mas orgulho legítimo, penso eu, de quem luminosamente venceu, servindo à sua Pátria com exemplar devoção e superando, por seus méritos, a humildade em que nascera, para ter ainda, ao fim da vida, a sua probidade atestada na sua pobreza. Entendo que também o Supremo Tribunal Federal deve reverenciar-lhe a memória no Centenário do seu nascimento.

Fonte: Agência O Globo. Publicado O Globo, em 19 de março de 1964.

LAURO MÜLLER

Senador Irineu Bornhausen

SENHOR PRESIDENTE, SENHORES SENADORES, HÁ QUASE 100 ANOS, no dia 8 de março de 1864, nascia no meu Estado, e na minha Cidade de Itajaí, o filho de um modesto casal de imigrantes alemães, que havia de se tornar uma das grandes figuras da Primeira República. Poucos os cidadãos capazes de reunir, depois da morte, não apenas seus descendentes, mas o Governo e o povo de sua terra, para a comemoração de seu centenário; menor o número daqueles, como Lauro Müller, que se fizeram merecedores nesta hora de louvor, tendo partido de uma origem a mais humilde, num tempo em que nascer em berço ilustre, se não representava a condição necessária à conquista dos altos postos, era, sem dúvida, um privilégio bem mais decisivo que em nossos dias.

Mas, o fato de serem tão poucos não pode apenas significar que aos outros, à imensa maioria da população, não foram concedidas as chances; há de, por certo, ser, também, por uma porção de qualidades de inteligência e de caráter, que os permitiram poder e querer subir mais alto, não somente movidos por uma justa ambição, mas quase sempre socorridos pela capacidade de renúncia e pelo desejo de servir, que os permitiu suportar o nem sempre fácil despojamento que as escaladas exigem, e que constituem o timbre da verdadeira nobreza.

Cedo, com apenas 16 anos, o filho de Pedro e Ana Müller, desfez os laços naturais e afetuosos que o amarravam à sua pequena pátria e à pequena vida que ela poderia oferecer, para tomar o veleiro que o conduziria ao Rio de Janeiro. Era, então, o adolescente mal vestido e de tamancos que o embaixador recordaria, grato a Deus e à pátria, quando no regresso de triunfal viagem aos Estados Unidos e Canadá, se visse, à entrada da Guanabara, saudado pelas salvas dos canhões das fortalezas.

Mas o humilde caixeirinho, dois anos depois, a 24 de fevereiro de 1882, se decidia e entrava para a Escola Militar; e, a 15 de novembro de 1889, ele, que havia conquistado a confiança e a admiração dos mestres e condiscípulos, ele, que abraçava com valentia e generosidade a causa republicana, havia de ser um dos militares que, sob o comando de Benjamim Constant e outros, se desempenhariam no papel relevante na Proclamação da República.

Nomeado, em seguida, com apenas 26 anos, Governador de Santa Catarina, não deixou por inépcia ou fraqueza que lhe caísse das mãos a oportunidade, mas soube corresponder à confiança e merecer aprovação do Marechal Deodoro, com a nota máxima.

Não quero cansar o Senado, nem me parece este o lugar nem o momento, com o relato detalhado das etapas subsequentes de sua vida. Elas se encontram consignadas numa série de publicações. Mas, quem delas se inteira há de constatar uma contínua ascensão. Os nomes de ruas, avenidas e localidades dos Estados da Federação, testemunham a excelência de seu desempenho como governador por três vezes de seu Estado natal, como grande Ministro da Viação do Governo Rodrigues Alves, o sucessor de Rio Branco à frente do Itamarati, o representante do Brasil no exterior, membro da Academia Brasileira de Letras, o Deputado Federal e o Senador por Santa Catarina, em várias legislaturas.

A prudência, a moderação, o bom senso e, principalmente, as qualidades raras de homem de governo o provaram grande, tornaram-no digno da homenagem que o Senado, unido ao Governo e ao povo brasileiros, lhe presta hoje, e justos os louvores que lhe queremos tributar.

Como porta-voz da bancada catarinense e como representante do povo no Parlamento, desejo sublinhar o louvor dirigido ao Constituinte, ao Deputado e ao Senador, que, não apenas pelo brilho de sua personalidade, mas pela dedicação assinalada pelos estudiosos de sua biografia,

às comissões mais importantes das duas Casas do Congresso, e ao estudo dos problemas nacionais, foi um de seus membros mais ilustres.

Na Assembleia Constituinte de 1891, Lauro Müller foi membro da Comissão dos Vinte e Um, destinada a examinar e emitir parecer sobre o projeto da Constituição. A sua atuação foi marcada pela sua tendência francamente favorável a descentralização administrativa. Bateu-se, intransigentemente, pela autonomia dos Estados, pondo em relevo o ponto de vista que enfatizava, na seguinte observação irônica : “Quanto menos Federal, melhor”.

Seus dotes oratórios mereceram de Afonso Celso, no discurso de saudação na Academia Brasileira de Letras, a seguinte honrosa referência: “Há em vós um orador fluente, elegante, comedido, sabendo, que o que quer, como quer e quando quer”. Creio que parlamentar algum poderia exigir melhor elogio.

Na primeira fase de sua atuação nesta casa, até sua ascensão ao posto de Chanceler, Lauro Müller foi, praticamente, o líder do governo em assuntos financeiros.

Nesse período ocupou, constantemente, a tribuna, para sustentar seus inúmeros pareceres e defender atos do Executivo. Não raro, terçou armas com Rui Barbosa.

Dessa fase, é um curioso discurso de defesa da atitude de Alberto Tôrres, que, rompido com Porciúncula, abandonava o seu partido. Aparteado por Moraes Barros, que entendia dever Alberto Torres renunciar o mandato para o qual foi eleito com o apoio de seu ex-amigo e correligionário, Lauro Müller, valendo-se do parentesco entre o seu aparteante e Prudente de Moraes, lembrou que este também discordara do Partido Republicano Paulista e não abandonara a Presidência da República. E para defender seu amigo passa a defender o Presidente, afirmando: “Tendo sido ele eleito Chefe da Nação por um partido, se este partido se desviasse, fizesse exigências que ele julgasse descabidas, o seu dever era ficar no governo com o interesse nacional e romper com o partido”. O Senador Moraes Barros teve então que prosseguir o debate defendendo Prudente de Moraes e deixando em paz Alberto Tôrres.

Do mesmo período, são os debates com Rui Barbosa, ocasião em que Lauro Müller, sempre exaltando as notáveis virtudes do seu adversário, procurava bem desincumbir-se de árdua tarefa fazendo praça de seu realismo político - único capaz de equilibrar o idealismo do imortal baiano.

Assim, em 25 de dezembro de 1901 quando defendia o regime de urgência para o orçamento e Rui Barbosa combatia a medida, alinhando entre outros argumentos a sua posição de independência, já que oposição organizada, nem partido oposicionista existiam, sendo sua atitude inspirada, tão somente no bom senso, Lauro Müller colhe a oportunidade para desviar o debate para o terreno político e explorar a fraqueza da oposição, concordando com a inexistência de partido político, com tal objetivo e acrescentando mordaz: “Acho que um partido só pode vir quando ele resulta da comunhão de sentimentos, de ideias que fazem ligação entre os homens públicos na defesa de uma causa”.

Ainda dessa fase, é o discurso de 18 de outubro de 1900, em que, defendendo o equilíbrio entre o Norte e o Sul, esclarece algumas críticas e revela que apoiara a iniciativa de representantes do Sul, propondo a rescisão do contrato de imigração - cujo ônus era da União e beneficiava São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande para que maiores recursos fossem encaminhados ao Norte e Nordeste.

A segunda fase da sua atuação nesta Casa, após sua gestão na Pasta do Exterior, caracteriza-se pelas indisfarçáveis tendências críticas. Como que libertado de todas as peias das conveniências partidárias e das legítimas aspirações políticas, Lauro Müller intervém, quando necessário para defender a pureza do regime e as liberdades públicas, haja o que houver, fira a quem ferir.

São dignos de menção seus pronunciamentos enérgicos contra o projeto de lei de imprensa que, em 1922, tramitou na vigência do estado de sítio.

O seu discurso, sobre o assunto, pronunciado em 26 de julho daquele ano, é modelar no que toca à defesa da liberdade de imprensa e atualíssimo, quando estabelece certas distinções como essa: - “não a imprensa, mas a indústria de publicidade existente entre nós, sem dúvida, precisa ser examinada e contida. E como legisladores devemos examiná-la serenamente”. A permanência na Pasta do Exterior, seguida da discutida renúncia fê-lo, no Senado, em várias ocasiões abordar assuntos de política externa. Não será exagero dizer-se que Lauro Müller foi um Chanceler com olhos postos no futuro. A 7 de agosto de 1925, por motivo do Centenário da Independência da Bolívia, pronunciou o discurso, do qual retiro o trecho seguinte, que, atualizados alguns dados subjetivos, pode bem aplicar-se aos dias de hoje:

Nós todos neste país, podemos falar de fraternidade sul-americana, podemos falar de paz no universo, sem o receio de que nos acusem de estar dizendo mentiras convencionais. Somos sinceramente pela fraternidade sul-americana; somos lealmente pela paz do universo. Não temos nenhuma solicitação de ordem política, não temos nenhum interesse, e é contra todos os nossos ideais, que o mundo se faça através de perturbações, cuja reprodução, no futuro somente a continuidade de tradições infelizes pode tornar possível. Não digo isso porque acredito que estejamos livres desse espantalho, que se chama guerra. Quando me diziam que a grande guerra era a última, respondi sempre que ela era a mãe das guerras que estavam adiante. Desejo que a minha profecia não se realize. Estimaria muito, considerar-me-ia feliz se pudesse acreditar em que esses fatos não se hão de reproduzir. Mas não aconselharia jamais a nenhum país que, confiando nisso, se descurasse dos seus meios de defesa, porque o nosso pacifismo deve consistir em fazer uma política de paz e para a paz e, não em uma política que facilite um golpe da mão, contra o qual não tenhamos elementos de reação. Por isso mesmo que sou por essa política, e porque sei que o meu país o é, disse que podemos falar de fraternidade sul-americana sem o receio de parecer que empregamos palavras convencionais.

De fato Lauro Müller foi um ministro que compreendeu e fez executar uma política externa independente. Quando deixou a chancelaria, a Revista dos Dois Mundos, publicação francesa de largo prestígio, à época - na sua edição de 15 de maio de 1917 - deu a lume o seguinte tópico, na sua “Crônica da Quinzena”:

O Brasil que havia rompido suas relações com a Alemanha, parece estar decidido a ir além; tal é o apelo menos a significação que deve ser emprestada a substituição do Chanceler Lauro Müller, pelo Senhor Nilo Peçanha. Façamos essa justiça ao Chanceler Lauro Müller, que ele se mostrou sempre correto, e teve mesmo mérito, levando-se em conta as suas origens e o seu próprio nome, que não permitia a ninguém, nem mesmo a ele, esquecer.

O Sr. Antônio Carlos: V. Exa. me permite um aparte?

O Sr. Irineu Bornhausen: com muito prazer.

O Sr. Antônio Carlos: Quando V. Exa, em nome da Bancada Catarinense, enaltece a figura de Lauro Müller, à passagem ao primeiro centenário de seu nascimento, desejo, como representante de Santa Catarina e como itajaiense, solidarizar-me com as palavras que pronuncia no Senado e quero juntar um dado à exposição que V. Exa faz sobre a vida modelar desse grande homem público brasileiro. No nosso Estado, como chefe do Partido Republicano, pode, realmente, constituir-se num grande instrumento do bem comum.

Ao longo da Primeira República, juntamente com Felipe Schmidt, Gustavo Richard, Vidal Ramos, Hercílio Luz e outros homens públicos catarinenses, criou com sua chefia serena e equilibrada um espírito de paz, de desenvolvimento e de progresso ao nosso Estado. Por circunstância muito singular, Lauro Müller nasceu na pequenina terra que também é berço natal de V. Exa e meu. Por isso acredito que suas lições de sabedoria política tornam-se um exemplo para nós e estímulo na tarefa patriótica de servirmos, ainda que modestamente, ao Brasil.

O Sr. Irineu Bornhausen: Agradeço o aparte de V. Exa, nobre Senador Antônio Carlos.

Tudo isso, Senhor Presidente, como acabei de dizer, justifica as palmas com que Santa Catarina e o Brasil saúdam no primeiro centenário de seu nascimento, a glória de seu filho ilustre. Há, no entanto, o que tornou Lauro Müller capaz, se assim posso dizer, de prestar um serviço a mais, e não menor aos seus compatriotas. Tendo sido o primeiro filho de humildes imigrantes europeus que vieram para o Sul do Brasil e colaboraram tão decisivamente para o progresso de nosso país - a galgar os mais altos postos da vida pública republicana, pode e deve transformar-se num símbolo, no exemplo de uma integração de que nossa terra tão justamente se ufana - se o destino do Brasil é o de ser a primeira democracia racial do mundo - um exemplo de sua capacidade de abraçar e fazer seus a todos os que verdadeiramente lhe amam, sem distinção de cor ou de origem, deve ser colocado, como a candeia do Evangelho, em lugar visível e de honra.

Não é outro nosso desejo, antes de finalizar, repetindo mais uma vez o nome de Lauro Müller neste recinto. Não foi ele, porventura, que, obrigado pela paixão dos que, ante o quadro da primeira guerra mundial, não puderam suportar a presença no Ministério do Exterior, um Ministro de nome alemão e pais alemães a renunciar, no dia 2 de maio de 1917, aquele que nos legou este lema: “Quem nasceu nesta terra, ou é brasileiro ou traidor”.

Que ele sirva de estímulo aos que souberam fazer do Brasil a sua segunda pátria, pois a esperança de ver sua descendência, tenha ela os olhos azuis, castanhos ou pretos, a pele branca, negra ou amarela, nos postos de comando desta grande Nação, já foi e há de ser sempre mais realizada e Lauro Severiano Müller é disto um dos mais belos e autênticos exemplos.

Tenho dito.

CENTENÁRIO

DE LAURO MÜLLER

Líbero Oswaldo Miranda

MINHAS SENHORAS. MEUS SENHORES. SR. PRESIDENTE. Prezados companheiros de Conselho. Foi realmente com grande surpresa, se bem que, com inegável satisfação, que tivemos conhecimento da honrosa incumbência para, em nome do Conselho Diretor desta Casa, interpretar o seu pensamento, por ocasião da sessão solene que ora se realiza e com a qual o Clube de Engenharia associa-se às inúmeras e justas homenagens, que vem sendo tributadas no país, ao grande brasileiro Lauro Severiano Müller, neste ano do Centenário de seu nascimento. Tal escolha ocorreu, sem dúvida, por se tratar de um conterrâneo do ilustre homenageado e que é ao mesmo tempo, antigo servidor do Ministério da Viação e Obras Públicas, à frente do qual, Lauro Müller, honrando sobremaneira seu título de engenheiro, realizou uma das mais fecundas gestões de todos os tempos.

A personalidade do homenageado que se caracterizava por um patriotismo sem par, pelo mais acendrado espírito público, por uma nítida retidão de caráter e como prova da qual, inúmeros são os episódios relatados por seus contemporâneos, teve a mais variada atuação, como homem público, percorrendo além de sua passagem pela carreira militar, na qual ascendeu ao generalato,

as carreiras política e diplomática, ora como Governador, como Deputado, como Senador e como Ministro, duas vezes.

Sabido é que Lauro Severiano Müller constitui um dos mais legítimos exemplos do *self made man*. Filho de pobre comerciante, era neto de imigrantes alemães. Dotado, porém de um cérebro privilegiado, concluiu suas primeiras letras em sua terra natal – Itajaí, em Santa Catarina, frequentando a seguir a Escola Alemã, destacando-se desde logo por sua avidez de saber e constringendo, muitas vezes, os então modestos professores locais.

À procura de novos horizontes, jovem ainda, atirou-se para o Rio de Janeiro, embarcando para isso como moço, em um dos muitos veleiros que faziam linha por sua terra e empregou-se como vendedor em uma loja da Rua da Constituição. Não perdia os mais rápidos momentos disponíveis, estudando sofregamente e especialmente à noite, não sendo raras as vezes em que, por tal pendor, era advertido pelo patrão que acabou por despedi-lo, segundo se conta.

Conseguiu fazer o curso de humanidades em ginásio de Niterói, com o auxílio de um seu tio. Das dificuldades de então, para matrícula na Academia Militar, por quem não contava com qualquer ascendência nos quadros militares, Lauro Müller ingressa voluntariamente como praça, no Corpo de Alunos da Escola, aos dezoito anos e, três anos após, era nomeado Alferes-Aluno, concluindo mais tarde os cursos das Três Armas e do Estado Maior, além de granjear o título de Engenheiro Militar.

Sua estada na Escola Militar teve grande influência em sua futura carreira, pela convivência com homens e ideias do tempo, vivendo os movimentos de então, relacionados com a Abolição e a República, tendo sido grande admirador de um de seus mestres – Benjamin Constant, pelo que atuou, também com relevo, em 1889.

Foi quando, em 1889, recebeu a incumbência de exercer o governo provisório em Santa Catarina, procedendo à reorganização administrativa do Estado. Logo após é eleito para a Assembleia Constituinte de 1891, na qual pertenceu ao Grupo incumbido do exame e parecer sobre a primeira Constituição Republicana, cujo projeto foi devido, como se sabe, a Rui Barbosa. Volta a seu Estado como seu primeiro Governador eleito, após o encerramento da Constituinte, afastando-se porém do Governo, por ocasião do golpe de novembro de 1892, mas depois de haver organizado as bases do primeiro período constitucional republicano.

Retorna assim à sua cadeira de Deputado, sendo eleito logo depois para o Senado Federal e, como chefe do Partido Republicano, que fundou em 1897, iniciou a fase mais expressiva de sua atuação política, pela qual muito cedo granjeou renome nacional, não só pelos seus elevados dotes de rara inteligência e moderação, como por sua invulgar capacidade de trabalho, além da clareza e segurança, com que abordava os mais diversos problemas nacionais da época.

Em 1902 era eleito pela segunda vez Governador do Estado, de cujo cargo afastou-se logo após em atenção a chamado que lhe foi feito pelo Presidente Rodrigues Alves, para ocupar a pasta da Indústria, Viação e Obras Públicas.

É sua atuação ímpar, à frente desse já então complexo Ministério, em cuja gestão de um quadriênio foram concretizadas as mais diversas e relevantes obras, o que justifica integralmente a justa e entusiástica homenagem que lhe presta hoje esta casa de engenheiros, cuja classe foi dignificada e consagrada, de modo tão brilhante, pelo grande administrador.

Conta-se que não obstante o renome de que já gozava Lauro Müller, como político e parlamentar, junto à administração federal, sua escolha foi recebido com alguma reserva, em certos meios, por não ser conhecido como técnico ou administrador. Muito cedo, todavia, generalizou-se a opinião em contrário. A propósito, convém lembrar que ele próprio considerou sua juventude para o Ministério como uma missão de engenharia, admitindo, embora, os simultâneos encargos governamentais.

Vossa Exa. Sr. Presidente, já teve a oportunidade de conhecer a complexidade das tarefas a cargo da pasta da Viação, que teve a honra de recebe-lo, outrossim, como titular, recentemente. Foi sob sua também dinâmica administração, que foi projetada a subdivisão da pasta em três outras e cujo projeto encontra-se agora em estudos, no Legislativo. Ao tempo de Lauro Müller os encargos ministeriais abrangiam ainda o setor da Agricultura, da Indústria e do Comércio.

Os relatórios do eminente brasileiro, como Ministro da Viação, constituem obras do mais elevado teor técnico e tem sua grande valia ainda hoje, como sábias fontes de consulta. Do seu compulsar depreende-se o manifesto espírito metódico do grande ministro e tem-se a certeza de que constituem trabalho que recebia não só orientação, como a direta redação do ilustre brasileiro.

A introdução, de cada um dos quatro volumes, periódica e regularmente, submetidos à consideração do Presidente Rodrigues Alves, de 1903 a 1906. Traduzem de sobejo, a que foi a

permanente luta do técnico, do administrador, do patriota, do intelectual, do político, de vez que equacionava anualmente, não só os problemas a seu cargo, como todos os demais de interesse nacional, mas de cuja solução dependesse a concretização de seu programa de ação.

Pensou imediatamente na reorganização do Ministério, considerando suas repartições elevadas de senões, com disparidades flagrantes, especialmente no que se relaciona com a exiguidade de vencimentos, não compatível com as capacidade e experiência exigidas para os encargos. Já a esse tempo, contatou o êxodo dos técnicos de maior competência, atraídos por ordenados mais justos, propondo a redução em número dos quadros com aumento da remuneração, que achava condigna.

Em seu relatório dizia ao Presidente: “Os serviços já encetados e os que sucessivamente irão sendo atacados, obedecem naturalmente ao duplo pensamento, de melhorar a situação dos brasileiros e de tornar o Brasil atraente ao estrangeiro que venha trabalhar conosco, ou aqui deseja aplicar capitais”. “Para tais objetivos ter-se-ia que tratar com grande zelo, dos problemas ligados à reputação sanitária e ao contrário dos principais centros de população, especialmente, do Rio de Janeiro”.

Preocupou-se ininterruptamente com a remodelação das cidades portuárias mais importantes, além do Rio e não deixava de repetir que dentro de poucos meses a Capital Federal, com os benefícios da higienização e modernização, tornar-se-ia uma das melhores do mundo, ressaltando sempre a ação benéfica que teria uma tal transformação, para os seus habitantes e para o progresso comercial e industrial do país.

Formulou por isso o projeto das obras do porto e da cidade, atacando problemas de higiene e embelezamento, para não limitá-los, como dizia, apenas a uma exploração comercial. Intensificou os serviços da rede de esgotos e águas servidas, com a sua extensão para os bairros de Engenho Novo e Jardim Botânico e extinguiu então a descarga feita na própria baía, além da captação de novos mananciais. Realizou, também, o prolongamento do Canal do Manguê.

A forma por que foram levadas a efeito as obras do Porto do Rio de Janeiro, poderia servir, ainda hoje, de espelho para execução de qualquer outras obras de vulto. Por decreto foram aprovados em detalhe todos os planos, projetos e orçamentos, além das desapropriações a efetuar. Foi criada uma comissão especial, composta de presidente, diretor-técnico e diretor-gerente, incumbida da administração, fiscalização e manutenção das obras e serviços, e discriminadas as fontes da receita

a ser aplicada, sob o controle da própria Comissão. Um segundo decreto baixava o regulamento da Comissão, dando-lhe organização e as atribuições de seu Conselho e de cada um de seus diretores.

Quantas e quantas obras de nossos tempos, conhecemos nós, que não tem sido levadas a cabo com sucesso, precisamente pela falta de planejamento minucioso e completo, como o foram as mais variadas obras da Viação, ao tempo de Lauro Müller.

Essa mesma orientação foi dada pelo notável administrador, no caso da construção da Avenida Central. Os trabalhos ficaram a cargo de uma comissão construtora, que lhe ficou subordinada diretamente, baixadas por portaria ministerial todas as instruções relacionadas com os serviços a executar. Os estudos prévios e as obras ficaram, como se sabe, entregues a esse outro eminente patricio, Dr. Paulo de Frontin, nome pertencente a esta Casa, que muito o tem – com justiça – reverenciado.

Lauro Müller deu desde logo apoio à criação do Ministério da Agricultura, como órgão autônomo, antevendo um “centro de impulsão e de educação, com caráter técnico e prático, capaz de criar uma agricultura racional, segundo métodos e processos adaptados de países mais adiantados e onde os industriais agrícolas pudessem conviver em laboratórios e experimentalmente”, segundo dizia.

Intensificou a publicação de obras sobre assuntos agrícolas e de indústria pastoril fazendo publicar o repositório estatístico “Brasil em 1906”, em substituição ao já antiquado “Brasil em 1890”.

Promoveu Congressos regionais, tais como o de Belo Horizonte, Bahia, Recife, Rio de Janeiro, etc. Deu início à criação de sindicatos agrícolas, especialmente em Estados do Norte. Fez realizar exposições de indústria e agricultura, em São Paulo, Florianópolis, Pelos e outras. Apoiou a Academia de Comércio na criação do museu comercial, de utilidade para o ensino e como fonte de informações para o comércio, e propagando produtos brasileiros no Exterior. Pelo muito que fez pela agricultura, mereceu a honra de ocupar a presidência da Sociedade Nacional de Agricultura, desde 1912 até 1921.

Não deixou de atentar para o problema da navegação, reorganizando integralmente o Lóide Brasileiro, concedendo vantagens às empresas privadas de navegação, visando a melhora das condições das linhas costeiras e fluviais; desenvolvendo sobremaneira a cabotagem, sem esquecer os rios Paraguai, Paraná e Uruguai, os dois últimos até então sem navegação sob nossa bandeira,

não esqueceu o Alto-Amazonas e outros rios adjacentes, prevendo navegação regular para o Acre. Deu início à navegação de longo curso para a América do Norte e para o sul do Continente africano.

Aparelhou inicialmente os portos de Santos e Manaus e mais tarde os de Belém, Recife, Salvador e Vitória, além do Rio Grande, melhorando sensivelmente suas condições de acesso e navegação. Atacou igualmente a mineração, concentrando todo seu maior esforço em aumentar a riqueza interna, com a exploração de nossa bacia carbonífera. Teve grande sucesso em tal sentido, pelo que agradeceu ao Congresso Nacional o apoio que dele recebeu, para isso. Criou comissões especiais para se incumbirem do assunto e o resultado dos estudos práticos e científicos realizados, despertaram o interesse do capital estrangeiro para a questão.

Firmou, então, definitivamente, a possibilidade de aplicação de carvão brasileiro nas ferrovias e navegação marítimas. Também fez realizar pesquisas e sondagem, em busca de zonas petrolíferas, como ocorreu no Paraná e em outras áreas.

As obras contra as secas receberam caráter permanente a partir de sua gestão, com a criação da Superintendência Federal para tais serviços, os quais complementou com a construção de várias estradas. Deu início à perfuração de dezenas de poços e construiu açudes como o de Acaraú-mirim e Quixeramobim. Programou de imediato uma ligação ferroviária do Rio para o Norte e as ligações no interior de Pernambuco, da Paraíba, do Piauí e Ceará, com a rede existente; fez o prolongamento da linha da Central e o alargamento de sua bitola até São Paulo, separando as linhas do interior e subúrbios. Construiu os ramais de Cachoeiro e Matilde, de Timbó e Propriá; Rio Grande do Norte a Baturité e extensão de São Paulo-Rio Grande, com a linha para Itararé.

É conhecida a repercussão havida com a exposição universal de São Luiz, da qual nos relembra até hoje, o Palácio Monroe e cujas consequências diretas e indiretas, no País e no mundo, foram excepcionais, dando um renome comercial ao Brasil até então desconhecido, contribuindo poderosamente para a aproximação política e econômica dos países americanos, como ele próprio fez ressaltar em seu relatório de 1906 quando se considerava feliz, pelo elevado conceito alcançado pelo Brasil, em razão da ampla e segura ideia que a exposição deu de nossas possibilidades em recursos materiais e das obras de saneamento e de melhoramentos nas cidades e portos, além do desenvolvimento da viação.

E o que é de admirar é que, por maiores que fossem as obras executadas durante o ano decorrido, Lauro Müller as considerava sempre ínfimas, face todas as demais postergadas e que considerava igualmente necessárias.

São de seu relatório as seguintes manifestações, da maior atualidade; referia-se à necessidade do concurso estrangeiro, para aumento de nossa riqueza: “É indispensável, dizia, tê-lo na mais elevada escala possível para fazer o Brasil qual o devemos querer. Não há mais isolamentos no mundo e os países mais felizes, são os que conseguem tornar-se vasto abrigo ao trabalho de todas as raças. Aqui as podemos ter, em um regime livre e em um País tenaz, dando aos que nos procurarem, condições de vida remuneradoras e a seus filhos, as portas por onde se ascende na hierarquia social”.

A obra de Lauro Müller na viação, constituiu verdadeira obra de equipe. Bastaria, para uma tal afirmação, lembrar apenas três de seus principais auxiliares: Pereira Passos, Paulo de Frontin e Oswaldo Cruz.

O exame de muitas e muitas outras obras do grande administrador nesse Ministério, demandaria ainda muito tempo e já tomamos por demais, a atenção dos presentes.

Da Pasta da Viação, Lauro Müller retoma a sua cadeira no Senado Federal, aonde foi busca-lo o Presidente Hermes da Fonseca, a fim de ocupar o Ministério das Relações Exteriores, sucedendo assim ao eminente e grande chanceler Barão do Rio Branco, que falecera.

Sobre sua estada à frente do Itamarati já discorreram inúmeros oradores neste período de comemorações e por isso, ressaltaríamos apenas uma de suas mais relevantes obras: aquela concretizada na ocasião em que as prevenções e rivalidades, entre os povos da Argentina e do Brasil, atingiam proporções indescritíveis e quando Lauro Müller conseguiu extinguir de todo, a explosiva situação reinante, lançando a política do ABC, que conseguia confraternizar todos os povos do Continente, que passaram a viver período de larga paz e construtiva harmonia.

Houve-se de tal modo à testa dos negócios estrangeiros que no quadriênio seguinte, Wenceslau Braz conservou-o na pasta, da qual só se afastou por ocasião da primeira guerra mundial e quando, embora patriota autêntico e brasileiro de primeira raça, não fugiu à regra geral, tendo sido alvo da mais cruel das injustiças.

Esta, minhas Senhoras, meus Senhores, uma pálida ideia do que foi a obra gigantesca do ilustre brasileiro, cuja memória não será nunca por demais exaltada, como exemplo para a mocidade de hoje e para todos seus pósteros.

As nossas homenagens a todos os familiares de Lauro Müller, seus dignos descendentes, aqui presente e igualmente a todos os seus colegas e demais pessoas, prestigiando a esta solenidade.

Finalmente, a nossa mais sincera reverência a Lauro Severiano Müller, que tão fervorosamente soube honrar e dignificar os seus patrícios, a sua “pequena pátria” – Itajaí, o Estado de Santa Catarina e a todo o País que lhe serviu de berço. Tenho dito.

Palavras proferidas em Sessão Solene do Conselho Diretor do Clube de Engenharia. Publicado no Correio da Manhã, em 06 de março de 1964.

GLORIOSA

FIGURA DA REPÚBLICA

Brazílio Celestino de Oliveira

NÃO DESEJANDO DEIXAR PASSAR, SEM UMA HOMENAGEM ESPECIAL, a data que assinala o transcurso de mais um aniversário de nascimento do eminente patricio e nosso inolvidável conterrâneo, Ddr. Lauro Severiano Müller, convidou-nos o digno Venerável desta Augusta Loja Simbólica a pronunciar, no templo maçônico que porta o nome de tão ilustre e benemérito cidadão, uma conferência sobre a sua vida na história do país e deste Estado.

Aceitamos prazerosamente a incumbência, honrosa para nós, lastimando apenas que a escassez de tempo não nos tenha permitido recorrer a fontes eruditas, de onde pudéssemos extrair dados mais completos e conhecimentos mais profundos sobre a personalidade excepcional do grande brasileiro, cuja vida pública, repleta de rasgos proeminentes, é uma afirmação da pureza dos costumes políticos e do caráter do homem público de sua época.

Senhores: logo após a Independência do Brasil, em curso o ano de 1824, graças à visão administrativa do jovem Imperador D. Pedro I, era fundada, na província do Rio Grande do Sul, a Colônia de São Leopoldo, formada de imigrantes vindos da Alemanha. Poucos anos depois, em

1828, aportava à província de Santa Catarina, desembarcando na Ilha do Desterro, outra leva de agricultores da mesma procedência, seguida de outras novas levas, aqui chegadas em 1829 e 1830.

Localizados, meses após a chegada em São José, nas imediações da capital, foram depois esses imigrantes transportados para a Colônia de São Pedro, fundada pelo então Governador da Província, Francisco de Albuquerque Melo.

Dentre os imigrantes que povoaram a nova Colônia de São Pedro, figuravam Johann Müller e sua esposa Anna Maria, com seus cinco filhos. Um dos filhos desse humilde casal alemão, de nome Peter, mudou-se mais tarde, para São José, em busca de maiores facilidades para a edificação de sua nova existência em pátria estranha. Em São José, Peter desposou Ana Michels, como ele, alemã, e filha de imigrantes. Insatisfeito no meio em que vivia, sonhando um futuro melhor para si e para os seus descendentes, Pedro Müller, - como se tornou largamente conhecido, transferiu seu domicílio para Itajaí, onde se estabeleceu com uma pequena e modesta loja comercial.

Mais rapidamente que a fortuna, com que sonhara, aumentara-lhe a descendência: quatro rapazes e duas meninas. Dentre os primeiros, o menino magro, alto, muito ágil e de aspecto doentio, que se chamou Lauro Severiano Müller, e que deveria, muitos anos mais tarde, ser um nome de grande ressonância no Brasil e no estrangeiro.

Relata o escritor catarinense Marcos Konder, num interessante ensaio biográfico de Lauro Müller, que o velho Pedro Müller e sua esposa Ana Michels, pela sua extrema bondade, e lhaneza de trato que dispensavam a todos quantos se lhes achegavam, caboclos ou alemães, ricos ou pobres, acabaram cativando aquela população de pequenos agricultores e humildes pescadores das margens do Rio Itajaí. De tal forma se afeiçoara a todos o bondoso e prestativo imigrante, que se tornara “compadre” de muita gente, hospedando, invariavelmente, no seu lar modesto e são, políticos e pessoas de destaque social na época, que transitassem pela cidade. Em reconhecimento a tão notórias virtudes, amigos de prestígio fizeram-no Juiz de Paz.

Em Itajaí, onde nascera, Lauro Müller fez também os seus primeiros estudos, revelando, desde muito cedo, dotes de inteligência e sagacidade, admirado pelos seus colegas pela facilidade com que aprendia as rudimentares lições do mestre-escola. Nada teve de extraordinária a sua infância, sabendo-se apenas que, como todos os meninos de sua idade, adorava banhar-se nas águas

do grande rio, participando de alegres pescarias, principalmente de bagres, pelos quais, durante toda a vida, manifestou especial predileção, e aprendera capoeiragem com mameluco popular, de nome Desidério, que se tornara famoso, na região, na arte de “passar rasteiras”.

Chegada a adolescência, Lauro tornou-se impaciente para traçar rumos à própria vida. Assim foi que, embarcando no porto de sua terra natal, de onde jamais saíra, desembarcou, de tamancos, no Rio, dirigindo-se para casa de seu tio, residente em Niterói, que, imediatamente, lhe conseguiu um emprego de caixeiro, numa loja comercial de um português, na Capital do Império.

O jovem catarinense, porém, aproveitava melhor o seu tempo com leituras de jornais e almanaques, a tudo devorando na sua imensa sede de aprender. Vendo o bondoso tio que o sobrinho preferia a companhia dos livros ao modesto trabalho de balcão de loja, procurou encaminhá-lo de acordo com as suas próprias inclinações.

Desta forma, em 1882, Lauro Müller, sem o mínimo pistolão, sem recomendação de quem quer que seja, assentou praça, voluntariamente, no Corpo de Alunos da Escola Militar, onde concluiu o curso preparatório, demonstrando, segundo os seus autorizados biógrafos, brilhante aproveitamento, mas, devido a sua natureza doentia, pouquíssima inclinação para os exercícios militares.

Em 1885, como Alferes-Aluno, devido à enfermidade, desliga-se da Companhia em que estava destacado, para vir convalescer no seu Estado natal, aqui ficando às ordens do Governador da Província.

Foi esse, ao que parece, o seu primeiro contato com a política, na qual haveria de revelar-se, mais tarde, consumado senhor.

Melhorando o seu estado de saúde, regressa Lauro à Corte, concluindo os cursos de Artilharia e do Estado Maior.

Em 1888 era já Engenheiro Militar e promovido a 2º Tenente do Exército Imperial.

Segundo notícias que temos, nesse mesmo ano, depois de aderir com entusiasmo à pregação republicana de seu querido mestre, Benjamin Constant Botelho de Magalhães, que pontificava na cátedra da Escola Militar, Lauro Müller procura, na iniciação maçônica, o campo onde pudesse fazer medrar o seu sonho de lutador democrático.

As Lojas Maçônicas, unidas sob a obediência suprema do Grande Oriente do Brasil, a serviço dos seus imperecíveis ideais libertários, mostravam, àquela época, excepcional atividade. Tivera eficaz participação a Maçonaria Brasileira na luta pela libertação do país do jugo português, consumada com a Proclamação da Independência, e Lauro conhecia a filiação maçônica de José Bonifácio, Gonçalves Lêdo, e do próprio Imperador. A Independência era a coroação de longas lutas travadas no país, e de desesperador surtos revolucionários, cujo preço fora o sacrifício generoso de preciosas vidas de compatriotas nossos, muitos dos quais abnegados maçons.

A Lei Áurea, que extinguiu em todo o país a escravidão, lavando do continente americano a vergonhosa mancha, fora, incontestavelmente, trabalho pertinaz inspirado nos ideais Sublime Ordem. Estava, agora, para nascer a República, e para sua efetivação, maçons ilustres como Benjamin Constant, Ruy, Deodoro, se empenhavam a fundo.

Na sua farda de oficial do Exército, Lauro Müller, no dia 15 de Novembro de 1889, a cavalo, em companhia do Tenente Adolfo Pena, descia de São Cristovão, madrugada alta, para transmitir ao Marechal Deodoro, a disposição da brigada de depor o Ministério Outro Preto, no auge da crise política, ou proclamar a República. Destruido o regime pela Proclamação da República, foi Lauro Müller nomeado Governador Provisório de seu Estado natal.

Em Santa Catarina, formara-se uma Junta Governativa composta dos Coronéis Raulino Horn, Rego Barros e Dr. Alexandre Bayma, que aclamara governador provisório o Cel. Raulino Horn. Das mãos desse venerado republicano, recebeu Lauro o Governo do Estado, em 2 de dezembro de 1889. À testa da administração pública, ainda no verdor dos anos, pôs Lauro Müller em evidência o seu tino de estadista, procurando ajustar a nova administração ao regime republicano.

Desde cedo fazia praça das sublimes lições aprendidas com Benjamin Constant e dos princípios maçônicos, implantando absoluta austeridade na gestão dos negócios de Estado, dando exemplos de bondade, compreensão e tolerância, e agindo sempre dentro nos melhores costumes políticos. Conta-se que, no seu curto governo, ninguém foi demitido das funções e empregos públicos que exercia no regime anterior. Eleito Deputado à Constituinte de 91, colaborou na feitura da nova Constituição Republicana, participando da Comissão dos 21, incumbida de examinar o projeto de autoria de Ruy, que se transformou na mais liberal constituição do mundo.

Promulgada a Lei Magna do país, em 24 de fevereiro desse mesmo ano, já em junho era Lauro eleito pelo Congresso para Governador Constitucional de Santa Catarina.

Ainda desta feita, foi curta a sua permanência à frente do governo de seu Estado natal. Havendo apoiado o golpe de estado desferido por Deodoro, que dissolveu o Parlamento, sofreu cerrada oposição de seus coestaduanos.

Espírito eminentemente tolerante, generoso e desprendido, não quis Lauro que fosse derramado sangue de seus conterrâneos, surpreendendo a amigos e adversários com a sua renúncia ao governo. Anulada por Floriano a dissolução do Parlamento, decretada por Deodoro, volta Lauro Müller a exercer a representação federal do seu Estado. A revolta de 1893 vai encontrar Lauro servindo no 5º Distrito Militar, com sede em Curitiba.

Na histórica Lapa, onde teve atuação destacada, embora rude e injustamente criticada pelos seus adversários políticos, encontra velhos amigos de Santa Catarina, entre os quais Hercílio Luz. Passado o incêndio revolucionário, nomeia Floriano o Coronel Moreira César, de triste memória, Governador Militar de Santa Catarina. Horrorosas vindictas foram exercidas nesse negro período de nossa história, no Paraná e em nosso Estado.

Embora tardiamente, coube a Lauro, sempre generoso e tolerante, influir sobre Moreira César para que moderasse a sua sanha sanguinária, que custara a vida a tantos ilustres catarinenses, entre os quais cumpre nomear o Marechal Gama d'Eça, Barão de Batoví, Elesbão Pinto da Luz, Tobias Becker e outros.

Em 1897, voltava Lauro Müller a Santa Catarina para fundar o Partido Republicano Catarinense, e em 1899 elegia-se, como Presidente do partido, Senador da República, depois de harmonizar os seus conterrâneos, profundamente divididos pelas cruentas lutas de 1893. Dizia-se de Lauro Müller que não era homem de brigas. Realmente, o seu temperamento dócil e compreensivo, não se compadecia com as lutas e a violência.

Narra Marcos Konder, que Lauro Müller costumava dizer que “engolia sapos”, expressão agora novamente atualizada, para significar o desgosto com que deve o político submeter-se a certas situações em benefício da paz e da harmonia nas hostes partidárias, ou para não se indispor com o Poder Central, sempre tão poderoso na Federação Brasileira.

Em agosto de 1903 era novamente eleito Governador do seu Estado, apenas exercendo o cargo pelo curto espaço de 48 dias, posto que fora convidado pelo Presidente Rodrigues Alves para o Ministério da Viação e Obras Públicas.

Do que foi a sua brilhante atuação à frente daquele Ministério não há nenhuma necessidade de menção especial, eis que a história, pode-se dizer, é dos nossos dias.

Foi justamente a época áurea da República.

Soubera Rodrigues Alves escolher com perfeição os seus mais diretos auxiliares. Lauro Müller, na pasta da Viação, Oswaldo Cruz na da Saúde, Pereira Passos, na Prefeitura da Capital Federal, Paulo de Frontin e tantos outros ilustres brasileiros, são nomes que engrandeceram o mais fecundo dos governos republicanos que jamais tivemos. Sob a orientação clarividente desses homens, o Rio de Janeiro tornou-se uma atraente capital, com seus cais acostáveis, abundância de água, a febre amarela banida dos seus domínios, e aberta a Avenida Central.

Lauro Müller revelava-se, mais uma vez, o administrador de visão, dinâmico e operoso, mas sobretudo de insuperável probidade.

Deixando o Ministério, visita a Europa, onde é recebido carinhosamente pelos chefes de Estado de várias nações, especialmente pelo Imperador da Alemanha, Guilherme II, que presta ao ilustre filho de imigrantes calorosas homenagens.

De regresso do Velho Mundo, assume Lauro Müller a sua cadeira de Senador, empenhando-se, logo a seguir, na memorável campanha cívica pela sucessão presidencial.

Hermes da Fonseca e Rui Barbosa, o primeiro representando o militarismo, e o segundo o civilismo, disputavam as preferências do eleitorado.

Conta-se que Lauro Müller a princípio mostrara-se inclinado a apoiar a candidatura popular do genial baiano, mas, depois, receiando que a vitória de Hermes, candidato oficial, conferisse a Pinheiro Machado, virtual senhor da política federal, maior soma de prestígio, com o risco de perseguições em Santa Catarina, acabou dando o seu apoio à candidatura do Marechal.

Foi Lauro Müller, no governo de Hermes da Fonseca, nomeado Ministro das Relações Exteriores, em substituição ao eminente diplomata Barão do Rio Branco, que falecera.

“Sucedo-o sem substituí-lo”, disse ao tomar posse do novo posto que a República lhe destinava. Incontestavelmente brilhante foi a sua gestão no Itamarati, continuando a ação marcante de Rio Branco, e concluindo a última questão de limites, com a República do Uruguai, pelo domínio da Lagoa Mirim. Pode-se afirmar que Lauro Müller consolidou os laços de amizade com todas as Repúblicas do hemisfério.

Wenceslau Braz, sucessor de Hermes, manteve Lauro à frente do Ministério do Exterior. Pouco depois, a guerra europeia, a primeira conflagração mundial. Os Impérios Centrais, Alemanha e Áustria-Hungria, deflagram a terrível hecatombe. Invadido o pequenino Reino da Bélgica, que porta heroicamente, protesta o Governo Brasileiro contra a violação da soberania da terra do Rei Alberto. No seu delírio de conquistar o mundo a Marinha do Kaiser torpedeia navios brasileiros, e o Governo da República rompe as suas relações com os poderosos e agressivos Impérios Centrais.

“Quem nasceu no Brasil é brasileiro, ou é traidor” era expressão de Lauro Müller que respondia, patrioticamente, às suspeitas que contra a sua pessoa levantavam os seus ferrenhos adversários, apontando o seu nome e a sua origem alemães.

Amargurado pela injusta campanha que se fazia na imprensa do país contra a sua permanência no Ministério do Exterior, renuncia Lauro Müller ao cargo que tanto dignificara, e volta, triste e resignado, à cadeira de Senador, que lhe conferira o povo de seu Estado. Estava por terminar em Santa Catarina o seu mandato de Governador o General Felipe Schmidt, primo-irmão de Lauro Müller, que também sofrera, por idêntico motivo, tenaz campanha de seus adversários.

Vem Lauro a Florianópolis presidir à Convenção do Partido Republicano. Era seu candidato à sucessão de Schmidt, o Dr. Abdon Batista, político em Joinville, e de largo prestígio em todo o Norte do Estado. Mas, outra corrente, - parece que mais poderosa, - sustentava a candidatura do Dr. Hercílio Pedro da Luz.

Percebendo Lauro Müller que não contava com a maioria dos convencionais, e que seu prestígio passava para as mãos de Hercílio Luz, aceitou uma fórmula conciliatória que, se lhe evitava a derrota dentro do Partido, não lhe assegurava mais a chefia política no Estado. Foi assim que surgiu a chapa: Lauro Müller, para Governador, e Hercílio Luz para Vice.

Mais uma vez foi de pouca duração o governo de Lauro Müller.

“O alemãozinho de Santa Catarina”, como costumava chama-lo ironicamente, mas cheio de admiração e respeito por ele, Pinheiro Machado, o seu rival já morto, - deu mostra mais uma vez, do seu espírito de renúncia.

Lauro renunciava ao Governo, efetivando-se nele o Vice Hercílio Luz.

Assim, em 30 de julho de 1926, em estado de pobreza, o homem que fora por diversas vezes Governador de seu Estado, Ministro de Viação e das Relações Exteriores, Deputado e Senador em numerosas legislaturas, num edificante exemplo da sua proverbial probidade, fechava os olhos para sempre.

A sua vida pública foi um padrão de dignidade e de lisura.

O seu espírito esteve sempre profundamente vinculado aos nobres ideais republicanos, e até o dia de sua morte Lauro Müller foi, discretamente, sem ostentação, o maçon perfeito, inteiramente voltado ao bem da Pátria, que tanto engrandeceu, e da Humanidade, a que serviu com tanta generosidade.

Estou certo de que foi o maior dos catarinenses, e, sem dúvida, um dos maiores brasileiros, e o seu nome, que pronunciamos com veneração e respeito, há de ser um facho luminoso a clarear o caminho das gerações futuras.

Homenageando-lhe a memória, na data aniversária de seu nascimento, ocorrido há 93 anos atrás, esta Loja Maçônica, que adotou o seu ilustre nome, tendo-o como seu patrono e inspirador, rende um preito de admiração e reconhecimento a uma das mais gloriosas figuras da República.

DE OLIVEIRA, Brazílio Celestino. Lauro Müller: uma gloriosa figura da república. GOESC: Florianópolis, 1957. Conferência pronunciada pelo ilustre Ir.: Dr. Brazílio Celestino de Oliveira, então Secretário do Interior e Justiça, na sessão solene, realizada a 8 de novembro de 1956, pela Aug.: e Resp.: Simb.: Lauro Müller nº 7, comemorativa do 93º aniversário de seu patrono e na qual se inaugurou o seu retrato.

OS IDEAIS

REPUBLICANOS

LAURO SEVERIANO MÜLLER

QUANDO RECEBI, SURPREENDIDO, A DESIGNAÇÃO PARA FALAR na hora desta solenidade, mais do que a responsabilidade do encargo, me pesou a dúvida da razão determinante na escolha do meu nome. Motivos de benevolência pessoal, ainda que agradecido os reconheça, não seriam bastante para explicá-la. Tendo à mão, no Parlamento e fora dele, oradores e escritores de brilho e saber consagrados, por que haveriam os nossos correligionários e admiradores de ir buscar um homem mais afeito a fazer do que a dizer?

Por que desprezar o fulgor de tantas capacidades para escolher quem com sinceridade se reconhece desprovido no cultivo da forma indispensável à expressão do pensamento em discursos de solenidades? De todas as razões para essa escolha, que ao meu espírito acudiram, uma só se afigurou plausível e capaz de me curvar ante o convite, emocionado pela lembrança.

A mim me parece que os vossos correligionários aqui presentes, cujo pensamento me cabe a honra de interpretar, quiseram que vos falasse hoje a voz de um amigo e companheiro que, pelo conhecimento de vossa vida e dos vossos, pudesse reproduzir aqui as impressões determinantes

na vossa escolha para candidato à Presidência da República, e dizer-vos o que de vossa presidência esperavam e esperam os republicanos.

Sou de fato um daqueles que tivera a fortuna de conhecer quase todos os que inscreveram indelevelmente na história brasileira o nome da família Fonseca, glorioso nos túmulos de Hypólito, Eduardo e Afonso, que lá caíram para sempre nos campos do Paraguai; brilhante em Hermes da Fonseca, o consumado guerreiro que foi vosso pai; em Severiano da Fonseca, meu saudoso chefe e amigo, educador modelar da mocidade militar; em João Severiano, o médico, homem de ciência e escritor inesquecível; em Pedro Paulino, o caráter feito homem, a personificação da honra, por cujos ditames preferiu abandonar a sua cadeira no Senado a deixar que diminuíssem as prerrogativas do mandato.

Com eles, e acima deles na história política, culmina o nome lendário de Deodoro, o proclamador da República, com Benjamin Constant, o organizador da revolução de 15 de Novembro, e Quintino Bocaiúva, o sucessor de Saldanha Marinho na cruzada reencetada desde 1871.

Três nomes aqueles primeiros que as paixões andaram mesquinamente separando, mas que a justiça conservará reunidos nas serenidade das páginas que há de escrever para a história.

De Deodoro não careço falar numa assembleia de republicanos.

Se por uma obliteração da memória a lembrança de sua figura política nos escapasse neste dia, bastaria recordar a data que hoje se comemora para que os corações republicanos pulsassem entusiasmamente, com se, naquele 15 de Novembro inscrito nos calendários, estivéssemos revendo o glorioso soldado, a cavalo, barbas abertas ao vento, boné em punho, a saudar com seus camaradas o advento de uma era nova para a nossa Pátria.

Bravo e nobre coração de leão, aqui, a 15 de Novembro de 1911, nessa Avenida que a República fez, formada definitivamente a legalidade republicana, nós todos e conosco o Presidente da República que é sangue do teu sangue, prestamos homenagens à tua memória, agradecidos e saudosos. É dessa estirpe, Senhor Presidente, a vossa origem. Criança, adolescente e homem, a lição desses varões educou o coração e o espírito, na carreira militar, onde a ambição é a glória, com a vida ou sem ela, na subordinação aos deveres cívicos, que é o maior título de merecimento para um cidadão de uma pátria livre.

Ao lado de Deodoro a vossa ação já foi julgada pelo grande contendor que tivestes na campanha presidencial. A vossa discrição vos recomendou tanto à estima pública, quanto às raras intervenções a que em momentos decisivos fostes obrigado. Ainda me lembro da noite memorável e angustiosa em que lutamos para evitar o ato infeliz que determinou afinal a retirada de Deodoro.

Nunca me esquecerei da nobre e serena resignação com que aceitastes ao lado de vosso chefe e tio todas as consequências de uma resolução que haveis combatido apaixonadamente.

Desse período, acreditamos nós, que vos houvesse ficado um saber de experiências feito, testemunha que foste da vida intensa e fecunda do Governo Provisório, senhor das intimidades angustiosas daquele sofrer glorioso. Mais que isso pudemos todos admirar a fortaleza de ânimo de vossa raça, na inalterável e entusiástica dedicação com que, continuando a obra de vossos maiores, logo em seguida vos dedicastes profissionalmente ao serviço da Pátria.

Voltando ao quartel, ninguém pode ver na vossa frente a ruga de uma saudade do palácio de onde vínheis; e o entusiasmo de vossos camaradas cresceu dia a dia, à proporção que conquistáveis em idade não comum e sem favor os mais altos postos no comando. Tão pouco desfaleceu a vossa dedicação ao nosso regime político, sobranceiro que fostes às sugestões do despeito e aos ressentimentos pessoais. Tendo sido sempre republicano, republicano vos conservastes sem quaisquer restrições quando afastado do governo.

Havendo servido a ordem legal junto ao poder, longe dele a defendestes junto com Floriano e Rodrigues Alves, quando ameaçadas pelas revoltas. Esse culto ao dever, levantando na Nação e no Exército o entusiasmo pela organização de nossa defesa externa, e educando os seus elementos no respeito e na defesa da ordem interna, fez de vós um tipo de um soldado republicano, servindo, como outrora o fez Hoche, à República e à Lei, com a espada e o coração.

Assim ascendestes prestigioso na opinião pública, apontado pelos profissionais, aceito pelos políticos e indicado pelo povo, à posição de Ministro de Estado. Nela confirmastes, como homem de governo, as esperanças de todos, agindo na esfera administrativa, que vos fora cometida, com decisão e capacidade organizadora, que vos trouxeram os aplausos de todo o território nacional sem distinção de partidos. Daí saístes pelo voto do povo brasileiro para a Presidência, cujo primeiro aniversário hoje passa.

Por que e para que vos foram buscar os republicanos?

Por que do vosso nome, lembrado a princípio por várias oposições se acercaram resolutamente as poderosas forças políticas que vos fizeram vitorioso?

Para dize-lo, fora mister lembrar o momento de vossa escolha e os antecedentes que o cercaram. Longo demais para essa solenidade, seria o estudo analítico dessa tese. Digamos, todavia, algumas palavras numa síntese cuja deficiência suprirá o conhecimento que todos vós tendes dos fatos contemporâneos.

Abeirava-se a República da idade em que a lei confere a maioridade às pessoas, insignificante prazo na formação das nacionalidades que percorrem séculos de adolescência; decurso exíguo para o julgamento de um regime político.

É que as instituições governamentais, como os processos de educação, não se julgam pelo brilho dos programas nem pela copiosidade das promessas, mas afirmam-se ou decaem, segundo os resultados que produzem. Da severidade desse critério moderno, que exclui sensatamente os fanatismos reacionários ou demagógicos, não se arreceia a República Brasileira. Não que ela pretenda haver miraculosamente transformado o país numa democracia sem arestas.

A subtaneidade transformadora não condiz com os fatos sociais. Só a persistência na educação pode levar um povo à superioridade relativa na perfeição humana. Ainda assim, a explosão de 15 de Novembro bem mereceu desde logo da Pátria, decretando a liberdade espiritual, a mais cara das liberdades humanas, e destruindo a centralização, que atrofiava a vida nacional.

Aquela constitui a joia mais preciosa no escrínio de uma civilização. Nunca será demasiado o zelo que possamos por na defesa da sua integral observância, ameaçada menos talvez pelos que pretendam revoga-la que pelos que a supõem o lábaro de guerra contra as religiões.

A destruição do regime centralizador desafojou a Nação, dilatando-lhe os pulmões para receber o sopro oxigenante das iniciativas locais.

Foi um grande bem essa destruição. Mas a obra reconstrutiva que será a Federação ainda está muito por fazer.

E é preciso que se faça!

A República, disseram com razão os seus predadores mais notáveis, é a forma, a Federação, o sistema.

Ainda podemos hoje ler num frontispício de um órgão republicano, que nunca perdeu seu caráter político, aquela memorável síntese de um grande paladino do regime: “Federação – unidade. Centralização – desmembramento”.

Ora, a centralização ainda governa paradoxalmente o regime federativo. Governa-o pelo patronato do Poder Central – governo e políticos – nas coisas íntimas da vida regional, deslocando a organização e a decisão dos pleitos dos Estados para o Rio de Janeiro. É a sobrevivência de um regime que se aboliu dentro do regime que se criou, e que, se não logra ressuscitar as supostas vantagens aquele, impede o florescimento deste.

Pior ainda, pior que tudo é a sobrevivência do passado na constituição de governos em Estados da Federação. Para criar as unidades federativas se fizeram eleições. Mas as eleições tinham sido no Império, com exceção de Saraiva, a vontade dos Presidentes das Províncias, a que vieram suceder os Governadores ou Presidentes dos Estados. Quase insensivelmente a substituição se fez em muitos casos, sem mudar os costumes. E como não havia mais o recurso periódico das arbitrarias mutações imperiais, certos Governadores se fizeram donatários – não para dirigir, mas para mandar! A influência duradoura de um chefe é um grande bem quando livremente mantida pela opinião dos seus concidadãos. Não há pior flagelo, no entanto, se a sustentam a fraude e a compreensão.

No regime, que adotamos, o Governo é o exercício de uma delegação temporária. A essência dessa delegação está no voto. Frauda-lo deveria ser o maior dos crimes políticos. Mas não é, e antes constitui a glória de alguns, ao menos a razão da existência política de outros.

Desde os embaraços no alistamento até às violências e a fraude nos atos eleitorais, as eleições viciam-se facilitando no poder verificador a obra das paixões políticas de que todos temos sido mais ou menos colaboradores. É tempo, Sr. Marechal, de estancar essa prática.

Compreende-se que nos primeiros anos de vida, perturbado como foi o regime pelas revoluções e revoltas, as preocupações das lutas e as dificuldades de reparar os estragos destas, houvesse adiado a ação dos republicanos nas reivindicações liberais. Agora, não.

Como poderemos alcança-las?

Imediatamente combatendo com vigor o analfabetismo, que herdamos do passado e em grande parte do nosso território vamos muçulmanamente coservando. Imediatamente congregando todos os espíritos bem formados na execução fiel do regime, tendo por norma a firmeza tolerante, que é o apanágio dos bons republicanos.

Porque, Sr. Marechal, é a intolerância que nos desgoverna; ou venha ela do exagero partidário, ou derive da ambição de conservar ou adquirir o mando. É dela que nascem os governos prepotentes e as oposições facciosas; dois extremos que se confundem na obra comum de destruição das liberdades políticas.

Se vosso governo amparar legalmente essas reivindicações, tereis correspondido às esperanças dos que vos julgaram capaz dessa obra, livre que estáveis dos compromissos e das camaradagens que a convivência política havia criado para tantos outros. Por isso vos quisemos, num momento em que o Presidente entrará em conflito com a opinião na indicação do seu substituto, abrindo a crise decisiva no processo de escolha de presidentes.

Mas não é só na liberdade espiritual e na federação, embora imperfeita ainda, que residem os títulos de benemerência republicana. A Constituição nos deu, com o Governo Presidencial, a estabilidade administrativa indispensável à realização de obras de valor.

Em vinte e um anos, todas as grandes e graves questões de fronteiras estavam resolvidas, dissipadas as apreensões que viveram séculos a zumbir em torno das questões territoriais, afastadas essas causas de conflitos, removido esse espectro de guerra!

Diz-se que não foi de um republicano essa grande obra.

Tanto melhor para provar os acertos dos estadistas republicanos – Floriano e Rodrigues Alves – e a excelência do regime que souberam escolher e souberam amparar um grande e esquecido brasileiro na complexa e difícil missão de demarcar pacificamente, as divisas contestadas do imenso território que Portugal nos dera. Bendito seja esse nome de Rio Branco, raça de homens que aumentaram, por lei e por sentenças arbitrais, como pai, em número de cidadãos para o território, e como filho, a extensão do território para seus concidadãos. Mas não foi somente a legitimação dos

territórios contestados que a República conquistou. Dentro do possuído, nos seus centros de maior cultura, na sua própria Capital, instalara-se endemicamente o flagelo que devorava anualmente milhares de vidas preciosas, arruinava a nossa reputação sanitária e impedia o progredir do país, despovoado e falho de recursos acumulados.

Como estabelecer a caudal fecunda que na vida moderna se cria pelo convívio dos povos, na permuta crescente de interesses? Onde ir buscar fora dos empréstimos oficiais, a corrente de capitalistas, que representam a cooperação do trabalho acumulado para a criação de novos elementos de atividade? Como receber o homem, o maior dos capitais humanos e a mais instantânea das necessidades dos países despovoados, se o espectro da febre amarela dava aos olhos do estrangeiro à nossa grandiosa Guanabara o aspecto apavorante de um mar de morte!

Congresso e governo republicano se não detiveram ante os sacrifícios e os embaraços; e à sua voz, a ciência brasileira, médicos e engenheiros, transformaram as cidades e extinguiram o micróbio homicida. Nenhuma vitória mais bela registra nossa história, porque nenhuma foi jamais tão humana nas suas consequências, nem mais brilhante na demonstração da nossa energia e capacidade científica.

Contai quantas vidas o monstruoso flagelo devorara durante meio século; imaginai os rios que se formariam com as lágrimas de dor que ele fez derramar no seio das nossas e das famílias estrangeiras; calculai a noite escura e dolorosa que se formaria sobre nossas cabeças, se o firmamento se vestisse um dia com os tecidos que enlutaram as famílias vitimadas; pensai nas agonias dos que se foram, na dor dos que ficaram, no terror desconceituoso do mundo inteiro. Contai, imaginai, calculai – e dizei-me se pode haver glória maior que essa da nossa ciência; maior ativo que esse, no balanço de um governo. Se outros títulos não tivesse a República à estima geral, esse só lhe bastaria para redimi-la dos erros que os seus homens tenham cometido. Porque bom é recordá-lo, a excelência do regime tem vencido e há de vencer cada vez mais a resistência que lhe vem da educação dos espíritos em outra forma de governo, por muitos títulos, antagônica; da deficiência na observância dos seus princípios e pela postergação de direitos cujo exercício é de essência do próprio regime vigente. Quanta queixa sincera, mas injusta, se não ouvirá por esse país afora contra o sistema republicano, por atos que o vitimam e prejudicam tanto ou mais que aos que dele se queixam?

Ainda assim a nação cresce rapidamente, cortando o seu território com a viação férrea, aparelhando os seus portos sancados, vendo extraordinariamente aumentada a sua marinha mercante, iniciada a organização racional da sua agricultura e incomparavelmente aumentada a sua riqueza econômica. O mundo vai lhe abrindo lugar entre as suas grandes potências.

Não aceitemos o convite antes de haver organizado republicanamente a ordem interna. Só é salutar o progresso que brota do desenvolvimento da ordem. Para que essa exista, é mister que haja justiça, não a que se decreta, mas a que se observa. Justiça nos governos pela exata observância da Lei de que devem ser os mais sinceros súditos, justiça no Congresso, organizando a vida nacional sem exigir de cada cidadão maior parcela de sacrifício que a estritamente necessária aos serviços nacionais, abolindo as leis de favores a indivíduos ou classes e assegurando aos que trabalham a proteção legal, tanto maior quanto mais fraca, for a condição da pessoa. Justiça nos tribunais, alheios às contingências das lutas políticas, absorvidos e respeitados na majestade dos seus destinos como árbitros da liberdade, honra e patrimônio dos seus semelhantes.

Isto será a República como está na obra dos constituintes.

Assim há de ser, passando por cima dos erros pessoais, aniquilando resistências, atingindo os seus destinos! Muitos ficarão no caminho, vergados ao peso dos nossos erros, ou amarrados aos ideais restritos de uma compreensão política que foi radical, vai sendo conservadora e amanhã será retrograda, se não evoluir.

Entre a primeira e a última, alisto-me resolutamente na segunda. Sou conservador na República, tendo para mim que a obrigação dos estadistas é conciliar as tradições do seu país com as exigências de sua época. Se ficar entre os vencidos não amarei menos o regime. Como os gladiadores de outrora saudando o César onipotente, os republicados de hoje devem saber cair, aclamando os seus ideais que avançam caminho do futuro. É pra esse futuro que olhamos todos, cheios de esperança.

Ele está agora muito nas vossas mãos, Sr. Marechal.

Digo-vos isso não para lisonjear a vossa vaidade, mas para vos advertir como amigo, das responsabilidades que vos pesam sobre os ombros. Nesta hora, em que comemoramos a Proclamação da República, finda o primeiro ano do vosso governo. Se eu vos dissesse que o percorrestes sem

errar, seria um cortesão; mas posso com sinceridade afirmar-vos que a contingência desses erros não obscurece os vossos serviços, nem diminui a confiança que tivemos no voto que vos demos. É que a nenhum espírito imparcial poderão escapar as dificuldades de situação que recebestes.

Elas se manifestaram desde logo na explosão da desordem militar preparada antes do vosso advento, que contava então apenas um dia.

Elas se avolumaram e subsistem na luta a que assistimos entre oposições que perturbam as suas justas reivindicações com processos tumultuários e governos que comprometem a sua existência com a pretensão a um domínio que a opinião, hoje esclarecida e consciente, já não admite. Delicada e difícil será nessa conjuntura a vossa e a posição dos homens de responsabilidade na política nacional, se olharem e ouvirem pessoas em vez de estudar situações e agir pelo dever.

Não vos é lícito a parcialidade, chefe que és da Nação, e o maior, por isso mesmo, dos responsáveis por seu destino. Ainda se admitem os governos de partido, contanto que governem para a Nação. Esta é a missão do Chefe de Estado, que não se pode converter em apaniguado de opressores, nem fazer-se de escada por onde subam os ambiciosos e vaidosos, destruindo governos e situações capazes de bem servir à República.

Para decidir em cada caso destes, da ação restrita que constitucionalmente incumbe ao Presidente da República, basta que este oponha a resistência da sua consciência e a fidelidade aos seus deveres, às solicitações dos interessados nas contendidas políticas. Com esse critério e com o apoio dos homens públicos e da opinião que vos cercam, confiamos todos que completareis o vosso período com honra e benemerência. Dizemo-lo com uma confiança, que se não cega pelos sentimentos de respeitosa amizade, que aqui vos reuniu. Como penhor desta vos entrego, em nome de todos, as insígnias presidenciais, que amigos vossos desejam oferecer-vos para que as guardeis mais tarde como recordação de vosso quatriênio.

Que com ela se guardem a lembrança bem querida dos contemporâneos e o acatamento da história pelo vosso Governo são, Sr. Marechal, os nossos votos, sinceros e leais, fortalecidos pela crença na honestidade de vosso caráter, tranquilizados pelo conhecimento do vosso indefectível amor à República.

O que se acha nesse livro é o discurso pronunciado a 15 de novembro de 1911, quando o autor entregou ao Marechal Hermes da Fonseca as insígnias presidenciais. Os editores pensaram em publica-lo sob a forma atual, porque lhes pareceu que há nele muito mais do que um discurso de ocasião.

Se, dirigindo-se ao Chefe de Estado, o orador começou por fazer-lhe referências pessoais, que o caráter da solenidade exigia, a elevação de seu espírito rapidamente o fez remontar a considerações de ordem geral, dignas de serem registradas.

E assim, se a primeira parte deste trabalho pode dar margem a divergências pessoais, de apreciação, o que faz o seu mérito na análise de origem, do estado atual da República e dos ideais, que ela deve ter em vista, é matéria de estudo impessoal e sereno.

Os editores cumprem o dever de pôr bem claro que este livro, impresso no estrangeiro, não foi revisto por seu autor, que não teve conhecimento desta nota preliminar e a quem nem mesmo cabe a responsabilidade do título que lhe deram. Esse título, embora de aparência um pouco pomposa, lhes pareceu convir perfeitamente a um trabalho, aliás tão simples, porque afinal o que nele há de essencial é o estudo dos ideais a que o regime republicano já satisfaz e daqueles a que deve satisfazer para preencher amplamente o seu destino.

Publicado a partir do original. Os Ideais Republicanos, Lauro Müller, 1912.

Acervo: Academia Brasileira de Letras.

CRONOLOGIA

Edison d'Ávila

1864 – 8 de março – Nasce na Vila de Itajaí, Província de Santa Catarina, Lauro Severiano Müller, sexto filho do comerciante Pedro Müller e sua mulher Anna Maria Michels Müller, ex-colonos alemães oriundos de São Pedro de Alcântara, primeira colônia alemã catarinense.

1864 – 15 de março – É batizado na Matriz do Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora da Conceição da Vila de Itajaí, pelo vigário Pe. João Domingos Álvares Veiga, sendo padrinhos José Faustino Gomes e Joaquina Maria Ettur.

1878 - Muda-se para o Rio de Janeiro, passa a trabalhar no comércio como vendedor e reside em Niterói, na casa do tio Leopoldo Riegel.

1880 - O tio, ao ver o interesse de Lauro pelo estudo, matricula-o no Colégio Cunditt, de Niterói, para frequentar o Curso de Humanidades, de nível secundário.

1882 – 24 de fevereiro – Assenta praça voluntariamente no Corpo de Alunos da Escola Militar, no Rio de Janeiro, sendo matriculado no Curso preparatório e incluído na 3ª Companhia.

- 1885 - É nomeado Alferes-Aluno, prêmio concedido àqueles alunos que houvessem obtido notas plenas em todas as cadeiras e aulas dos primeiros anos escolares do curso superior. Toma parte no movimento em prol da Abolição, chegando a presidente da Sociedade Abolicionista da Escola Militar.
- 1885 – 21 de abril - Em busca de melhoras de sua saúde, obteve trancamento da matrícula e o desligamento da companhia, e veio convalescer em Santa Catarina.
- 1888 - Forma-se engenheiro e é promovido a Segundo-Tenente.
- 1888 – 14 de março – Ingressa na Loja Maçônica Grande Oriente do Brasil, onde era forte o movimento republicano.
- 1888 – 18 de julho - Toma posse do cargo de auxiliar do ensino teórico na Escola Superior de Guerra, em busca da carreira docente na mesma instituição.
- 1889 – 15 de novembro - Nas primeiras horas da madrugada, junto com dois outros colegas da Escola Superior de Guerra, vai despertar Benjamin Constant para comandar as tropas por correr boato de que Deodoro, enfermo, não assumiria o comando.
- 1889 – 24 de novembro - É nomeado primeiro Governador republicano de Santa Catarina.
- 1889 – 02 de dezembro – Toma posse do cargo de Governador do Estado de Santa Catarina, dizendo que a sua divisa de governo seria: “Tudo pelos homens honestos”.
- 1889 – 22 de dezembro – Empreende a primeira visita oficial ao interior do Estado, dirigindo-se às cidades de São Francisco do Sul, Joinville, Itajaí, Blumenau, Gaspar e Camboriú, com objetivo de conhecer *in loco* a situação dessa região; desfazer desconfianças que ainda pairavam e firmar confiança no novo regime republicano.
- 1890 – 7 de janeiro – Foi promovido a Primeiro-Tenente, por serviços relevantes à República.
- 1890 – 7 de janeiro – Por Resolução e em cumprimento de decretos federais, o Governador dissolve as antigas Câmaras Municipais remanescentes da Monarquia e cria os Conselhos de Intendências Municipais.

- 1890 – 22 de janeiro – O Governador assina o decreto nº 1, estabelecendo contrato para construção de ferrovia ligando Rio Negro ao Porto de São Francisco do Sul, cujas obras se iniciam em setembro do mesmo ano.
- 1890 – 13 de julho - Empreende uma segunda viagem ao Norte do Estado, São Bento do Sul, a fim de tratar da questão das barreiras fiscais com o Estado do Paraná.
- 1890 – 16 de setembro – É eleito Deputado Federal Constituinte por Santa Catarina.
- 1890 – 15 de novembro – Assume o mandato de Deputado Federal Constituinte por Santa Catarina e integra a “Comissão dos Vinte e um”, encarregada de revisar o projeto da primeira Constituição da República.
- 1890 – 22 de dezembro - Apresenta emenda subscrita por oitenta e nove deputados para ser incluída na primeira Constituição da República (Artigo 3º), propondo a mudança da Capital do Brasil para o Planalto Central.
- 1891 - janeiro - É exonerado a pedido do cargo de Governador de Santa Catarina.
- 1891 – 24 de fevereiro - Subcreve com os demais constituintes a primeira Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil.
- 1891 – 13 de junho - Toma posse do cargo de Governador do Estado, eleito que fora pelo Congresso Representativo do Estado de Santa Catarina.
- 1891 – 28 de julho – Apresenta na Câmara Federal, juntamente com os Deputados catarinenses Felipe Schmidt, Carlos de Campos e Lacerda Coutinho, projeto de lei dispondo sobre os limites de Santa Catarina com o Estado do Paraná.
- 1891 – 25 de novembro – Às 8 horas da noite, quando se dirigia de sua residência, na Praia de Fora, para o Palácio do Governo, acompanhado do Deputado Carlos de Campos, sofre um atentado, do qual escapa ileso.
- 1891 – 28 de dezembro - Através de ofício, alegando a feroz oposição dos adversários políticos e a ausência do apoio do Governo da União, deposita nas mãos do Major Firmino Lopes Rego, Comandante da Força Pública da Capital, o cargo de Governador do Estado.

1891 – 30 de dezembro - A Junta Governativa Provisória de Santa Catarina destitui Lauro Müller do cargo de Governador do Estado.

1892 - janeiro - É presenteado pelos republicanos de São Bento do Sul/SC com uma “espada de honra”, cuja entrega lhe é feita na Capital do Estado por uma comissão composta por Francisco Tolentino, Cândido Freire, Vilela do Rego, Major Firmino Lopes Rego, Tenente-Coronel Pereira Oliveira, Major João Goulart e José Boiteux. Esta espada hoje se encontra no acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. Seis dias depois, Lauro viaja para o Rio de Janeiro.

1893 – 11 de maio – Casa-se com Luiza Henriqueta de Andrade, moça carioca, filha de Antônio Pedro de Andrade, português natural da Ilha da Madeira.

1893 – 6 de setembro - Ao rebentar a Revolução Federalista, apresenta-se ao Presidente Floriano Peixoto, pedindo comissão onde pudesse prestar serviço à causa da República, como oficial do Exército, partindo então para São Paulo, a servir no Estado Maior do General Argollo.

1893 – 3 de outubro – À disposição do Comando do 5º Distrito Militar, com sede em Curitiba, toma parte, já no posto de Capitão, no combate de Tijucas (PR), integrando as tropas republicanas em ação contra as forças federalistas.

1894 – 17 de janeiro – Participa da guarnição da Lapa/PR, como auxiliar do Coronel Gomes Carneiro, pelo qual é enviado a Curitiba em missão militar, donde resultou não poder mais voltar à heróica cidade sitiada pelos federalistas, pelo que foi acusado injustamente por adversários como trãsfuga.

1894 – 12 de fevereiro – Nasce a primeira filha, Laura.

1894 - É eleito Deputado Federal, por Santa Catarina, pela segunda vez

1896 – 3 de abril - Nasce o segundo filho, Lauro.

1897 - Obtém o seu terceiro mandato de Deputado Federal.

- 1897 - Funda, juntamente com Hercílio Luz, o Partido Republicano Catarinense (PRC).
- 1898 – 30 de maio – Nasce o terceiro filho, Antônio Pedro.
- 1899 – 31 de dezembro – É eleito para o seu primeiro mandato de Senador da República por Santa Catarina.
- 1900 – 21 de abril – Toma posse no Senado Federal do mandato que deveria se estender até 1908, mas ao qual ele renuncia em 1902 para assumir o cargo de Ministro da Viação e Obras Públicas.
- 1900 – 14 de dezembro - É promovido a Major por merecimento.
- 1901 - Sob sua inspiração, preside em Florianópolis uma convenção de conagração de republicanos e federalistas, unindo antigos adversários num só partido político.
- 1902 – 28 de setembro - Toma posse no cargo de Governador do Estado, em seu terceiro mandato, tendo renunciado para assumir a função de Ministro da Viação e Obras Públicas, sendo substituído pelo Vice-Governador Vidal José de Oliveira Ramos.
- 1902 – 15 de novembro - Toma posse no cargo de Ministro da Viação e Obras Públicas, no governo do Presidente Rodrigues Alves.
- 1903 - Na condição de Ministro da Viação e Obras Públicas, recebe uma comissão de operários, que lhe reivindicam a regulamentação do número de horas semanais de trabalho para os adultos e para os menores, numa das primeiras ações do movimento operário brasileiro.
- 1903 – 25 de outubro – É-lhe concedida a Medalha Militar de Prata, por contar mais de vinte anos de serviços ao Exército, sem nota que o desabonasse.
- 1904 – 14 de fevereiro – É promovido, por merecimento, ao posto de Tenente-Coronel.
- 1905 - A antiga localidade de Minas, no Sul de Santa Catarina, hoje o Município de Lauro Müller, é assim denominada em homenagem ao então Ministro da Viação e Obras Públicas.
- 1906 – 10 de maio - Elege-se para o segundo mandato de Senador da República.

1907 – 18 de maio - A bordo do navio Orávia, embarca em viagem à Europa, visitando os principais países europeus. Na Alemanha, foi recebido pelo Kaiser Guilherme II e homenageado pela Sociedade Teuto-Sulamericana, de Berlim.

1911 - Promove a fusão dos antigos Civilistas ao Partido Republicano Catarinense.

1911 – 30 de agosto - Coube-lhe a Medalha Militar de Ouro, por contar mais de trinta anos de serviços no Exército.

1912 – 3 de janeiro – É promovido a Coronel, do Corpo de Engenharia.

1912 - Obtém o seu terceiro mandato de Senador da República, mas não toma posse em virtude de ter sido nomeado Ministro das Relações Exteriores.

1912 – 14 de fevereiro - É nomeado Ministro das Relações Exteriores pelo Presidente Hermes da Fonseca, em substituição ao Barão do Rio Branco.

1912 - É publicada a obra “Os Ideais Republicanos”, de autoria de Lauro Müller.

1913 - Recebe, na Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, o título de “Doutor em Leis”.

1914 – 6 de outubro - É promovido a General-de-Brigada.

1915 – 9 de maio - No Uruguai, em visita oficial, que se estende a Argentina e ao Chile, a convite dos respectivos governos, define o último marco da linha demarcatória das fronteiras Brasil/Uruguai.

1915 – 25 de maio - Assina o Tratado do ABC, cujos signatários eram Argentina, Brasil e Chile que buscava o fortalecimento das relações entre os países do Cone Sul.

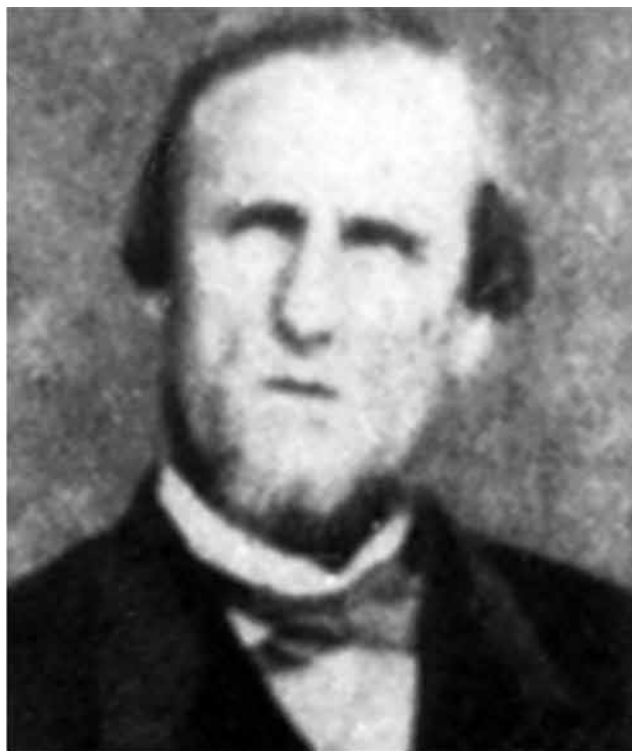
1915 – 27 de maio – Na Universidade Nacional de La Plata, durante Aula Magna, recebe título Acadêmico Honorário, “como homenagem das inteligências de alta cultura da Nação Argentina”.

1915 – 22 de junho - Com seu estímulo e apoio de Chanceler, uma equipe brasileira de futebol é enviada a Buenos Aires para participar do campeonato comemorativo ao centenário da independência da Argentina.

- 1917 – 7 de maio - Renuncia ao cargo de Ministro das Relações Exteriores, face às críticas a sua ascendência alemã, nas circunstâncias da 1ª Guerra Mundial; ocasião em que defendeu seu inteiro patriotismo ao afirmar: “quem nasce no Brasil é brasileiro ou traidor”.
- 1917 – 16 de agosto - Toma posse na Academia Brasileira de Letras, na Cadeira de Número 34, para a qual havia sido eleito em 14 de setembro de 1912.
- 1917 – 29 de outubro – Toma posse no quarto mandato de Senador da República.
- 1918 – 28 de setembro - Renuncia ao quarto mandato de Governador do Estado, para o qual fora eleito, numa composição política com vista a reconduzir ao governo Hercílio Luz, vice-governador.
- 1920 - Fundada a Academia Catarinense de Letras, o nome de Lauro Müller é feito patrono da Cadeira de Número 26, que tem como fundador Adolfo Konder.
- 1920 – 30 de setembro - É promovido a General-de-Divisão.
- 1921 – 20 de fevereiro - Obtém o quinto mandato de Senador da República.
- 1921 – 25 de abril - Toma posse no Senado da República, atuando nas Comissões de Finanças, Diplomacia e Tarifas.
- 1925 – 25 de agosto - Como Embaixador Extraordinário e Plenipotenciário em missão especial junto ao governo do Uruguai, nomeado pelo presidente Artur Bernardes, representa o Brasil nas festas comemorativas do centenário da independência uruguaia.
- 1926 – 30 de julho – Falece no Rio de Janeiro, aos 62 anos, sendo sepultado no Cemitério de São João Batista. No seu sepultamento, ocorrido no dia seguinte, usaram da palavra o Governador de Santa Catarina, Adolfo Konder, e o escritor Coelho Neto, em nome da Academia Brasileira de Letras.

LAURO MÜLLER

ICONOGRAFIA



Retratos de Pedro Müller e Anna Maria Michels Müller, pais de Lauro Severiano Müller.

Acervo: Carlos Henrique Müller.



Residência de Pedro Müller e Anna Maria Michels Müller, casa onde nasceu Lauro Severiano Müller e seus irmãos (Itajaí/SC-sd). Acervo FGML/CDMH.



Vista de Itajaí. Gravura (reprodução) de Henry Lange, 1882. Acervo: FGML/CDMH.



Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina

Rua Esteves Junior, 447 - Fone (48) 224-4799 - Fax (48) 222-4856
88015-530 - Florianópolis - Santa Catarina

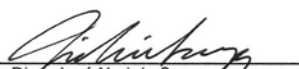
Certidão de Batismo

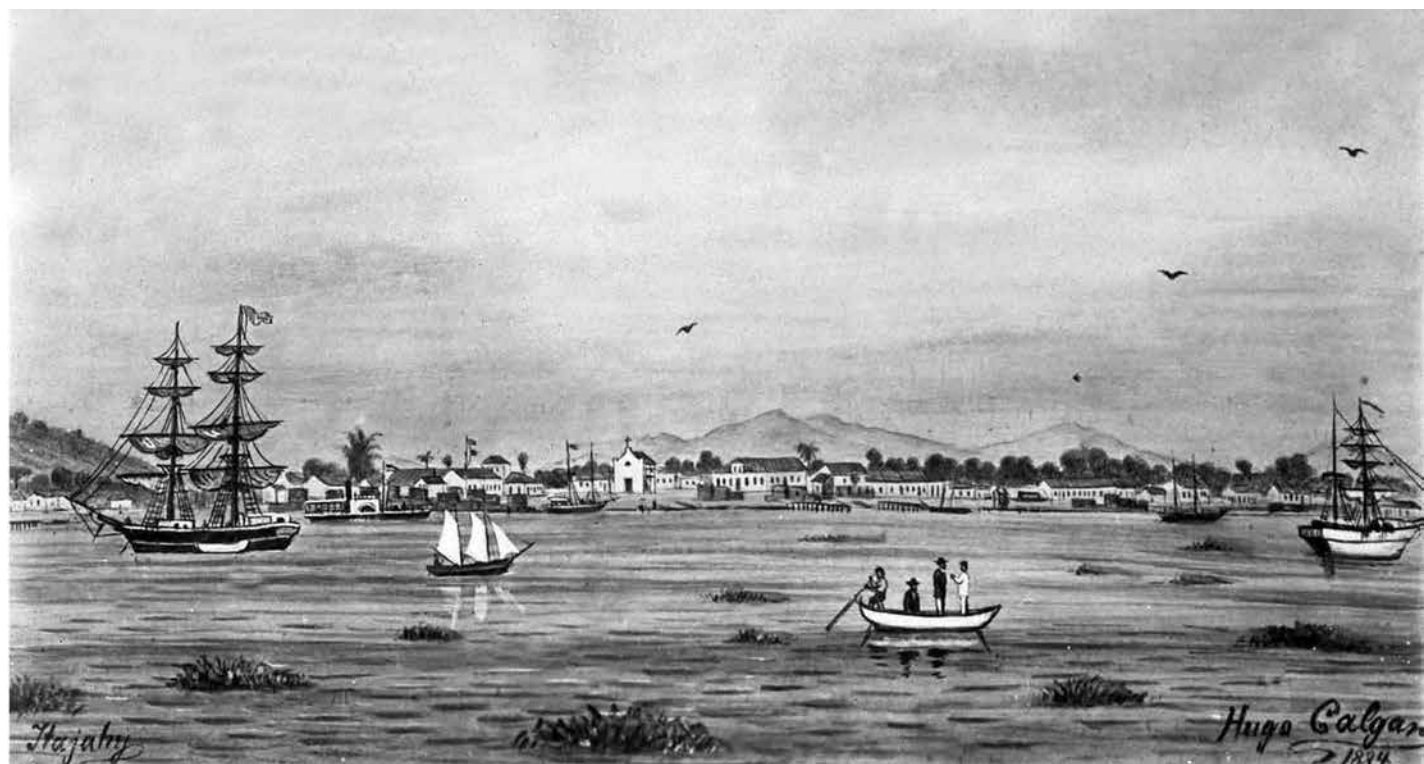
Certifico que, revendo os livros de Batismo da paróquia de ITAJAÍ encontrei no livro 1864 - 1869 FLS. 03 um assento com o seguinte teor:

LAURO - Aos quinze dias do mes de março de mil oito centos noventa e quatro nesta Matriz do SS. Sacramento e Nossa Senhora da Conceição da villa de Itajahy baptizei e pus os santos oleos ao innocente LAURO com sete dias de idade, filho legitimo de Pedro Müller, e de sua mulher Anna Maria Miquellis Müller, por parte paterna de João Müller e de Maria Raimacola, e por parte materna de Adão Miguel e de Maria Gertrudes. Forão padrinhos José Faustino Zomer e Joaquina Maria Extur. E para constar mandei passar este termo que assigno. O Vig. João Domingos Ávares da Veiga.

Era o que continha o dito assento e por ser verdade o afirmo e assino.

Florianópolis, 29 de Abril de 2004


Diac. José Neri de Souza
Secretário



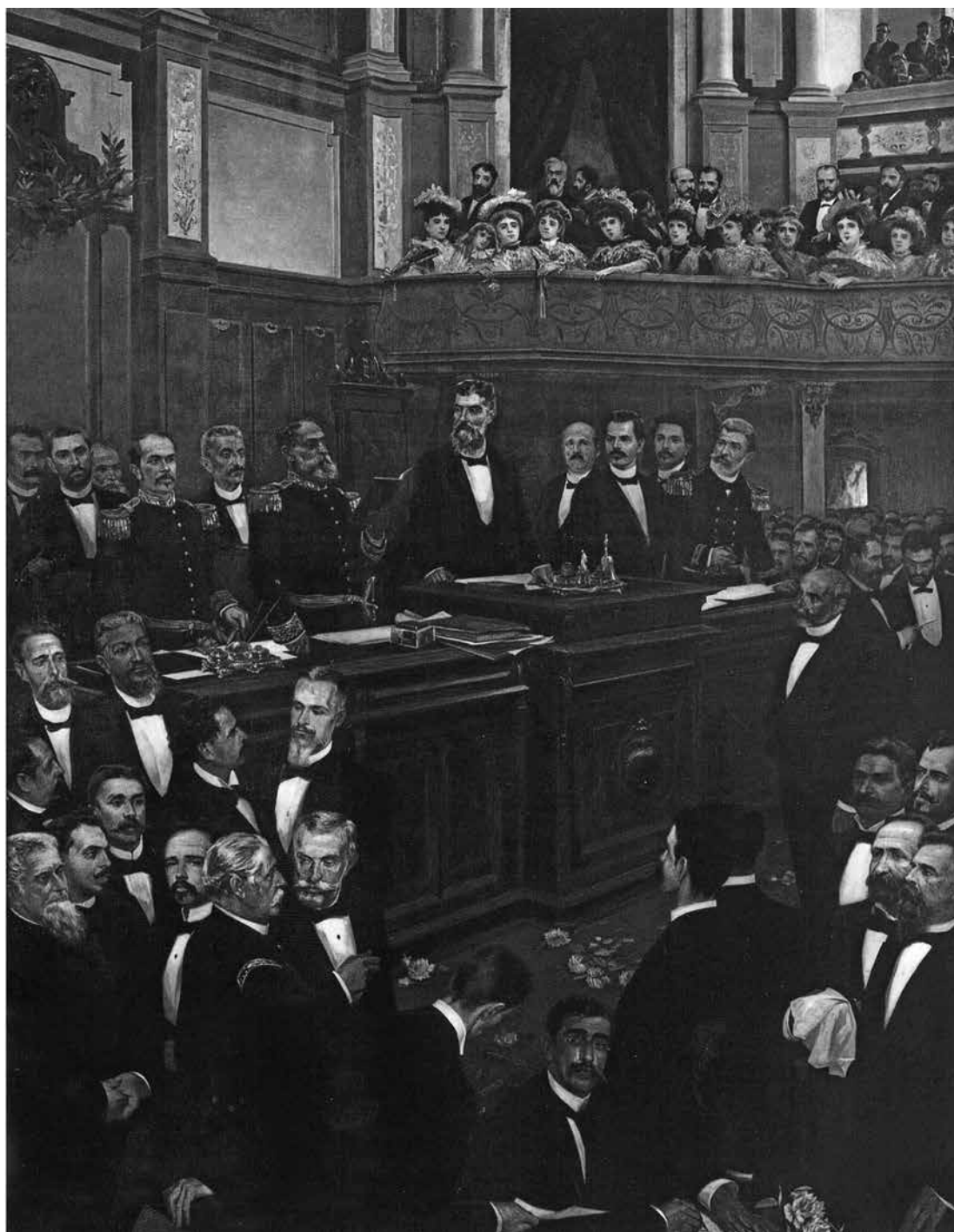
“Vista de Itajaí” (reprodução), de Hugo Calgan, 1884. Acervo: FGML/CDMH.



Em 1885, Lauro Müller é nomeado Alferes-Aluno na Escola Militar da Praia Vermelha. Acervo: FGML/CDMH.

*Fotografia de J.
Gutierrez. Lauro
Severiano Müller,
Governador do Estado
(s/d). Acervo: IHGSC.*

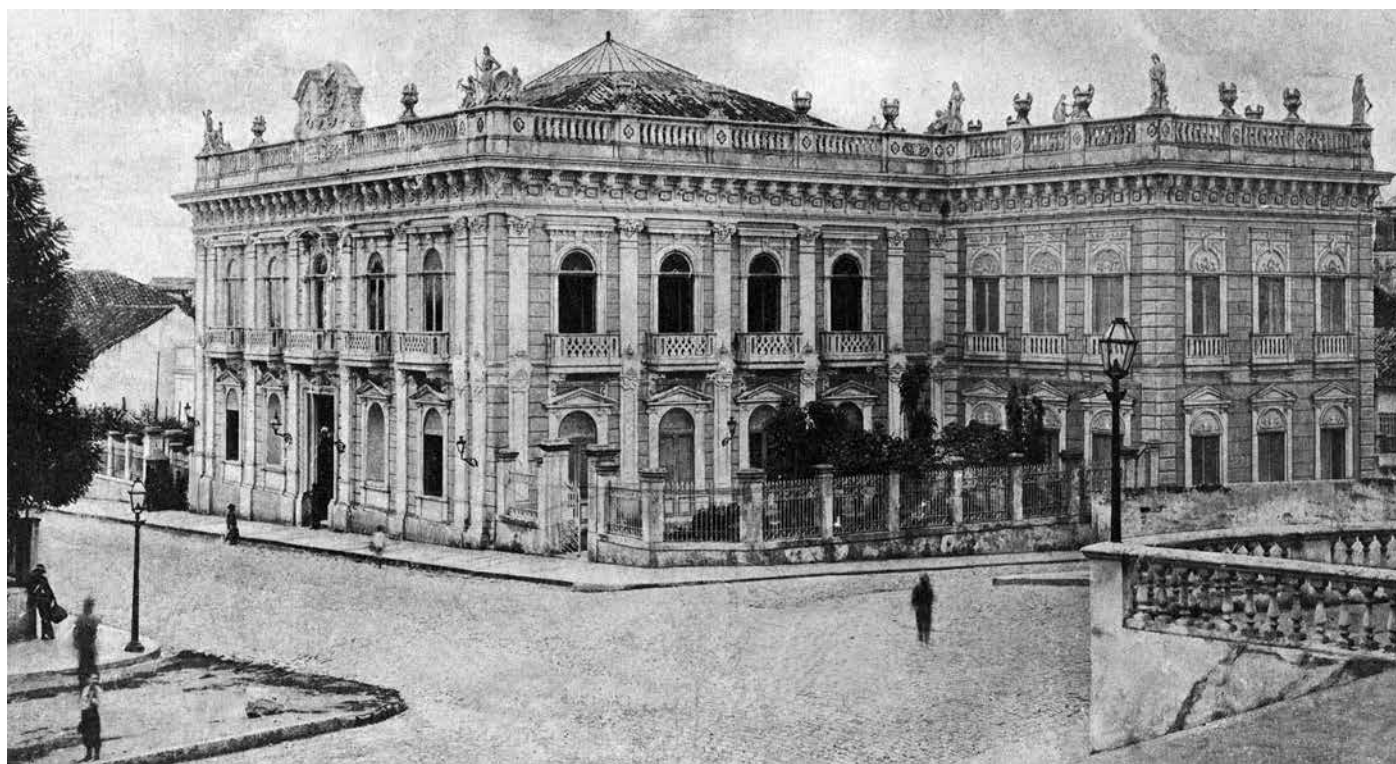




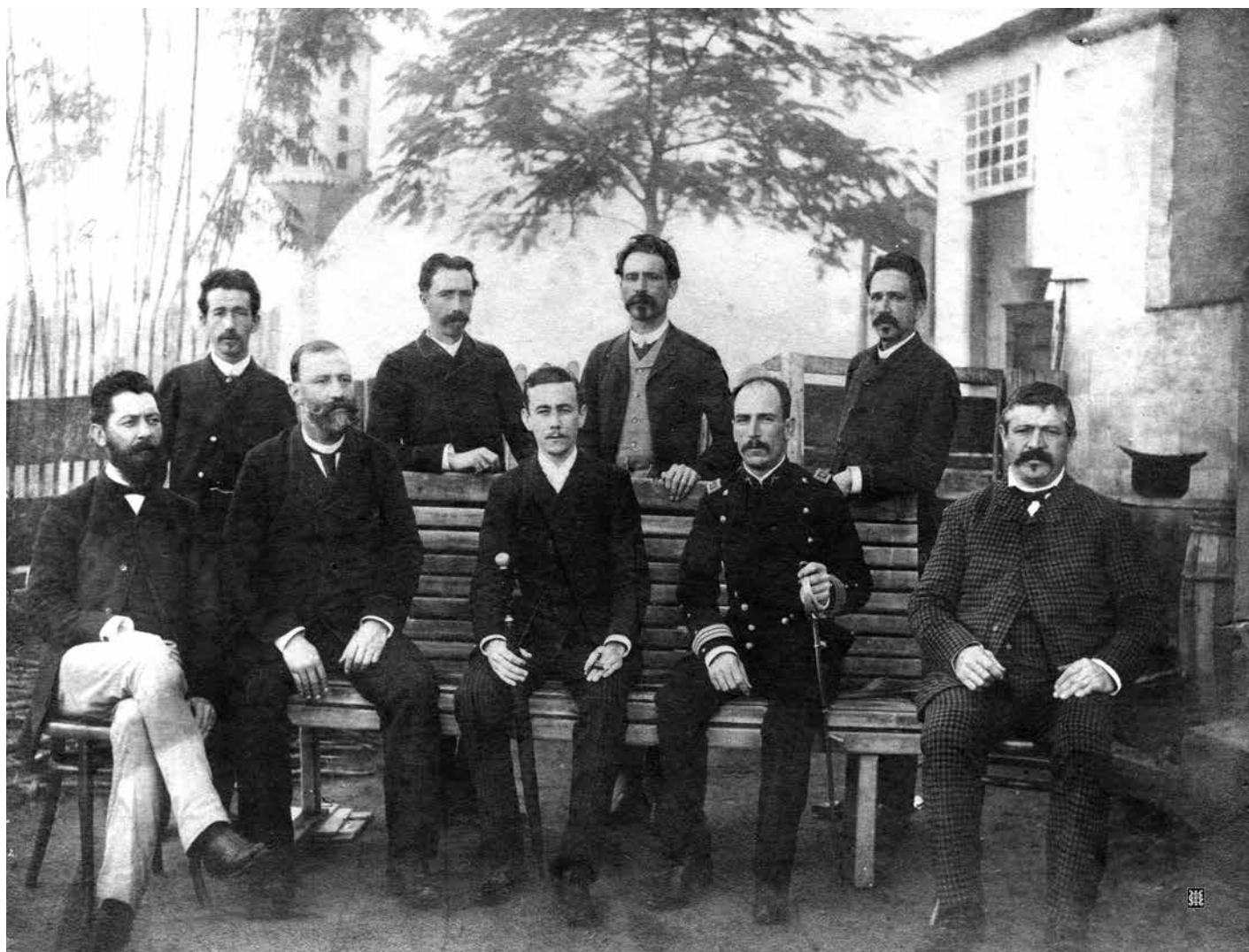
Em 1890, ao assumir o mandato de Deputado Federal Constituinte por Santa Catarina, Lauro Müller integra a “Comissão dos Vinte e Um”, encarregada de revisar o projeto da primeira Constituição da República. Quadro de Aurélio de Figueiredo - Compromisso Constitucional de 1891 (finalizado em 1896). Acervo: Museu da República (reprodução).



Em 1891, Lauro Müller toma posse do cargo de Governador do Estado, eleito pelo Congresso Representativo do Estado de Santa Catarina. Retrato de Lauro Müller como Governador. Acervo: Carlos Henrique Müller.



Palácio do Governo (1907), Florianópolis/SC. Acervo: FGML/CDMH.



Governador do Estado Lauro Severiano Müller e políticos catarinenses em 1891. Sentados da esquerda para a direita: Pomphilo Ferreira, Dr. Messeder, Lauro Severiano Müller, Deputado Arthur Cavalcanti do Livramento, Jacob Weber. Em pé: Deputado José Martins Cabral, Pedro Luiz Collaço, Deputado João Cabral de Mello e José Monteiro. Acervo: IHGSC.

11/5/93 18/ A 48

Dr. José Moreira Junior
 E. C. Antonio Pinheiro Machado

Serventurio Vitalicio da Quarta Pretoria Civel do Districto Judiciario da Gloria e Coração de Jesus

CERTIDÃO DE CASAMENTO

CERTIFICO, por me haver sido verbalmente pedido por certidão em breve relatorio,
 que no Livro n. 3 de Registro de Casamentos, a fls. 143
 sob o n. 50, consta o casamento de Sr. Lauro Se-
 veriano Müller com
 D. Luiza Henriqueta de Andrade
 effectuado ás doze horas do dia onze
 do mez de Maio do anno de 1893
 pelo Juiz Dr. Enes Galvão
 perante as testemunhas Deputado
 Francisco Glicerio e Dr. Philippe Schmi-
 dt

pelo Regimen
 d. rua Marquez de Abrantes n.º 53
 sendo elle: solteiro engenheiro militar
 com 29 annos de idade, natural do S. de P.ª Catharina
 filho de Pedro Müller
 e de D. Anna Maria Müller
 residente á rua Floresta n.º 8
 Ella solteira com 29 annos de idade,
 natural desta Capital
 de Pedro de Andrade
 e de D. Luiza Henriqueta Fereira de Andrade
 residente á rua Marquez de Abrantes n.º 53

O referido é verdade e dou fe.

5.000
 13.853
 600
 9.450

Rio de Janeiro, 13 de agosto de 1893
 José Francisco Junior

no Tabelião Castro
 ROSARIO, 103

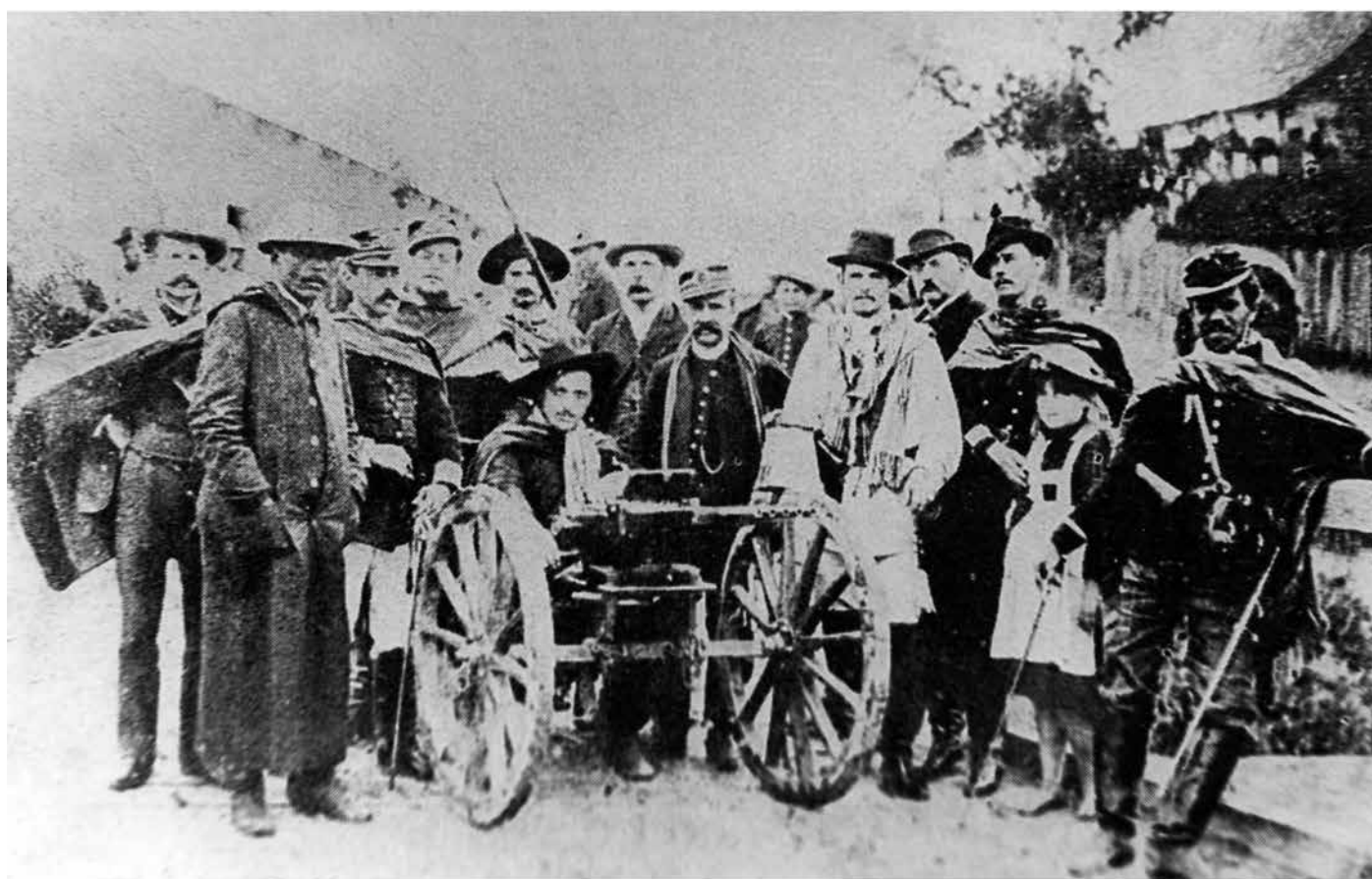
Certidão de Casamento de
 Lauro Severiano Müller e Luiza
 Henriqueta de Andrade. Rio de
 Janeiro, 11 de maio de 1893.
 Acervo: Biblioteca do Exército-RJ.

A REVOLUÇÃO EM 1894 — (*Arquivo Historico*)

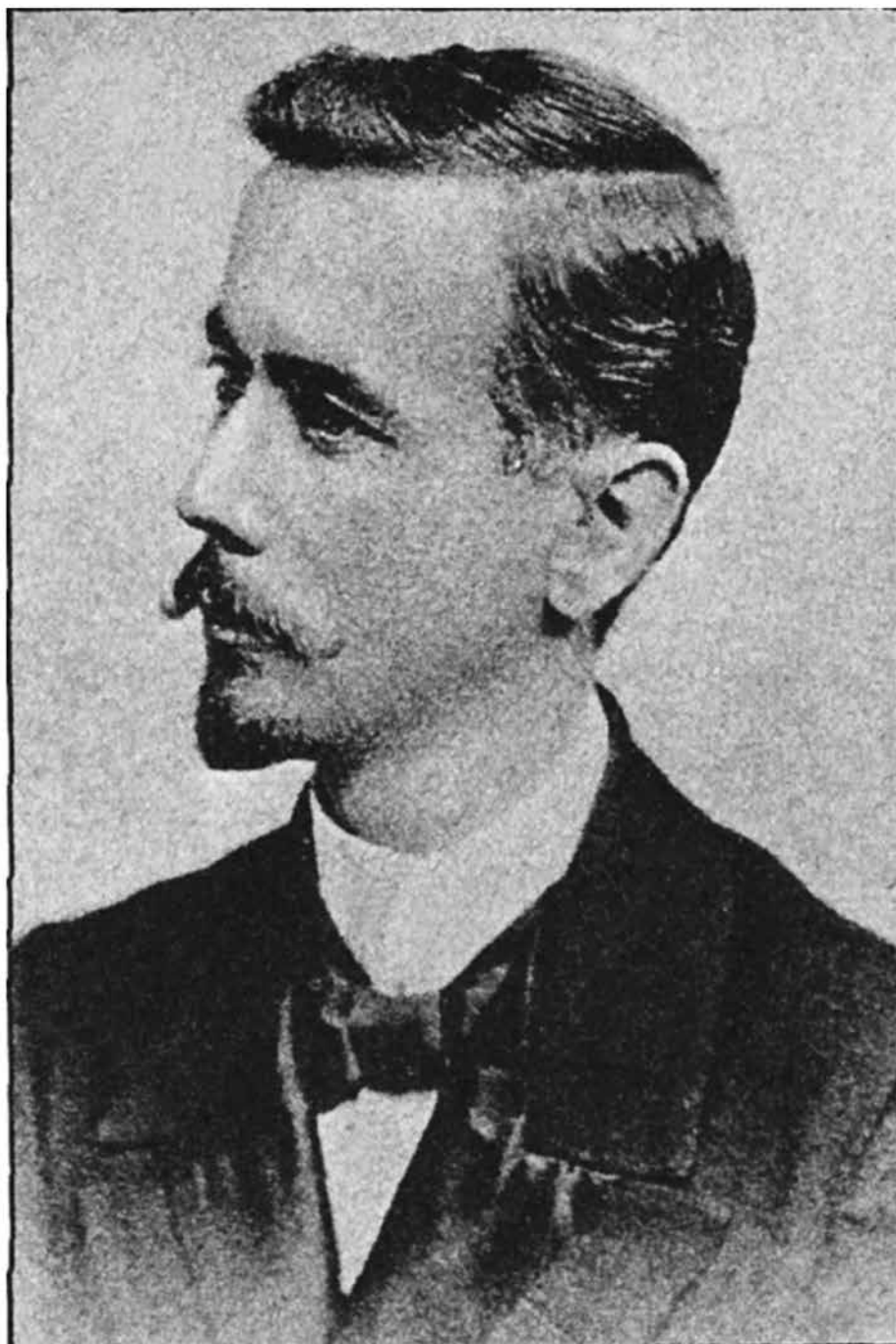


Photographia tirada na cidade da Lapa dias antes do cerco feito pelas forças de Gumercindo Saraiva, e que tanto celebrizou o General Carneiro e aquella cidade do Paraná.

(Da esquerda para a direita) — 2.º Tenente Clemente Argollo (ferido durante o cerco). — Alferes Raymundo B. Serra Martins (retirou-se antes do cerco). — 2.º T.te em Comm. Regis Lebon (ferido durante o cerco). — Capitão de Policia, T.te em Comm. Adalberto Menezes (cunhado do Dr. Vicente Machado, (retirou-se antes do cerco). — Capitão Augusto Maria Sissou. — 2.º T.te em Comm. Mario Tourinho (ferido durante o cerco). — T.te C.el da G.da N.al Emilio Blum. — Um official patriota (degollado no dia da capitulação). Capitão Felipe Schmidt. — Coronel Serra Martins, medico que servia nas forças. — Coronel GOMES CARNEIRO (de sobretudo á paisana). — Um Tenente do Exercito. — C.el da G.da N.al Joaquim Lacerda. — C.el da G.da N.al Napoleão Poeta. — Tenente Odilio Bacellar. — Alferes Nenesio. — Capitão ~~Lauro~~ Müller (retirou-se antes do cerco). — Cap. da G.da N.al Homem Bom Justo Cavalcanti. — T.te C.el da G.da N.al Libero Guimarães. — Cap. Leoncio Corrêa (retirou-se antes do cerco). — Cap. da G.da N.al Bacellar (retirou-se antes do cerco). — Alferes de Cavallaria Waldausen.



Lauro Müller incorporado ao exército nacional durante a revolução federalista (1894), na Lapa-PR. É o terceiro da direita para a esquerda. Acervo: FGML/CDMH.



Lauro Müller, Ministro da Indústria, Viação e Obras Públicas, 1905.

Acervo: Carlos Henrique Müller.



Vista da Avenida Central, RJ-s/d. Acervo: FGML/CDMH.



Início da Avenida Central (RJ-s/d). Acervo: FGML/CDMH.



Cartão comemorativo à construção da Avenida Central enviado por Lauro Müller ao sobrinho, a 20 de março de 1906. Acervo: FGML/CDMH.

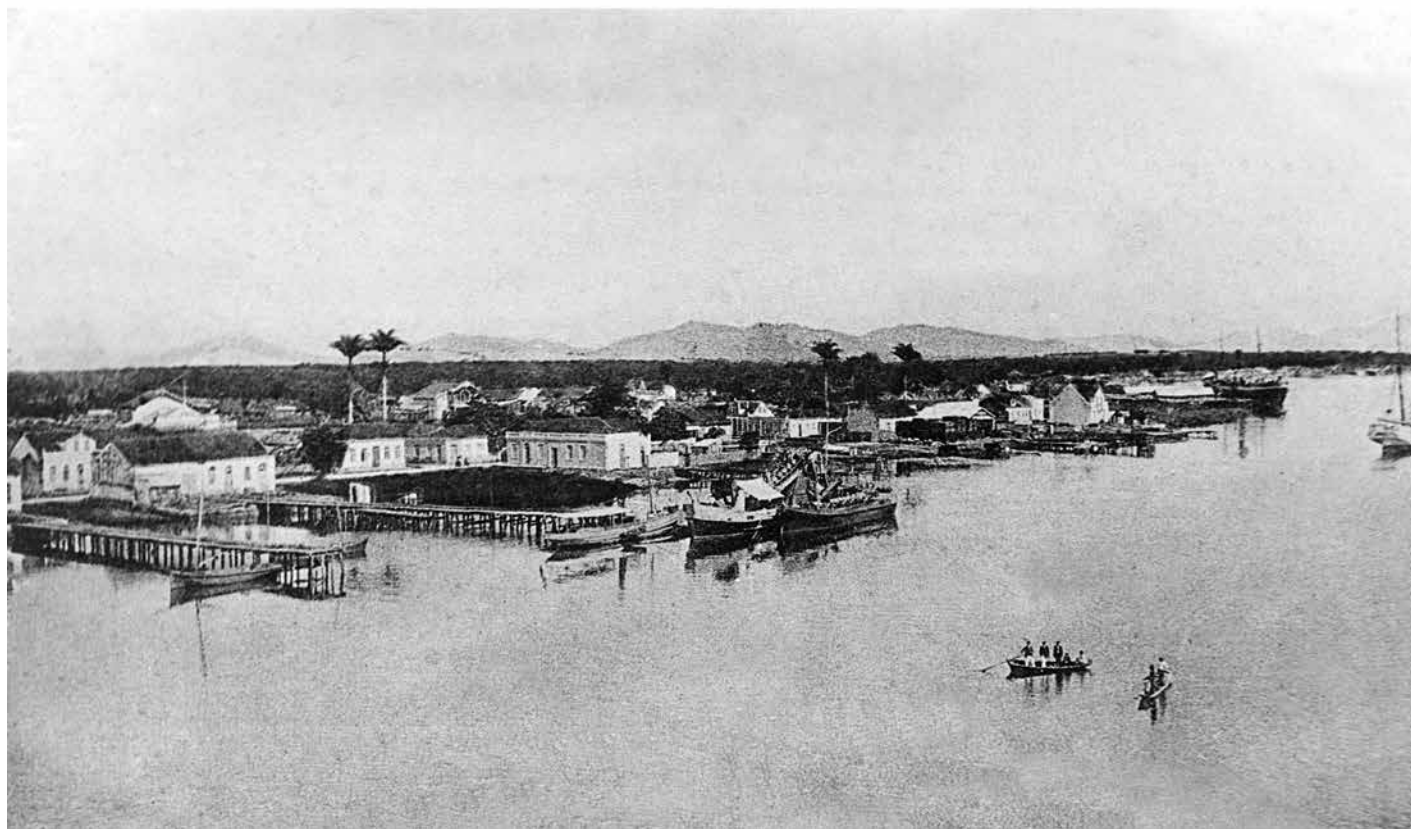


Palácio Monroe, antiga sede do Senado Federal, Rio de Janeiro (fotografia de c. 1947).

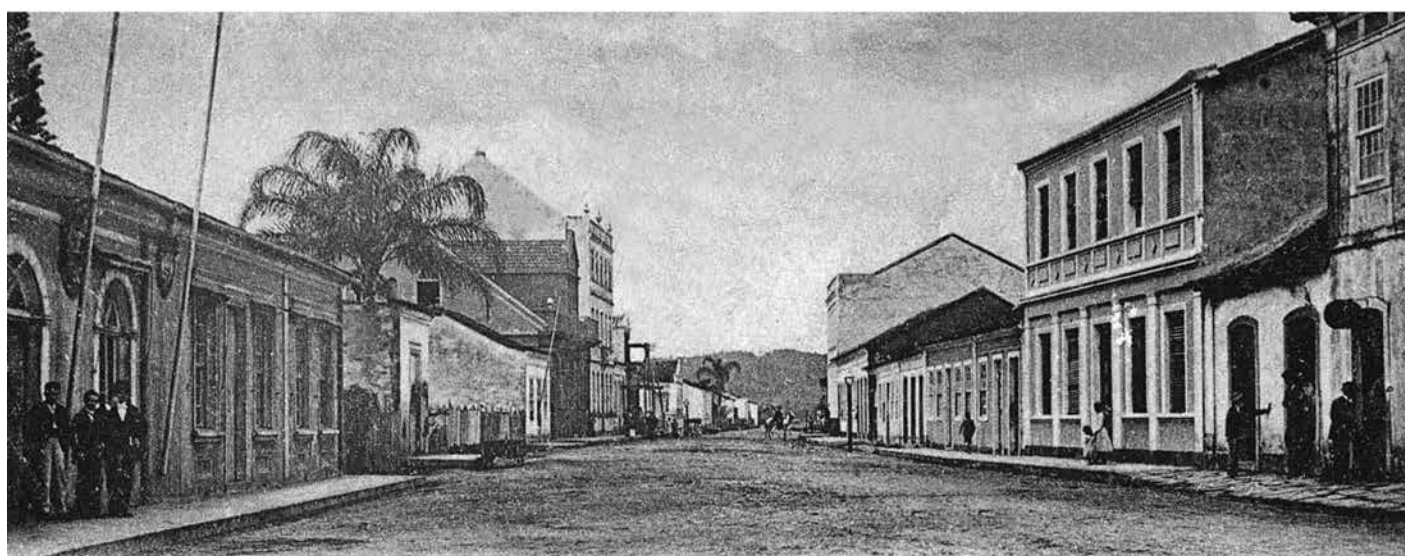
Acervo: FGML/CDMH.



Lauro Severiano Müller no embarque para a Europa, 1907. Acervo: Carlos Henrique Müller.



O Porto de Itajaí, em 1903. Em 1905, Lauro Müller, então Ministro da Indústria, Viação e Obras Públicas, assina o aviso ministerial para as primeiras melhorias do porto de Itajaí. Acervo FGML/CDMH.



A Rua Lauro Müller, assim denominada em 1889. Itajaí, 1902. Acervo FGML/CDMH.



Visita de Lauro Müller a Itajaí, em 1910. Da esquerda para a direita: Eduardo Dias de Miranda; Samuel Heusi; Pedro Bauer; Lauro Müller; Marcos Konder; Dr. Thiago da Fonseca; Cesar Silveira; Bento Garcia; Eugênio Müller; Olímpio Falconiere da Cunha (o menino); Félix Busso Assegurg (ao lado da porta); Donato Gonçalves da Luz e José Eugênio Müller (os dois últimos, à esquerda). Acervo FGML/CDMH.



Lauro Severiano Müller, Ministro das Relações Exteriores, 1912. Acervo: FGML/CDMH.



Desembarque do Governador Vidal Ramos na cidade do Rio de Janeiro em 07 de outubro de 1912, sendo recepcionado pelo então Ministro Lauro Severiano Müller. Acervo: IHGSC.



Lauro Severiano Müller à saída do Itamaraty, para a viagem ministerial aos Estados Unidos, entre o embaixador Edwin Morgan, Regis de Oliveira, Sub-Secretário de Exterior, e o representante do Presidente da República. Acervo: FGML/CDMH.



*Lauro Severiano Müller. Chegada aos Estados Unidos. Chegada nos Estados Unidos. 1913.
Acervo: FGML/CDMH.*





Lauro Severiano Müller em sua viagem aos Estados Unidos. 1913. Acervo: FGML/CDMH.

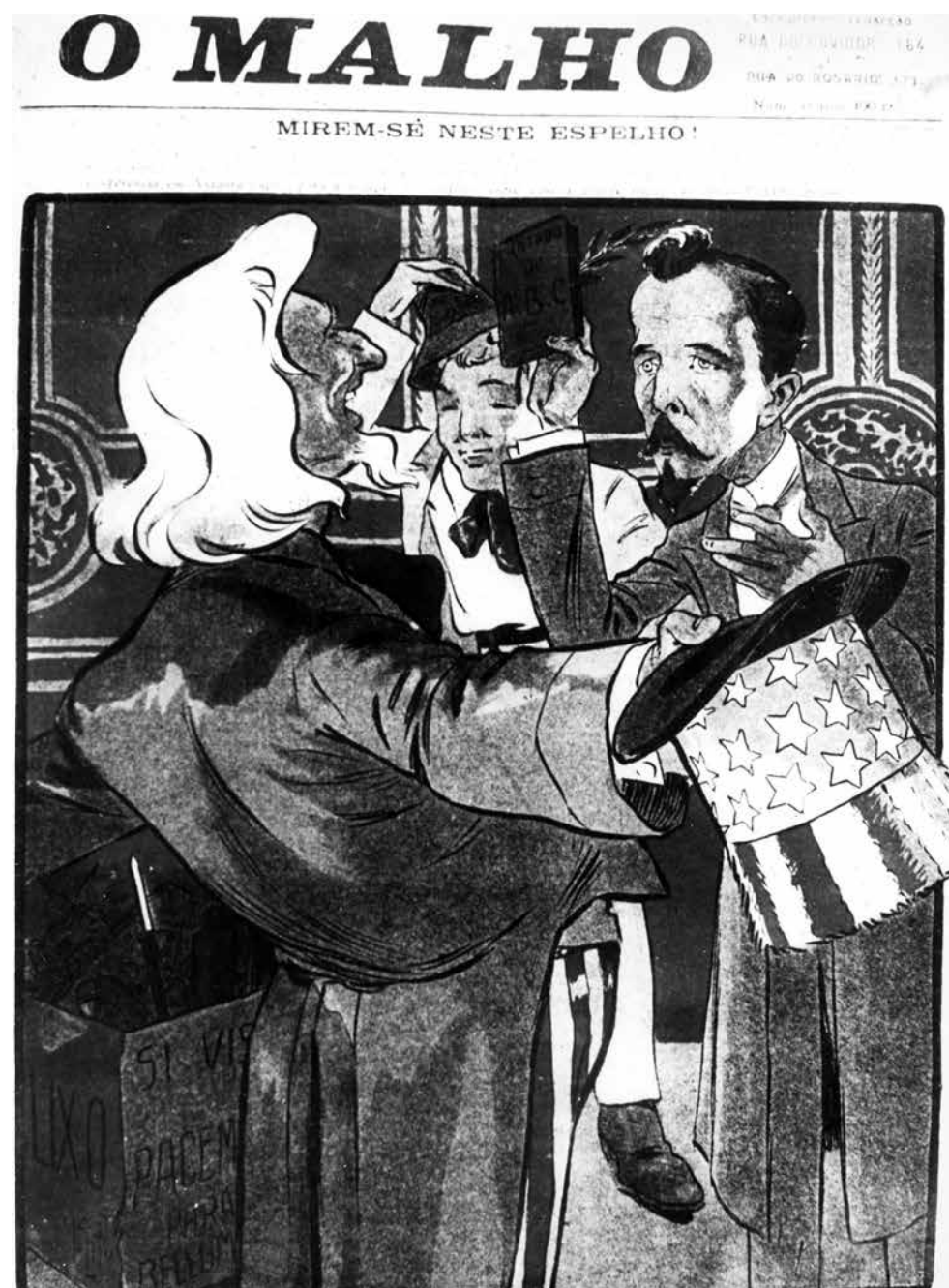


Lauro Müller em comitiva em San Francisco, EUA, 1913. Acervo: Carlos Henrique Müller.

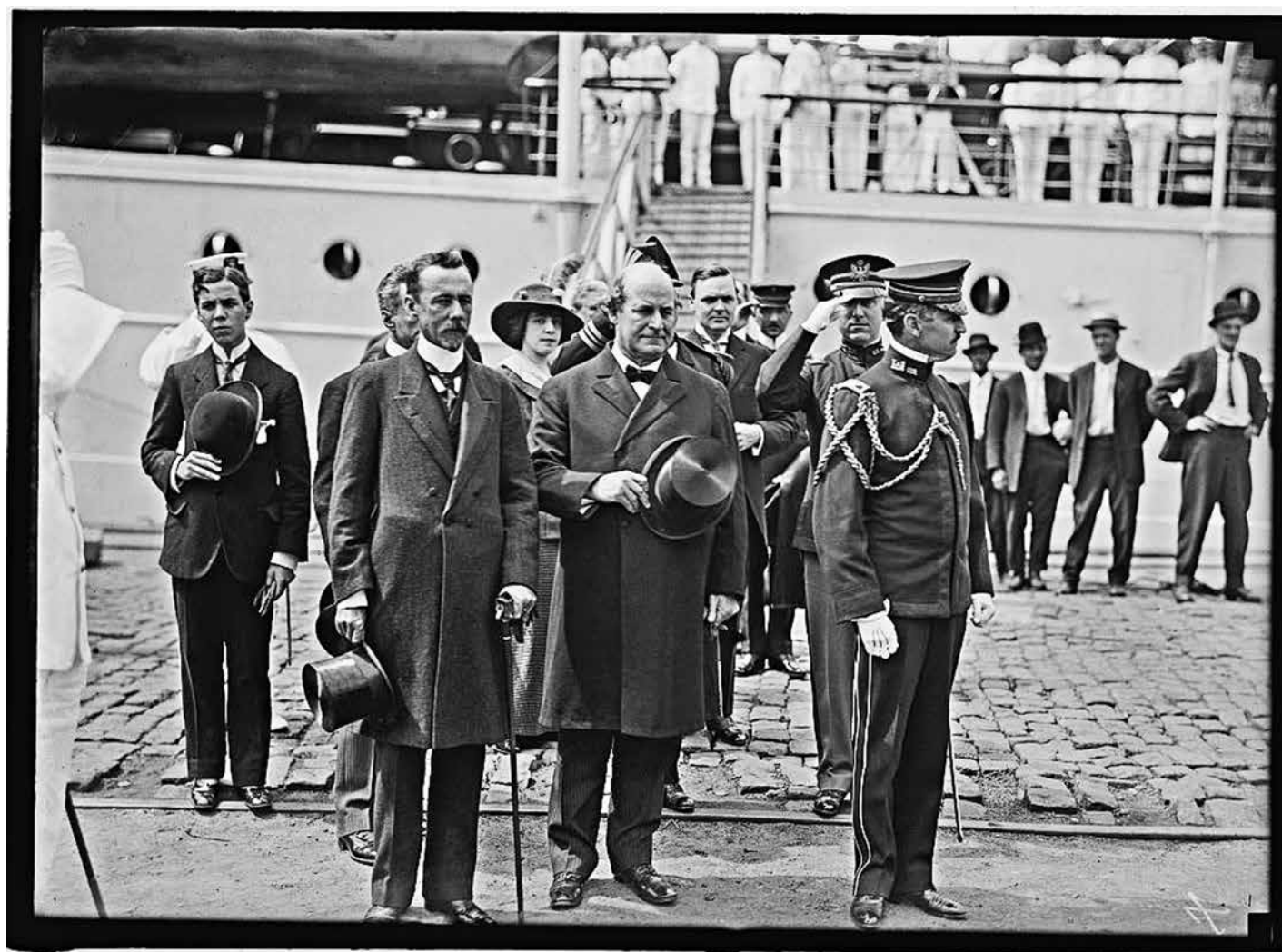




Lauro Müller recebe de Charles Moore o mapa onde ficará situado o pavilhão do Brasil na Exposição Internacional de San Francisco, EUA, 1915. Acervo: FGML/CDMH.



Charge da Revista O Malho a respeito do Tratado do ABC (Argentina, Brasil, Chile) que buscava o fortalecimento das relações entre os países do Cone Sul (1915). Acervo: FGML/CDMH.

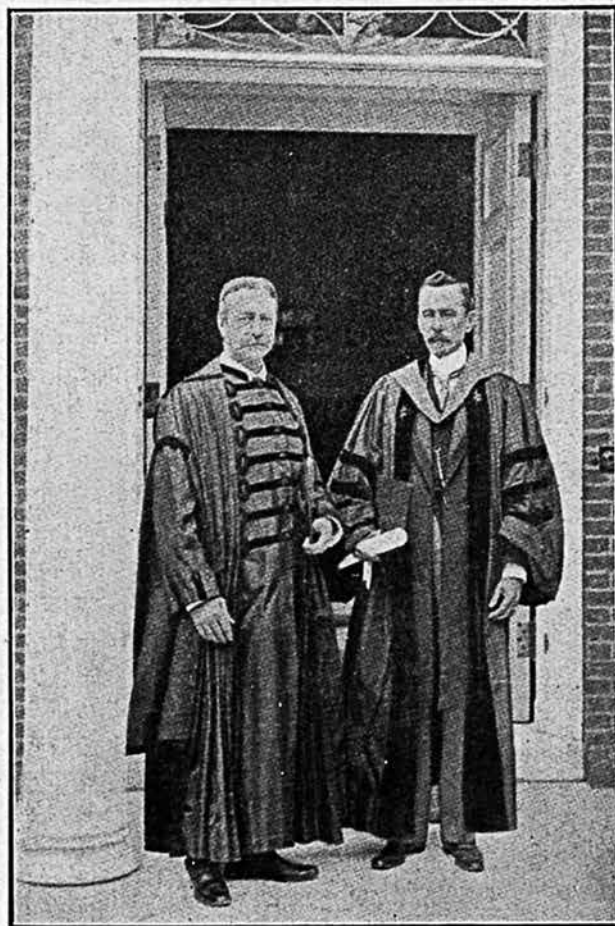


Lauro Müller e o Secretário Bryan, EUA, 1913. Acervo: Carlos Henrique Müller.



A travessia da Baía de San Francisco, EUA, 1913. Acervo: FGML/CDMH.

Doutor em leis



O Dr. Lauro Muller, Lauro Severiano Muller, tenente-coronel do Exército Brasileiro, engenheiro militar, ex-deputado e senador federal, ex-governador de Santa Catharina e ex-ministro da Industria Viação e Obras Publicas, Ministro das Relações Exteriores, socio do Club de Engenharia, fundador do Club Germania, membro da Academia Brasileira de Lettras e candidato a Presidencia da Republica, tem mais um titulo a acrescentar aos seus numerosos titulos — o de Doutor em Leis.

S. Ex. não é um vulgar doutor electrico ou um simples diplomado de 60\$000 : — é doutor de verdade, doutor honorario, Doutor em Leis pela Universidade de Haward.

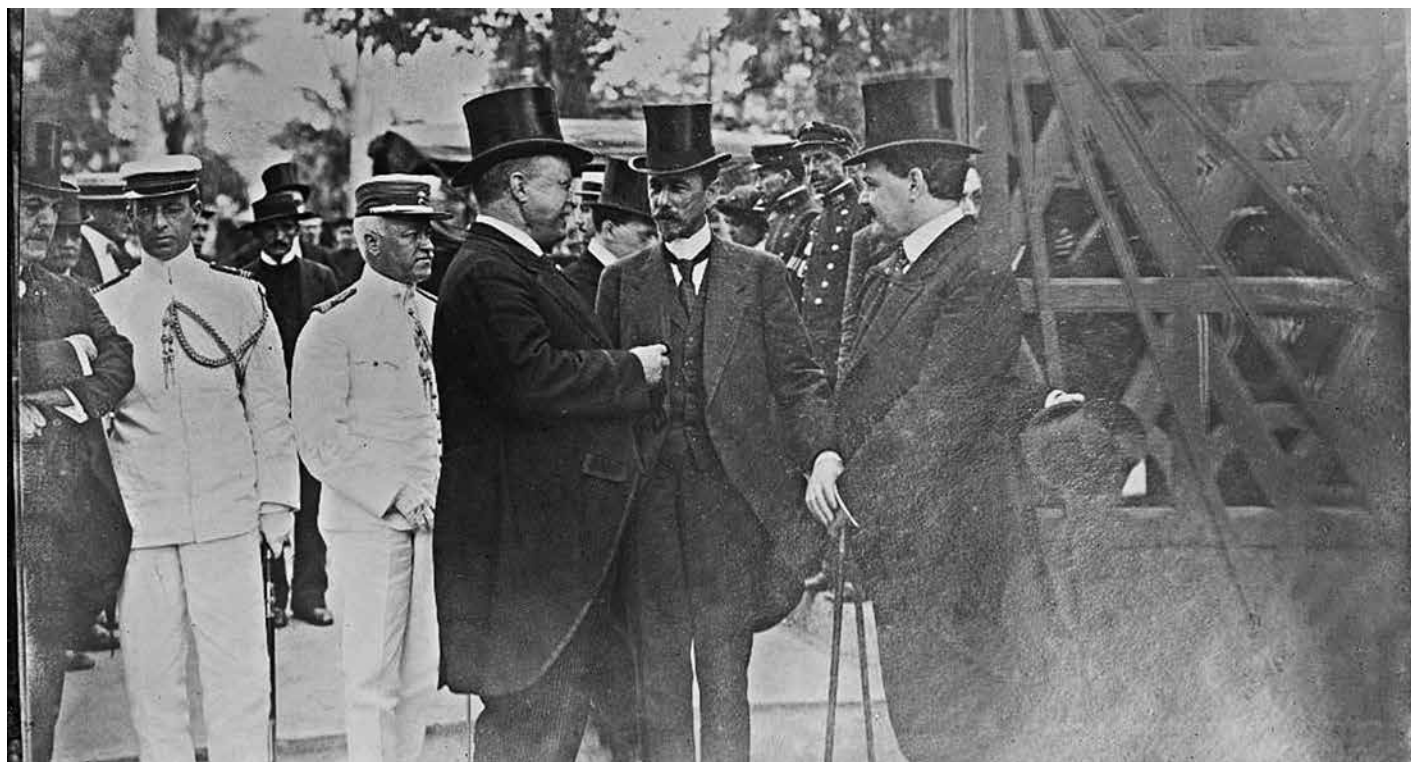
Pode-se orgulhar desse titulo o Dr. Lauro Muller. Os norte-americanos não são prodigos nas dadivas dessa natureza e o Dr. Lauro Muller é o terceiro homem e o primeiro sul-americano investido dessa honraria.

Lauro Müller recebe o título de Doutor em Leis - Universidade de Harward, EUA, 1913. Recorte de impresso. Acervo: Carlos Henrique Müller.



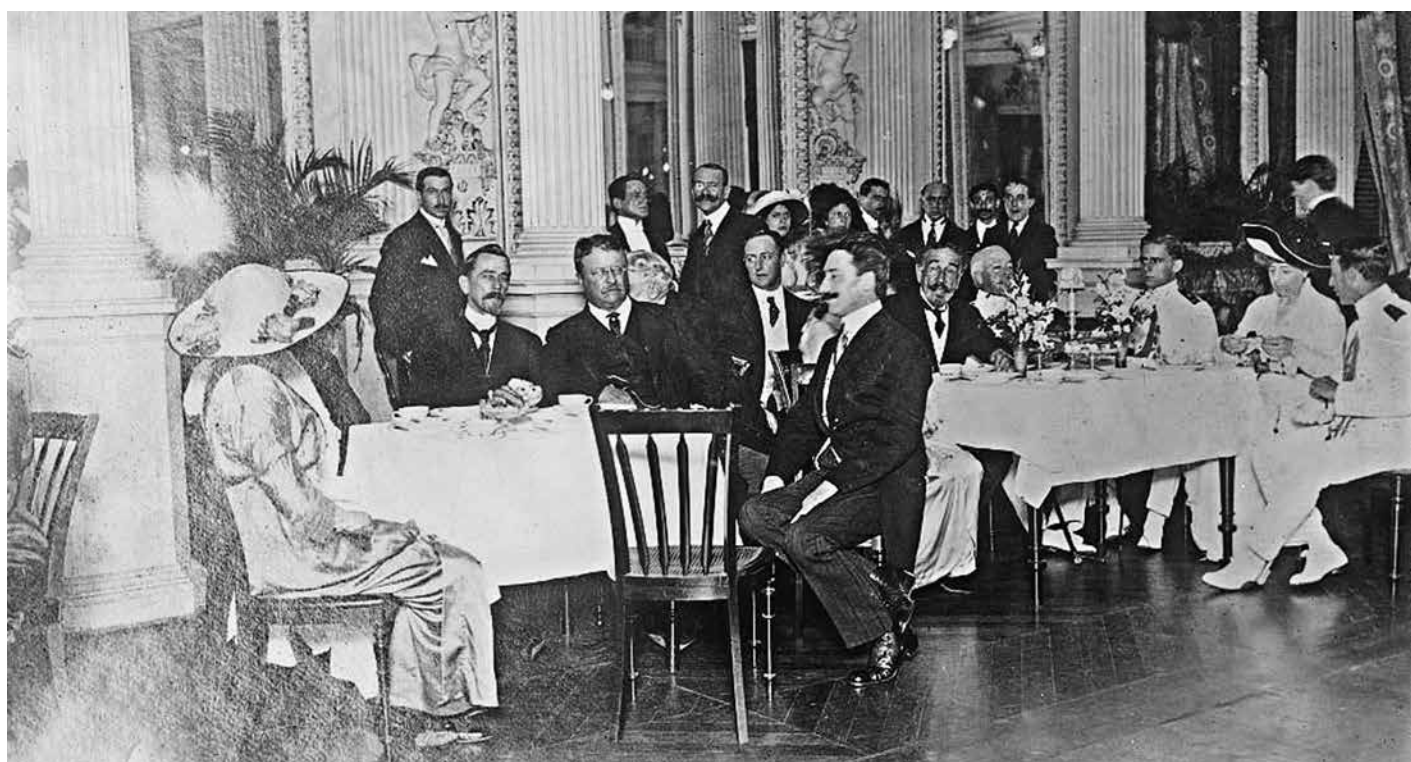
Recepção de Lauro Müller no seu retorno da viagem aos EUA, 1913. Acervo: FGML/CDMH.





Lauro Müller recebe o Presidente dos EUA, Theodore Roosevelt, Rio de Janeiro, 1913.

Acervo: Carlos Henrique Müller.





Lauro Müller ladeando o Presidente do Chile, Barros Lucco, junto a Ministros do ABC (Argentina, Brasil e Chile), 22 de maio de 1915. Acervo: Carlos Henrique Müller.



Lauro Müller toma posse na Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, 1917.

Acervo: Carlos Henrique Müller.



Dois momentos distintos de Lauro Müller e sua esposa, ladeando o então Presidente Wenceslau Brás. Rio de Janeiro, s/d. Acervo: FGML/CDMH.





Casamento de Lauro Müller Filho e Maria Celeste Bernardez. Acervo: Carlos Henrique Müller.



*Antônio Pedro de
Andrade Müller (filho de
Lauro, com a criança no
colo). Acervo IHGSC.*



*Casamento de Laura
Müller e Mazzini Bueno.
À cabeceira da mesa,
Luiza Henriqueta de
Andrade Müller, esposa
de lauro Müller. Acervo:
Carlos Henrique Müller.*



Cartão endereçado a José Boiteux por Lauro Müller. Acervo: IHGSC.



Medalha em homenagem a Lauro Müller (1906) e selo comemorativo aos 100 anos de nascimento de Lauro Müller (1964). Acervo: Carlos Henrique Müller.



*Monumento em homenagem a Lauro Müller, Florianópolis/SC.
Acervo: FGML/CDMH.*



*Busto de Lauro Müller em Itajaí/SC (Praça Vidal Ramos).
Acervo: FGML/CDMH.*





Sempre

Nem mais longe ficaste, nem mais perto,
Por eu ficar aqui mais demorado.
Pois que entre mim e ti, eu creio e é certo,
que ser distante é ser aconchegado...

Foi-se o vapor embora, no azulado,
só resta o fumo a tremular incerto,
Enquanto o coração descompassado
“Sem ti - me clama - o mundo está deserto”.

O mar corre ondulante sobre o mar,
Vem um tormento após outro tormento:
tudo é no mundo feito por findar.

Só não se acaba a imagem tão querida,
Que sempre eterna está no pensamento
De quem a ti adora mais que a vida.



Este livro foi composto na fonte Aldine401 BT, corpo 12,8, entrelinhas 20,2 e para os títulos Castellar, corpo 32, entrelinhas 100 e impresso em papel couché fosco, 150 gramas para Fundação Genésio Miranda Lins.

Primavera de 2014

Itajaí - SC - Brasil